

**PONTIFÍCIA FACULDADE DE TEOLOGIA
NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO**

JOSUÉ VIEIRA SANTOS

A UNÇÃO DOS ENFERMOS

Considerações em vista de uma liturgia e pastoral para o nosso tempo

SÃO PAULO

2006

**PONTIFÍCIA FACULDADE DE TEOLOGIA
NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO**

JOSUÉ VIEIRA SANTOS

A UNÇÃO DOS ENFERMOS

Considerações em vista de uma liturgia e pastoral para o nosso tempo

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em Teologia com especialização em liturgia à comissão julgadora da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, sob a orientação do Pe. Prof. Dr. Valeriano dos Santos Costa.

SÃO PAULO

2006

Agradecimentos

A minha bela família

A Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção: Direção, professores, secretárias e funcionários(as).

Aos padres camilianos, na pessoa do Pe. Júlio Munaro.

Ao Seminário de Teologia Bom Pastor da Arquidiocese de São Paulo nas pessoas de: Cônego José Miguel e Pe. Vitório, reitor e vice, aos seminaristas e diáconos e funcionárias da casa.

A Antonia de Lurdes e Ir. Penha da Glória.

As Paróquias por onde trabalhei pastoralmente

A Paróquia Nossa Senhora Aparecida, na pessoa do seu Pároco, pela acolhida.

A Isabel e Orlando Feiler mais do que amigos.

Enfim, agradeço a todos aqueles e aquelas que colaboraram, de forma direta e indireta.

D. Hélio Pascoal (in memorian).

Dedicatória

Dedico esta dissertação a todos que trabalham com a pastoral dos enfermos na busca constante da compreensão da dor e de modo especial aos doentes e suas famílias.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
Siglas e abreviaturas.....	9
CAPÍTULO I	
ELEMENTOS HISTÓRICO-TEOLÓGICOS	10
1. A Unção e seu Significado na Idade Antiga	10
1.1. A mentalidade judaica e o pensamento de Jesus	11
1.2. Na era apostólica.....	12
1.3. Entre os séculos I e II.....	13
1.4. Século III.....	14
2. A Unção e seu significado na Idade Média	16
2.1. Do século V ao século VIII.....	16
2.2. Do século VIII ao século XII.....	20
2.2.1. Os rituais do primeiro tipo	22
2.2.2. Os rituais do segundo tipo	22
2.2.3. Os rituais do terceiro tipo.....	23
2.3. Do século XII ao século XV	25
3. A Unção e seu significado na idade moderna.....	28
3.1. O Concílio de Trento	28
3.2. A renovação teológica do século passado.....	30
3.3. A influência do Iluminismo católico	31
3.4. O movimento litúrgico.....	33
3.5. O Concílio Vaticano II.....	35
Resumindo.....	37
CAPÍTULO II	
ELEMENTOS ANTROPOLÓGICO-TEOLÓGICOS	41
1. A enfermidade e a ação do Sacramento dos Enfermos.....	42
1.1. A enfermidade como aprendizagem e amadurecimento pascal.....	42
1.2. A Unção na Perspectiva da Cura do Enfermo	45
1.3. A Unção e a Possibilidade de Morte do Enfermo.....	47
2. Teologia da Unção dos Enfermos a partir do rito	51

2.1. A sacramentalidade da Unção dos Enfermos	51
2.2. O núcleo da liturgia da Unção dos Enfermos	54
2.2.1. O óleo enquanto elemento sacramental essencial.....	54
2.2.2. A bênção do óleo	56
2.2.3. Os locais da unção	59
2.2.4. Fórmula da Unção.....	60
2.3. Dimensão eclesial do Sacramento da Unção	62
2.4. A celebração pascal da vitória de Cristo.....	64
2.5. A Nova Maneira de Compreensão do Sacramento.....	65
Resumindo.....	70

CAPÍTULO III

LITURGIA E PASTORAL

DA UNÇÃO DOS ENFERMOS COMO SACRAMENTO DA VIDA.....	72
1. O atendimento religioso atual	73
2. Um pouco da história da ação litúrgico-pastoral em relação aos enfermos.....	75
3. A dimensão pastoral do cuidado do enfermo.....	79
3.1 A pastoral da saúde e sua ampla atuação	80
3.2. O agente da pastoral.....	83
3.3. A atuação na comunidade paroquial	84
3.4 A atuação nos hospitais.....	85
3.5. A atuação nos domicílios	87
4. A dimensão litúrgica do cuidado dos enfermos.....	88
4.1. As celebrações do sacramento da cura	89
4.2. A Comunhão dos enfermos.....	95
Resumindo.....	98

CONCLUSÃO FINAL	100
------------------------------	------------

BIBLIOGRAFIA	103
---------------------------	------------

INTRODUÇÃO

Chamado a ser jardineiro do universo e eixo da história, tendo à sua frente possibilidades ilimitadas de realização pessoal e coletiva, cabe também ao homem reconhecer-se fraco, débil, sujeito ao sofrimento e à dor e, inexoravelmente, destinado à finitude e à morte. Daí é que os males de modo geral e, em particular, os causados pela doença, são uma das realidades mais desafiantes para os homens de todos os tempos, exatamente porque o estado patológico questiona-os em profundidade e desvela com bastante objetividade a fraqueza inerente à sua natureza.

Frente à situação que atinge de forma tão aguda a vida das pessoas e das sociedades, muitos setores procuram oferecer resposta. Entre aqueles que tradicionalmente sempre se ocuparam com a questão da saúde, como é o caso da medicina, está, em situação particular, a religião.

No caso da Igreja Católica, há um sacramento deixado por Jesus Cristo como resposta à dor e à fragilidade humanas em busca de vida e solução.

Propomo-nos a estudar nesta pesquisa os elementos histórico-teológicos e os antropológico-teológicos, bem como os elementos litúrgicos principais do atual Ritual de Unção dos Enfermos, reformado pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, para apresentar sugestões para a pastoral da saúde e para a celebração litúrgica, diante da dimensão negativa que tomou conta da Unção, fazendo dela um sacramento da morte e não da vida.

Com este objetivo, nosso trabalho se compõe de três capítulos.

No primeiro capítulo, trabalhamos os elementos histórico-teológicos da Unção dos Enfermos, buscando, através dos séculos, descrever a configuração deste sacramento até à sua reforma pelo Concílio Ecumênico Vaticano II.

No segundo Capítulo, estudaremos os elementos teológico-antropológicos, buscando aprofundar a relação do homem com sua enfermidade e sua busca religiosa de solução. Neste capítulo, veremos a sacramentalidade da Unção dos enfermos, o núcleo da liturgia do sacramento, sua dimensão eclesial, a Unção sob as perspectivas de cura do enfermo, a enfermidade, bem como mostraremos a celebração pascal da vitória de Cristo, a possibilidade de morte do enfermo e a nova maneira de compreender o sacramento.

Finalmente, no terceiro capítulo, focaremos a liturgia e a pastoral da Unção dos Enfermos como Sacramento da Vida, onde tentaremos, ao descrever a situação, oferecer algumas indicações de como tratar tanto a pastoral como a liturgia deste sacramento adequadamente nos dias de hoje.

A tese de fundo que queremos provar é que o Sacramento da Unção dos Enfermos é um sacramento da vida e não da morte, e que, portanto, se assim for, liturgia e pastoral precisam dar-se as mãos para abrir um caminho novo nesta perspectiva.

SIGLAS E ABREVIATURAS.

CEI: Conferenza Epsicopale Italiana

CELAM – Conferência do Episcopado Latino Americano.

CIC – Catecismo da Igreja Católica

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

Dz – Denzinger

GS – Gaudium et Spes

LG – Lumen Gentium

PL – Patrologia Latina

RUE – Ritual da Unção dos Enfermos e sua assistência Pastoral.

SC – Sacrosanctum Concilium

CAPÍTULO I

ELEMENTOS HISTÓRICO-TEOLÓGICOS

Para ressaltar que no tocante à Unção dos Enfermos, hoje precisamos de uma pastoral litúrgica que trate este sacramento como um sacramento da vida e não da morte, e, nesta ótica, encare o enfermo e a enfermidade de forma adequada, neste primeiro capítulo, abordaremos alguns elementos histórico-teológicos da Unção dos Enfermos, para ver se o seu caminho percorrido até hoje nos autoriza a pensar e propor uma nova mentalidade, que, na verdade, parece já assumida pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, mas não colocada em prática como deveria. Não pormenorizaremos as épocas, mas apresentaremos a síntese de cada período histórico.

Buscaremos uma compreensão mais abrangente do Sacramento da Unção dos Enfermos e da própria cura. A cura não seria completa se se restringisse apenas ao aspecto físico. É nesta linha que pretendemos aprofundar a pesquisa histórico-teológica e, desde já, esclarecemos que, com isto, não estamos colocando na sombra o aspecto físico da cura, mas buscando ampliar a visão da pastoral litúrgica do Sacramento da cura.

1. A Unção e seu Significado na Idade Antiga

Vamos percorrer os momentos históricos mais significativos, deste a mentalidade judaica e o pensamento de Jesus, passando pela era apostólica, os séculos I e II, até o século III.

1.1. A mentalidade judaica e o pensamento de Jesus

Em geral, os textos bíblicos não fazem alusão às doenças e calamidades como castigo de Deus, mas obrigam ao reconhecimento da solicitude com que Deus ampara as pessoas acometidas pelo mal, induzindo a crer que, de alguma forma, está presente nas tribulações¹.

Tal certeza já nos é oferecida nas palavras de Jó²: “Deste-me a vida e o amor; e tua solicitude me guardou” (Jó, 10,12). Os salmos também confirmam o amparo e a presença de Deus, que da sua magnitude olha para o homem com carinho e proteção: “Quando vejo os céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que fixaste, que é um mortal, para dele te lembrares, e um filho de Adão, que venhas visitá-lo?” (Sl 8,4).

Pode-se observar, na atitude de Jesus para com os doentes, toda a ternura de Deus para com a humanidade sofrida. As curas dos doentes caracterizam desde o começo a sua atividade pública e, de certa forma, constituem como que a consequência do ensino e da pregação do Reino: “Ao anoitecer, quando o sol se pôs, trouxeram-lhe todos os que estavam enfermos e endemoninhados... E ele curou muitos doentes de diversas enfermidades” (Mc 1,32-34). Nesta linha,

Jesus percorria a Galiléia, ensinando em suas sinagogas, pregando o evangelho do Reino e curando toda e qualquer doença e enfermidade do povo. A sua fama espalhou-se por toda a Síria, de modo que lhe traziam todos os que eram acometidos por doenças diversas e atormentados por enfermidades, bem como endemoninhados, lunáticos e paralíticos. E ele os curava (Mt 4,23-24).

Uma forte mentalidade judaica via a doença como consequência pessoal ou comunitária do pecado, na dupla valência de castigo pelo mal praticado e de exortação à

¹ Cf. BRESSARI, E. Unção dos enfermos. in *Dicionário interdisciplinar da pastoral da saúde*. pg. 1333.

² Cf. *Ibid.* pg. 1333.

conversão³. Jesus, ao contrário, quando diz ao enfermo: “Eis que estás curado; não peques mais” (Jo 5,14), está libertando-o da culpa e abrangendo uma maior extensão da cura. Ele sabe que, muitas vezes, é o homem justo e temente a Deus quem sofre, à semelhança do Filho do homem. Além disso, o sofrimento pode ter caráter expiatório por uma culpa de terceiros. Isto é válido, sobretudo, para o sofrimento de Cristo e do Apóstolo: “Agora eu me regozijo nos meus sofrimentos por vós, e completo, na minha carne, o que falta das tribulações de Cristo pelo seu Corpo, que é a Igreja” (Cl 1,24).

1.2. Na era apostólica

Seguindo os exemplos de Jesus, a comunidade, através do seu mandato, reserva um lugar especial aos doentes. Portanto, os gestos de Jesus continuam na Igreja apostólica e se tornam esperança para o homem⁴.

Na tradição do Novo Testamento, encontra-se a afirmação de um ministério específico da Igreja para com os doentes, através da visita e do conforto espiritual, “a outro o mesmo Espírito dá a fé; a outro ainda o único e mesmo Espírito concede o dom das curas” (1Cor 12,9).

S. Tiago nos oferece a visão e a base do ministério sacramental em relação aos doentes. Como na vida de Jesus, também na vida da Igreja primitiva, o doente tem um papel relevante na celebração do mistério da salvação⁵:

Alguém dentre vós está doente? Mande chamar os presbíteros da Igreja para que orem sobre ele, unguendo-o com o óleo em nome do Senhor. A oração da fé salvará o doente e o Senhor o porá de pé; e se tiver cometido pecados, estes lhe serão perdoados. Confessai, pois, uns aos outros, os vossos pecados e orai uns pelos outros, para que sejais curados (Tg 5,14-16).

³ Cf. 1Cor 11,30; Lc 19,41.

⁴ Cf. BRESSARI, E. Unção dos enfermos. in *Dicionário interdisciplinar da pastoral da saúde*. pg. 1335.

⁵ Cf. *Ibid.* pg. 1336.

O texto acima é importantíssimo para a compreensão do significado e do valor do sacramento da Unção dos Enfermos, pois nele estão indicados todos os elementos essenciais do sacramento: o rito (unção, oração), realizado pelos presbíteros que representam a Igreja, no nome do Senhor, que é sempre eficaz, se acompanhado pela fé⁶.

1.3. Entre os séculos I e II

Como Jesus valorizou e reconheceu a relação entre corpo e espírito, isto é, o homem em sua totalidade e, por isso, junto com a cura física dissolveu todos os laços da culpa, já que para uma forte mentalidade antiga, a doença tinha a ver com a culpa, ainda que não apareçam testemunhas sobre a Unção durante os dois primeiros séculos, percebemos que as comunidades cristãs entenderam a mensagem do Mestre⁷.

Entendendo a mensagem do Mestre e reconhecendo sua continuidade na era apostólica, assimilaram a importância dada aos excluídos e marginalizados (Lc 6; Is 6), a ponto de, junto com Cristo, se auto-identificar com eles: “*Estive doente e me visitastes*” (Mt 25, 36). Então, só podemos ver aí uma valorização mais ampla e profunda da dimensão corporal como um elemento essencial do ser humano, onde não pode ficar fora tudo o que pertence a esta essência. Portanto, de acordo com o conhecimento bíblico, muito bem expresso tanto por Jesus como na era apostólica, a cura do corpo supunha também a cura do espírito para indicar a cura humana integral. É nesta fonte que se situa a origem do sacramento da Unção dos Enfermos, embora os dois primeiros séculos, como já dissemos, se tenham se caracterizado por um relativo silêncio das fontes explícitas e diretas sobre este Sacramento⁸. O que se apresenta gira em torno de indícios. Isso se deve ao fato

⁶ Cf. *Ibid.* pg. 1336

⁷ Cf. BOROBIO, D. Unção dos enfermos, in BOROBIO, D. (org.) *A celebração na Igreja*. Vol. II. pg. 545.

⁸ Cf. COLOMBO, G. Unção dos enfermos, in *Dicionário de liturgia*. pg. 1205.

de a prática da unção dos doentes ser facultativa e, com relação aos textos e ritos, é preciso recordar que aquele era um tempo de improvisações⁹.

Então, os primeiros cristãos participavam da mentalidade bíblica segundo a qual o corpo em conexão com o espírito constitui um elemento essencial, visto na inclusão da salvação e da redenção¹⁰.

1.4. Século III

Só a partir do século III é que teremos textos explícitos sobre a bênção do óleo, sendo que o primeiro texto a esse respeito nos é oferecido pela “Tradição Apostólica de Hipólito”, obra composta em torno do ano 215. Trata-se até o presente do mais antigo documento litúrgico a fazer menção ao óleo dos enfermos¹¹.

Hipólito transmite-nos uma oração para benzer o óleo, que é pronunciada pelo bispo. O autor mencionou a bênção de Deus através do mesmo óleo que consagrou os profetas, sacerdotes e reis, proporcionando o alívio a quem o tomava e a saúde a quem o usava. Segundo a fórmula, o óleo poderia ser tomado, usado ou recebido, e o efeito era o alívio e a saúde¹². Também aludiu à “aplicação” do óleo:

Assim como ao santificar este óleo tu dás, ó Deus, a santidade àqueles que com ele são ungidos e que o recebem (esse óleo) com que ungiste os reis, os sacerdotes e os

⁹ Um desses indícios é a brevíssima oração de agradecimento pelo óleo, encontrada em versão copta da *Didaquê*, descoberta em 1924, datável do século II (Cf. C. Schmidt, *Das Koptische Didache Fragment des British Museum*, em *Zeitschrift Für neutest. Wissenschaft*, 1925, 81, 99); o segundo é uma lâmina de prata, encontrada numa gruta palestinese em 1963, que traz texto datável dos anos 70-80, que provaria uma praxe da unção (Cf. L. Cristiani, *Découverte d'un texte sur l'Extrême Onction*, em *L'Ami du Clergé* 73 (1963), 490ss; E. Texta, *L'huile de la foi. L'onction des malades sur une lamelle du Ier siècle*, Jerusalém, 1967). Cf. SCICOLONE, H. Unção dos enfermos. Terceira parte. In: NOCENT, A. et al. (ed.). *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. Anamnesis 4. pg. 236. Cf. PARENTI, S. Cura e unzione degli infermi. B. In Oriente. In: AA.VV. *Scientia liturgica. Manuale di liturgia. IV. Sacramenti e sacramentali*. pg. 176-188.

¹⁰ Cf. BOROBIÓ, D. Unção dos enfermos. In BOROBIÓ, D. *A celebração na Igreja*. Vol II. pg. 546.

¹¹ Cf. ORTEMANN, C. *A força dos que sofrem: história e significado do sacramento*. pg. 21.

¹² Cf. *Ibid.* pg. 21

profetas, assim também seja ele conforto àqueles que o absorvem e saúde aos que dele fazem uso¹³.

Este óleo era abençoado todos os domingos, de preferência no domingo de Ramos, e também na Quinta-Feira Santa. Mais tarde ficou apenas na Quinta-Feira Santa.

Os fiéis tinham o costume de conservar uma pequena quantidade de óleo sagrado em casa e com ele se ungiam nas suas doenças¹⁴.

Se alguém oferecer azeite, consagre-o (o bispo) como consagrou o pão e o vinho – não com as mesmas palavras, mas com o mesmo espírito. Dê graças dizendo: assim como, santificando este óleo, com o qual ungiestes reis, sacerdotes e profetas, concedes, ó Deus, a santidade aos que são com ele ungidos e aos que o recebem, assim proporcione ele consolo aos que o provam (*gustantibus*) e saúde aos que dele se servem (*utentibus*)¹⁵.

O autor relacionou o óleo celeste com a água perpétua e com a vigilância das lâmpadas, o que parece aludir à unção batismal e a outras unções que mantêm a vigilância e a esperança¹⁶.

Desde a perspectiva deste ministério, atribuiu-se importância à visita e assistência aos doentes, nas quais era realizada a imposição das mãos e unção. No decorrer da vida cristã, apareceu um modo diverso de unção com óleo, pois o mesmo era o “... símbolo do sacramento de vida, que aperfeiçoa os cristãos, os sacerdotes e os reis; ilumina as trevas; unge os enfermos e re-introduz os penitentes”¹⁷, tendo o sentido de consagrar, santificar e fortalecer. Se for este o sentido do óleo, nada mais natural do que o uso do óleo na Unção dos Enfermos. Para este fim, surgiram no decorrer da história, principalmente na

¹³ *Ibid.* B. BOTTE, B. *La tradition apostolyque de saint. Hippolyte. Essay de reconstitution. 5.ed* Münster westfalen, 1989 (= Liturgie wissenschaftliche Quellen und Forschynger 39).

¹⁴ Cf. COELHO, A. A Unção dos Enfermos. In: *Curso de liturgia romana*. Tomo I – Liturgia Laudativa – Liturgia Sacramental. pg. 583.

¹⁵ MARTIMORT, A. (org.). *A Igreja em oração: introdução à liturgia*. Volume III: Os sacramentos. pg. 113; COLOMBO, G. Unção dos Enfermos, in *Dicionário de liturgia*. pg. 1206; BOTTE, B. *La tradition apostolyque de saint. Hippolyte. Essay de reconstitution. 5.*

¹⁶ Cf. BOROBIO, D. Unção dos enfermos, in BOROBIO, D. (org.) *A celebração na Igreja*. Vol. II, pg. 546-547.

¹⁷ *Ibid.* pg. 546.

Idade Média, as fórmulas mais variadas para administrar a bênção do óleo destinado aos doentes. A unção com o óleo tinha a função de curar o corpo e o espírito.

Em comparação com a bênção, a aplicação tinha uma importância secundária, considerando-se como possibilidade material em que o óleo bento mostrava toda a sua eficácia e, por isso, não havia nenhuma dificuldade que impedisse que os próprios fiéis o aplicassem¹⁸. Uma vez abençoado pelo Bispo ou pelo presbítero, o óleo era colocado à disposição do doente ou de quem cuidava dele, que o usava como remédio, podendo ser bebido¹⁹. A Unção era conferida sem discriminação a qualquer doente.

Até o século III, a bênção do óleo era realizada durante a liturgia, antes do Cânon²⁰. O ministro da bênção normalmente era o bispo e a mesma era realizada na missa do Crisma. Era invocada a efusão do Espírito Santo para a cura das doenças e restituição da saúde. Esperava-se o efeito corporal, mas visava-se a salvação do homem como um todo.

2. A Unção e seu significado na Idade Média

2.1. Do século V ao século VIII

Pelos fins do século IV e no século V, encontramos outras fórmulas de bênção do óleo. Como exemplo, citamos a fórmula abaixo, contida no *Testamentum Domini*, que ainda faz certa confusão quanto ao significado do uso do óleo: parece ser principalmente para curar, mas, no fim, alude à unção batismal:

¹⁸ Cf. *Ibid.* pg. 549; COLOMBO, G. Unção dos enfermos, in *Dicionário de liturgia.* pg. 1207.

¹⁹ Cf. PISTOIA, A. História da salvação, in *Dicionário de liturgia.* pg. 548.

²⁰ Cf. CHAVASSE. A Oração pela Igreja e unção sacramental. In: MARTIMORT, A. *A Igreja em oração,* pg. 671-672.

Se o sacerdote consagra o óleo para a cura daqueles que sofrem, pondo diante do altar o vaso com o óleo, diz em voz baixa: “Senhor Deus, que nos deste o teu Espírito Paráclito, Senhor, nome salutar, espírito imóvel, que é escondido aos néscios e revelado aos sábios. Ó Cristo, que nos santificaste, que com tua misericórdia nos fizeste sábios a nós, teus servos, que escolheste com tua sabedoria. Tu que a nós, pecadores, deste a ciência do teu Espírito, pela tua santidade, quando nos concedeste o poder do teu Espírito; tu que curas toda a doença e todo o sofrimento; que deste o dom da cura àqueles que pela tua graça dele se tornaram dignos, manda (*emitte*) sobre este óleo, que é figura (*typus*) da tua abundância (*pinguedinis*), a plenitude da tua misericórdia, para que liberte os que estão abatidos, cure os doentes, e santifique o que se convertem, quando se achegam à tua fé: porque tu és forte e glorioso nos séculos dos séculos. Amém”²¹.

Neste período, a Unção reforçou sua conotação de remédio cristão, como um recurso da Igreja, sinal de Cristo, autor da cura do homem integral, para o qual o enfermo deveria abrir-se na fé²². O uso do óleo era programado diversamente: unção *ungenti*, poções *gustanti* e aplicação *tangenti* pelos próprios doentes que dispusessem dele²³.

É importante também lembrar neste período, a carta do Papa Inocêncio I (407-417) a Decênio, bispo de Gúbio²⁴. A carta é resposta a Decênio, que tinha dúvidas sobre o ministro dos sacramentos. Ela é importante porque o texto implica uma sistematização minuciosa da disciplina sacramental da Unção dos Enfermos e é o mais antigo documento pontifício que atesta a existência do sacramento. Não se pode subestimar a qualificação *genus sacramenti*, mas é evidente que não descreve uma cerimônia religiosa qualquer, porque os penitentes públicos são excluídos de sua recepção²⁵.

Também esta carta é o primeiro texto oficial a fazer referência à passagem de São Tiago, onde podemos encontrar a distinção entre aqueles que devem sagrar o óleo e os que devem ministrá-lo aos doentes²⁶:

Na verdade, porque quis tua caridade consultar sobre este ponto, como sobre os demais – e porque ocorre também [...] que tua caridade citou o que está escrito na carta [epístola] do Apóstolo São Tiago: ‘Há entre vós algum doente? Chame os

²¹ *Testamentum Domini*, I, 24-25, citado por SCICOLONE, H. *Unção dos enfermos*, In: NOCENT, A. et al. *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. Anámnese 4 pg. 237.

²² Cf. COLOMBO, G. Unção dos enfermos, in *Diccionario de liturgia*. pg. 1207.

²³ Cf. *Ibid.* pg. 1206.

²⁴ Cf. PL 20, 559-560. citado por COLOMBO, G. Unção dos Enfermos. in *Diccionario de liturgia*. pg. 1206

²⁵ Cf. COLLANTES, J. *A fé católica*: documentos do Magistério da Igreja. pg. 1073.

²⁶ Cf. *Ibid.* pg. 1074.

presbíteros da Igreja; e estes façam oração sobre ele, unguindo-o com o óleo em nome do Senhor; e a oração feita com Fé salvará o enfermo e o Senhor o levantará; se tiver cometido pecados, lhe serão perdoados' (Tg 5, 14-15) –, não há dúvida de que isto se deve aplicar e entender dos fiéis doentes que podem ser unguídos com o óleo santo do crisma, que, preparado pelo bispo, pode licitamente ser usado não só pelos sacerdotes, mas também por todos os cristãos, segundo sua própria necessidade ou dos seus familiares.

Além disso, vemos que foi acrescentado um ponto desnecessário: duvidar que possa o bispo fazer licitamente o que, sem dúvida, é lícito aos sacerdotes. De fato, fala-se aqui os presbíteros, porque os bispos, impedidos por outras ocupações, não podem acudir a todos os enfermos; mas se o bispo pode ou julga conveniente visitar alguém pessoalmente, pode, sem dúvida, abençoá-lo e ungi-lo com o crisma, ele mesmo, aquém compete preparar o crisma [*chrisma conficere*]. Não se pode, porém, ungi-los os penitentes, porque é um sacramento específico [*quia genus est sacramenti*]; e como se pode pensar que seja permitido conceder esta espécie de sacramento [*unum genus*] àqueles aos quais são negados os outros²⁷?

Como vemos, esta carta deixou clara a importância primordial da bênção do óleo pelo Bispo, esclarecendo que o texto de Tiago deveria ser entendido com relação aos fiéis doentes, onde os mesmos poderiam usar o óleo nas suas necessidades pessoais. Portanto, o uso do óleo não ficava restrito aos presbíteros²⁸:

Deste óleo preparado pelo bispo, não somente a hierarquia sacerdotal, mas também todos os cristãos possuem a faculdade de usar para fazer a unção quando a doença os acometeu, eles ou os parentes... Cabe ao bispo preparar esse óleo. É natural que não possa ser aplicado aos “penitentes”, porque pertence ao gênero dos sacramentos²⁹.

Outro documento importante é o Sermão número 13 de Cesário de Arles:

Todas as vezes que ocorre uma doença, o doente receba o corpo e o sangue de Cristo, peça humilde e devotadamente o óleo bento pelos sacerdotes e, em seguida, unja o próprio corpo para que o que está escrito se realize nele (cf. Tg 5,14-15). Quem, na doença, se apressa a recorrer à Igreja, merecerá a saúde do corpo e o perdão dos seus pecados³⁰.

Futuramente, vamos ter o testemunho dos escritos escolásticos, onde ocorreu uma mudança completa no que vinha sendo feito com a Unção até o momento.

Como esta mudança se dá a partir da fórmula romana *Emitte*, que, transmitida, quer pela redação gregoriana dos fins do século VI, quer pela redação gelasiana do século

²⁷ PL 20, 559-560, citado por COLOMBO, G. Unção dos enfermos, in *Dicionário de liturgia*. pg. 1206

²⁸ Cf. *Ibid.* pg. 1206

²⁹ BRESSARI, E. Unção dos enfermos, in *Dicionário interdisciplinar da pastoral da saúde*. pg. 1337.

³⁰ Citado por *Ibid.* pg. 1337

VIII, pode ser captada e percebida na sua origem, no século V, vamos frisar melhor o sentido destes textos na sua origem. Esses textos se inserem em continuidade com a *Traditio Apostolica*, onde aparece a fórmula de benção na prece eucarística. É uma oração dirigida ao Espírito Santo, cuja vinda se invoca sobre o óleo, para que este se torne remédio para o corpo e para o espírito³¹.

A presença do Espírito Santo é invocada para explicar a eficiência do óleo. Abençoado, o óleo recebe uma nova eficácia, tornando-se remédio para o corpo e para o espírito. É o efeito corporal que a fórmula mais desenvolve. O óleo poderá afastar do corpo toda dor, toda fraqueza, toda enfermidade. A fórmula *Emitte*, em substância, é uma epiclese explícita. Invoca-se o Espírito Santo, de quem o óleo e a unção são sinais. O efeito é a cura de todo mal do corpo e do espírito, sem especificar detalhes. O modo de usar este óleo tem variações bíblicas³²:

Envia, ó Senhor, do céu o Espírito Santo Paráclito sobre este óleo que quiseste extrair de uma verde árvore, para restaurar o espírito e o corpo. A sua santa benção torne-se, para quem o beba (*gustanti*) ou o aplique em si mesmo (*tangenti*), remédio do corpo, da alma e do espírito; afaste toda dor, toda fraqueza, todo mal do espírito e do corpo; este óleo com que ungiste os sacerdotes, os reis e os profetas e os mártires, o ótimo crisma que tu abençoaste, permaneça nas nossas entranhas, em nome de Jesus Cristo, nosso Senhor³³.

Naquele momento, os destinatários eram os doentes ainda sem indicação da gravidade do mal. Eles recebiam esta Unção na igreja, mas podiam pedir o óleo e depois serem ungidos em casa pelos seus parentes, ou ungirem-se a si mesmos. O efeito principal era o da saúde corporal; com isto, a Unção era vista como o remédio da Igreja para um

³¹ Cf. COLOMBO, G. Unção dos enfermos, in *Dicionário de liturgia*. pg. 1206.

³² Cf. ORTEMANN, C. *A força dos que sofrem*, pg. 22-23.

³³ Encontra-se na maior parte dos exemplares do Sacramentário Gelasiano do século VIII (cf. a ed. Mohlberg n. 382); Gel. 382; Gr., 334; Gel. 619; SCICOLONE, H. Unção dos enfermos, pg. 239; RIGHETTI, M. *Manuale di storia litúrgica*. V. IV, pg. 328: “*Emitte, quaesumus, Domine, Spiritum sanctum Paraclitum de coelis in hanc pinguedinem olei, quam de viridi ligno producere dignatus es ad refectiorem mentis et corporis. Et tua sancta benedictio sit omni ungenti, gustanti, tangenti, tutamentum corporis, animae et spiritus, ad evacuandos omnes dolores, omnem infirmitatem, amnem aegritudinem, mentis et corporis. Unde unxisti sacerdotes, reges et prophetas et martyres, chrisma tuum perfectum a te, Domine, benedictum permanens in visceribus nostris, in nomine D.N.J.C.*”

estado da doença. Para a remissão dos pecados, ligava-se, também, o efeito corporal ao espiritual, abrindo-se a idéia de que curar um significava curar o outro. Este sacramento preparava o homem para receber a glória divina.

Somente na metade do século VIII é que se deu na Igreja latina a organização dos rituais dos enfermos. Os primeiros sacramentários romanos não falam da imposição das mãos, nem da unção³⁴.

Até o século VIII não encontramos rituais da Unção, mas apenas as fórmulas para a bênção do óleo, revestindo-se a sua aplicação de um caráter quase familiar e sem rito preciso. Neste período, também surgiu a intervenção da Igreja oficial na administração da Unção. Tratava-se da fórmula da bênção do óleo ainda segundo a tradição apostólica, inserindo a fórmula de bênção na prece eucarística³⁵.

Quanto ao uso, a fórmula diz que o óleo pode ser tomado, usado ou recebido. Como já dissemos. O efeito é o alívio (*confortationem*) e a saúde (pelo menos na versão latina)³⁶.

2.2. Do século VIII ao século XII

A partir do século VIII, a Unção começou a ser reservada àqueles que estavam em perigo de morte, passando a ser considerada o último perdão eclesial concedido aos moribundos. Concomitantemente, desponta a preocupação maior com relação aos ritos e suas aplicações. Entre os séculos VIII e XII, aparece uma riquíssima documentação sobre a prática da Unção dos Enfermos. Tendo como referência os textos gelasianos e gregorianos, a novidade não consiste na bênção, mas nos ritos de aplicação. E na estria desta novidade,

³⁴ Cf. MARTIMORT, A. *A Igreja em oração*, pg. 116.

³⁵ Cf. SCICOLONE, H. *Unção dos enfermos*, In: NOCENT, A. et al. *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. Anámnese 4 pg. 244.

³⁶ Cf. *Ibid.* pg. 236.

agora é o sacerdote o único a aplicar a Unção, embora ainda permaneça certa abertura da pessoa realizar em si mesma, pelo menos até a reforma carolíngia.

Com isto, inicia-se uma proliferação dos rituais da Unção para o uso dos padres, em tese, os únicos agora habilitados a conferir o sacramento. Tudo isto se dá num processo paulatino.

A Unção era vista como último remédio da Igreja. Entre os séculos VIII e XII, o centro não era mais a bênção do óleo, mas a administração da Unção. O clero foi assumindo um papel cada vez mais decisivo e determinante e era dado cada vez mais destaque aos efeitos espirituais da Unção. A partir do século X, o óleo era visto sob o ângulo da purificação dos males e as pessoas eram unguidas, sobretudo, por serem veículos do pecado³⁷.

Então podemos dizer que o fenômeno carolíngio levou, na questão da Unção dos Enfermos, ao seguinte resultado: Esta transformação cristalizada no período carolíngio, levou à ritualização celebrativa, à acentuação aplicativa, à clericalização sacramental, à espiritualização dos efeitos, à penitencialização do sacramento e à extremização dos sujeitos.

Os rituais latinos da Unção dividiam-se em três tipos, segundo a maneira como organizavam a aplicação do óleo: fórmulas, números e lugar das unções³⁸.

³⁷ Cf. ORTEMANN, C. *A força dos que sofrem*, pg. 53-57.

³⁸ Sobre estes rituais, vários autores nos apresentam o mesmo esquema com relação aos tipos de unção e às fórmulas a serem usadas. Entre eles, destacam-se: ORTEMANN, C. *A força dos que sofrem*, pg. 44; SCICOLONE, H. *Unção dos enfermos*, In: NOCENT, A. et al. *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. Anámnese 4 pg. 244-246.

2.2.1. Os rituais do primeiro tipo

Os rituais do primeiro tipo são os mais antigos (século VIII e início do IX). Neles se empregavam uma ou diversas fórmulas no momento da aplicação da Unção, cujo número nem sempre era o mesmo e cujo lugar não se especificava. Muitas vezes, estava prevista a unção no local dolorido. Ainda não se definia o número de unções. A Unção poderia ser feita de modo global e nem sempre possuía fórmula própria³⁹.

Eu te unjo com o óleo santo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, suplicando a misericórdia do mesmo e único Senhor e Deus nosso, para que, eliminadas todas dores ou incômodos do teu corpo, que te seja restituída a força e a saúde, já que pela ação deste mistério, por esta unção do sagrado óleo e pela nossa suplica, medicado ou sustentado pela força da Santíssima Trindade, mereças receber melhorada a saúde anterior⁴⁰.

2.2.2. Os rituais do segundo tipo

Nos rituais do segundo tipo (século IX), cada unção havia uma fórmula própria, mas as unções não se limitavam ainda aos cinco sentidos e as fórmulas costumavam ser indicativas⁴¹.

Os pecados provinham dos diferentes sentidos através dos quais são cometidos e eram expressos nas fórmulas das unções mencionadas. Já aparecia explicitamente o número de unções e, ainda, um número muito grande de partes do corpo que seriam

³⁹ Cf. ORTEMANN, C. *A força dos que sofrem*, pg. 44

⁴⁰ PL 162, col. 260, C-D, citada por SCICOLONE, H. Unção dos enfermos, In: NOCENT, A. et al. *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. Anámnese 4 pg. 254: “*Unguo te de oleo sancto in nomine Patris et Filii et Spiritus sancti, obsecrans misericordiam ipsius unius Domini ac Dei nostri, ut fugatis omnibus doloribus vel incommoditatibus corporis tui, recuperetur in te virtus et salus, quatenus per huius operationem mysterii, et per hanc sacrati olei unctionem et nostram deprecationem, virtute sanctae Trinitatis medicatus sive fatus, pristinam et immelioratam recipere merearis sanitatem*”.

⁴¹ Cf. PL. 524-525, citado por MARTIMORT, A.G. *A Igreja em oração*, pg. 119.

ungidas. As fórmulas pediam o perdão dos pecados, a força contra o demônio, a saúde corporal⁴².

Unjo teus olhos com o óleo santificador, para que se expie pela unção deste óleo todo o pecado cometido por olhares ilícitos.

Antífona: socorre, Senhor, este enfermo, e aplica-lhe o remédio espiritual, para que reconduzido por ti à saúde anterior, ele te renda graças.

Unjo estas costas, ou o meio das costas, com o óleo santo, para que munido de todo lado com a proteção espiritual, possas desprezar virilmente e expulsar para longe com a força deste auxílio às insídias do ímpeto diabólico⁴³.

Quanto ao ministro, podemos distinguir dois momentos: aquele em que ocorre a realização do sacramento (que compete ao Bispo); e aquele do uso ou da Unção (que pode ser realizada pelo Bispo, presbíteros, e até pelos próprios fiéis sobre si mesmos ou sobre seus parentes)⁴⁴.

Contudo, não há indicação sobre os efeitos da Unção, porém, devido a mesma ser realizada num doente e por não citar Tg 5,16, pode-se deduzir que se referia apenas ao efeito corporal⁴⁵.

2.2.3. Os rituais do terceiro tipo

Os rituais do terceiro tipo (final do século X) tinham tendência simplificadora e dissociada dos rituais próprios da Unção, penitência e viático. Quase sempre reduziam as unções aos cinco sentidos e cada unção era acompanhada por uma fórmula deprecativa⁴⁶.

⁴² Cf. ORTEMANN, C. *A força dos que sofrem*, pg. 45.

⁴³ SCICOLONE, H. *Unção dos enfermos*, In: NOCENT, A. et al. *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. Anámnese 4 pg. 245: “*Unguo oculos tuos de oleo sanctificato, ut quidquid illicito visu deliquisti, huius olei unctionem expietur. Per.*

Ant. Succurre, Domine, infirmo huic, et medica eum spiritali medicamine, ut in pristina sanitate a te restitus, gratiarum tibi referat actionem.

Ungo has scapulas, sive medium scapularum de oleo sancto, ut ex omni parte spiritali protectione munitus, iacula diaboli impetus viriliter contemnere, ac procul possis cum robore iuvaminis repellere. Per...”.

⁴⁴ Cf. *Ibid.* pg. 240.

⁴⁵ Cf. *Ibid.* pg. 240.

⁴⁶ Cf. BOROBIÓ, D. *Unção dos enfermos*, in BOROBIÓ, D. (org.) *A celebração na Igreja*. Vol II. pg. 551.

Aí, aparecia o efeito espiritual devido à nova organização, transformando-se num rito de reconciliação mais do que de cura⁴⁷.

Por esta unção do óleo sagrado e pela bênção de Deus, o Senhor te perdoe todos os pecados que cometeste pela vista, tato...
 Ou: Por esta (santa) unção e pela sua piíssima misericórdia, o Senhor te perdoe todos os seus pecados que cometestes por ...⁴⁸.

Com a reforma carolíngia, não mais foi permitido aos próprios fiéis usarem o óleo dos enfermos por si mesmos. Foi a partir do século IX que apareceram nos rituais uma sistematização e uma organização para este sacramento, até com a imposição das mãos.

Então, podemos dizer que no século IX, este sacramento se tornou formal, com o sacerdote sendo o ministro exclusivo da Unção dos Enfermos, transformando-se em Unção dos moribundos, com ênfase explícita na salvação espiritual e perdão dos pecados.

No século X começou a aparecer a Unção como rito preparatório para a morte. A penitência recebeu as mesmas características que levou os fiéis a adiarem a Unção para os últimos instantes da vida. A Unção assumiu a figura de rito da reconciliação “da penitência *ad mortem*” e herdou orações que exprimiam o seu efeito purificador. Neste período, para receber a Unção era necessário o perdão dos pecados pela penitência, ganhando com isto um caráter de reconciliação⁴⁹.

Só no século XII surgiu a denominação da Unção como extrema-unção, que passou a ser administrada somente em extrema necessidade⁵⁰.

Esta elaboração significou um esforço pela unificação e ordenação celebrativa e uma simplificação dos ritos, já que, num primeiro momento, estas celebrações duravam horas. Esta era a ordem estabelecida: entrada na casa; bênção da água e aspensão da mesma; confissão e ritos de penitência (salmos e orações); unções e viático com suas

⁴⁷ Cf. ORTEMANN, C. *A força dos que sofrem*, pg. 52-53.

⁴⁸ SCICOLONE, H. *Unção dos enfermos*. In: NOCENT, A. et al. *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. Anámnese 4 pg. 246.

⁴⁹ Cf. PISTOIA, A. História da salvação, pg. 553; COLOMBO, G. Unção dos enfermos, in *Dicionário de liturgia*, pg. 1207.

⁵⁰ Cf. ORTEMANN, C. *A força dos que sofrem*, pg. 56-57.

orações correspondentes e, às vezes, imposições de cinza e cilício⁵¹. Este modelo perdura até hoje, com apenas algumas modificações.

Assim, definitivamente, ocorreu a clericalização dos sacramentos, com a monopolização da administração deste sacramento por parte dos sacerdotes. Aconteceu uma modificação, onde agora prevaleciam os efeitos espirituais e o perdão dos pecados. Nisto se perdia tanto o valor da cura física quanto a unidade entre corpo espírito. Portanto a noção bíblica de corporeidade se esvaía.

A Unção, como era conferida no último momento, passou a desempenhar um papel de reconciliação. Com isto, aos poucos, passou a ser considerada como um sacramento de preparação para a morte. O doente passou de um simples enfermo, que também se auto-aplicava a Unção, para o doente grave e o moribundo, que dependia da aplicação sacramental reservada ao padre. De sujeito ativo, tornou-se um sujeito passivo⁵².

2.3. Do século XII ao século XV

Durante este período, a Escolástica desenvolveu uma verdadeira teologia da Unção, com base em certos desligamentos da tradição primitiva, embora não tenham ocorrido mudanças especiais nos escritos escolásticos, insistindo-se no efeito espiritual, no sujeito em perigo de morte⁵³.

Esta praxe da confissão na hora da morte, traz consigo também a Unção dos Enfermos... Inocêncio I tinha escrito que não se podia administrar a unção aos pecadores que não se tivessem reconciliado, porque excluídos dos sacramentos. Aos penitentes, portanto, não se podia administrar a unção a não ser após a reconciliação no leito de morte. E mesmo quando a prática da reconciliação privada restabeleceu a reconciliação “em vida”, o óleo dos doentes continuou reservado apenas para a hora da morte [...] ⁵⁴.

⁵¹ Cf. BOROBIO, D. A unção dos enfermos. In BOROBIO D. (org). *A celebração na Igreja*, Vol II. pg. 551.

⁵² Cf. COLOMBO, G. Unção dos enfermos, in *Dicionário de liturgia*. pg. 1207.

⁵³ Cf. BOROBIO, D. Unção dos enfermos, in BOROBIO, D. (org.), Vol. II. pg. 553.

⁵⁴ BRESSARI, E. Unção dos enfermos, in *Dicionário interdisciplinar da pastoral da saúde*. pg. 1337.

Destacam-se alguns escritores escolásticos, refletindo o sacramento a partir da realidade do seu tempo.

Para Pedro Lombardo (1095-1160), a Unção era o sacramento dos moribundos; devendo ser administrada no final da vida⁵⁵. Atribuía ao sacramento dupla finalidade: a remissão dos pecados e o alívio da enfermidade corporal. O efeito não é automaticamente obtido: só se realiza se for conveniente ao enfermo. Em compensação, usufruirá sempre do efeito corporal⁵⁶.

De acordo com Alberto Magno (1206-1280), a Unção era o sacramento dos que já estavam em perigo de morte, próximos da partida. É o sacramento que os prepara para esta hora decisiva, purificando-os de tudo o que impediria o seu acesso imediato à glória⁵⁷. O mais específico não era o perdão dos pecados, e sim das penas temporais derivadas do pecado e, portanto, a superação da debilidade introduzida pelo pecado. A cura corporal era um efeito secundário⁵⁸.

No que se refere ao nome, Tomás de Aquino (1225-1274) falava de extrema-unção, último remédio. Com relação ao efeito, ele destacava o fortalecimento espiritual, que permitia ao doente abolir os resíduos do pecado, sendo um remédio contra a debilidade, isto tudo para a preparação para a glória⁵⁹.

A doutrina de Tomás em seu conjunto coincide com a dos outros autores, mas tem aspectos originais, como: que seu efeito principal não é para o perdão do pecado, mas para superar a debilidade do pecado, sobretudo espiritual, mas também corporal. Dá certo

⁵⁵ Cf. Livro IV das *Sentenças*, dist. 23, in.: PL 192, 899-900.

⁵⁶ Cf. PL 192-193; Citado por ORTEMANN, C. *A força dos que sofrem*, pg. 59.

⁵⁷ Cf. ORTEMANN, C. *A força dos que sofrem*, pg. 59.

⁵⁸ Cf. Livro IV, *Sent.*, dist. 23, a. 1; a. 2 ad 3; dist. 2 a. 2; dist. 23, a; 9 citado por Cf. SCICOLONE, H. Unção dos enfermos, In: NOCENT, A. et al. *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. Anámnese 4 pg. 249.

⁵⁹ Cf. BOROBIO, D. Unção dos enfermos, in BOROBIO, D. (org.). Vol II. pg. 553; COLOMBO, G. Unção dos enfermos, in *Dicionário de liturgia*. pg. 1208.

valor ao efeito corporal e ressalta o forte acento escatológico ou de preparação para a glória, mais desenvolvido do que em outros autores⁶⁰.

Convém ressaltar que São Tomás não menciona nem a morte iminente, nem a agonia, como condições para a administração do sacramento⁶¹. O fato de divisar o caso da reiteração, contendo uma possibilidade de cura, permite supor que a Unção não é, para ele, o sacramento dos últimos instantes da vida, mas das enfermidades graves, cuja afecção põe a vida em perigo. A título de justificativa, São Tomás escreveu:

Não resta dúvida de que este sacramento é o último e completa, de certo modo, toda a cura espiritual (realizada pelos sacramentos). Por ele o homem fica preparado, por assim dizer, para entrar na glória e daí a sua denominação de extrema unção. Parece-nos claro que esse sacramento não deve ser conferido, indiscriminadamente, a qualquer enfermo, mas somente àqueles que, devido à sua doença, parecem aproximar-se da morte. Entretanto, se vierem a se restabelecer, o sacramento poderá lhe ser conferido de novo, no caso de se encontrarem em idêntica situação⁶².

Para São Boaventura (1217-1274), o principal efeito da Unção é o perdão dos pecados veniais que dificultam a entrada na glória. Sem dúvida, o pecado venial não afeta especialmente os doentes, mas todos os cristãos. O efeito corporal é indireto, secundário e condicional à saúde da alma⁶³.

João Duns Escoto (1265-1308) levou ao extremo a opinião de Boaventura, ao considerar a Unção como o meio supremo de abolir as faltas veniais, com vistas ao acesso à glória⁶⁴. Para garantir ao sacramento o máximo de eficácia, só poderia ser concedido àquele que não poderia mais pecar, isto é, no derradeiro momento, e de preferência, àquele que já não goza de nenhuma consciência. Se um conceito tão excessivo jamais foi

⁶⁰ Cf. Livro IV, *Sent.*, dist. 23, q. 2, a. 4, s. 2; citado por BOROBIÓ, D. A unção dos enfermos. in BOROBIÓ, D. (org). *A celebração na Igreja*, Vol II. pg. 554.

⁶¹ Cf. ORTEMANN, C. *A força dos que sofrem*, pg. 62.

⁶² Livro IV, *Sent.*, dist. 2, a. 2. citado por BOROBIÓ, D. A unção dos enfermos. in BOROBIÓ, D. (org). *A celebração na Igreja*, Vol. II. pg. 554

⁶³ Cf. BOROBIÓ, D. A unção dos enfermos. in BOROBIÓ, D. (org). *A celebração na Igreja*, Vol. II. pg. 554; ORTEMANN, C. *A força dos que sofrem*, pg. 61.

⁶⁴ Cf. Livro IV, *Sent.*, dist. 23, q. única, a. 3; citado por BOROBIÓ, D. A unção dos enfermos. in BOROBIÓ, D. (org). *A celebração na Igreja*, Vol. II. pg. 554

sancionado pela Igreja, nem por isso deixa de vigorar até hoje na opinião de certos pastores e inúmeras famílias⁶⁵.

A interpretação de Abelardo vincula, de um lado, a unção do batismo (unção batismal) e, portanto, com a idéia de “consagração”; do outro, com a penitência e, portanto, com a “remissão dos pecados”. É o que nos mostra o trecho a seguir:

O primeiro vínculo abre a perspectiva da unção como complemento da consagração batismal, no sentido de que a consagração batismal dá início à vida cristã na sua fase terrena; a unção, porém, completa, isto é, põe termo à vida cristã, preparando o fiel para a vida futura e garantindo para o corpo um fulgor especial na ressurreição. A unção, agora já qualificada como “extrema unção”, prepara o homem para a visão divina. A segunda vinculação nada mais faz do que explicar a progressiva fisionomia penitencial que agora está assumindo a unção⁶⁶.

3. A Unção e seu significado na idade moderna

Antes do Concílio de Trento, o rito da Unção passará por mais uma mudança. A partir do século XIV, a Unção começou a ser celebrada depois do viático. Com este último deslocamento, a evolução do rito da Unção chegou a seu término. A Unção, que chegara a ser a última penitência, passou a ser compreendida a partir disso como o último dos sacramentos antes da morte. Veio a ser mais do que nunca a “extrema-unção”⁶⁷.

3.1. O Concílio de Trento

Depois dos grandes teólogos medievais, a maior colaboração veio da doutrina proclamada no Concílio de Trento, em 1551, que consagrou a teologia de São Tomás⁶⁸.

O Concílio de Trento, na sua sessão XIV, considerou a extrema-unção quase como um apêndice da penitência, justamente por grande influência da Escolástica, que colocou este sacramento ligado à penitência, devendo ser ministrado no último momento.

⁶⁵ Cf. ORTEMANN, C. *A força dos que sofrem*, pg. 60.

⁶⁶ COLOMBO, G. Unção dos enfermos, in *Dicionário de liturgia*. pg. 1208.

⁶⁷ Cf. RUSSO, R. Unção dos enfermos. In: CELAM: *Manual de Liturgia*. Vol. III – A celebração do mistério Pascal: os sacramentos: signos do mistério, pg. 248.

⁶⁸ Cf. ORTEMANN, C. *A força dos que sofrem*, pg. 65.

Trento quis responder aos protestantes, que afirmavam que a extrema-unção não era sacramento, mas apenas carisma provisório da cura concedida aos Apóstolos e que, se fosse sacramento, sempre haveria o efeito da cura, o que não acontecia.

Portanto, a intenção do Concílio era responder a essas objeções e mostrar que a práxis atual da Igreja era uma continuidade dos Apóstolos⁶⁹.

Na tentativa de responder aos protestantes, ficou assim definido em Trento que os destinatários deste sacramento seriam aqueles que se aproximavam do fim, portadores de doenças graves, conforme o texto abaixo:

Declara-se também (no texto de Tiago), que essa unção deve ser feita aos doentes, sobretudo àqueles cujo estado é tão sério que parecem ter chegado ao termo de sua vida: daí a designação de “sacramento dos que se vão” (Dz. 910)⁷⁰.

Os textos anteriores apresentavam os destinatários da Unção como sendo aqueles que se aproximavam do fim, os agonizantes ou aqueles cuja morte era iminente, tornando-se uma das categorias para o uso da Unção. Com tudo isto, o Concílio abriu a possibilidade de uma interpretação muito mais ampla do sacramento.

O efeito era uma graça do Espírito Santo, que aliviava e reconfortava espiritualmente o enfermo:

Um *dom particular do Espírito Santo*. A principal graça deste sacramento é uma graça de reconforto, de paz e de coragem para vencer as dificuldades próprias ao estado de enfermidade grave ou à fragilidade da velhice. Esta graça é o dom do Espírito Santo que renova a confiança e a fé em Deus e fortalece contra as tentações do maligno, tentação de desânimo e de medo da morte (CIC 1520)⁷¹.

A remissão dos pecados era apenas um efeito condicional, onde a Unção só operaria quando existissem pecados a serem redimidos. O efeito corporal era condicional, só se realizando na medida em que fosse útil à salvação da alma, finalidade essencial do

⁶⁹ Cf. SCICOLONE, H. *Unção dos enfermos*, In: NOCENT, A. et al. *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. Anámnese 4 pg. 253; ORTEMANN, C. *A força dos que sofrem*, pg. 65.

⁷⁰ Cf. ORTEMANN, C. *A força dos que sofrem*, pg. 66.

⁷¹ Cf. *Ibid.* pg. 66-67.

sacramento. Encontramos a referência aos efeitos no Capítulo 2 do texto conciliar, após citar o texto de Tiago (5,15):

Com efeito, a realidade (o sacramento) é essa graça do Espírito Santo, cuja unção purifica as faltas, se ainda restam algumas a expiar, assim como as seqüelas do pecado. Dá alívio e fortifica a alma do enfermo, estimulando-o a uma grande confiança na misericórdia de Deus. Assim aliviado, o enfermo suporta mais facilmente os sofrimentos os danos da doença e resiste, com maior vigor, às tentações do demônio que “morde no calcanhar”. Por vezes, ele obtém a saúde corporal, no caso dessa ser útil à salvação da alma (Dz. 909) ⁷².

Em síntese, enquanto os séculos posteriores a Trento se movimentavam substancialmente dentro da ótica tridentina, a discussão teológica relativa ao sacramento se articulou em torno de duas grandes escolas, que veremos no próximo item.

Até o surgimento destas duas escolas, depois do Concílio Trento não se pode dizer que tenha havido um verdadeiro progresso da teologia e da prática da Unção. Os teólogos concentraram sua atenção em pontos bastante secundários, como a necessidade da bênção do óleo, a validade do sacramento, o número de unção, a possível repetição, a idade requerida do sujeito, entre outros, ficando o estudo do sacramento como um “apêndice” do tratado sobre a penitência ⁷³.

3.2. A renovação teológica do século passado

A partir dos anos quarenta inicia-se uma renovação teológica, motivada pelo melhor conhecimento da tradição, pela necessidade de renovação teológica e pastoral e pelo desejo de superar a possível magia sacramental, destacando-se duas linhas de renovação: a da escola alemã e a da escola francesa.

A escola alemã, mais escatológica, seguindo a linha de Abelardo e em parte de Santo Tomás, insiste na dimensão escatológica do Sacramento como a “ultima unção”

⁷² Cf. *Ibid.* pg. 68.

⁷³ Cf. BOROBIO, D. A unção dos enfermos. in BOROBIO, D. (org). *A celebração na Igreja*, Vol. II. pg. 556

relacionada à primeira unção (batismo), “a consagração para a última luta”, “o sacramento da ressurreição” e de “aperfeiçoamento cristão do homem total”, lugar da auto-realização da esperança escatológica da Igreja no momento definitivo, e “unção na perspectiva escatológica da morte”. Estes autores da área alemã (Schmaus, Schöben, Grillmaier, Rahner, Grescake, entre outros) não aprofundam outros aspectos da Unção, mas defendem que este é o mais específico.

A escola francesa, mais existencial, segue mais de perto a práxis e a teologia subjacente da primitiva Igreja, acentuando a destinação da Unção dos Enfermos (não necessariamente em perigo de morte), em sua dimensão de fortalecimento do enfermo para enfrentar as dores da vida, em seu mesmo caráter curativo e terapêutico para o homem total. Só o viático deve ser “sacramento na perspectiva da morte”. Depois das pesquisas de A. Chavasse, muitos outros autores seguiram suas pegadas, como B. Botte, J. Robilliard, H. Rondet, J. Ch. Didier, B. Sesboué, C. Ortemann, e outros⁷⁴.

A partir da segunda guerra mundial, assistimos a uma renovação mais profunda da teologia da Unção, na tentativa de revalorizar o efeito corporal e estender a finalidade do sacramento ao conjunto dos doentes, afastando a perspectiva da morte como condição necessária de sua recepção. Essas reflexões encontram pouco eco junto ao magistério, pelo menos quanto à insistência sobre o efeito corporal do sacramento⁷⁵.

3.3. A influência do Iluminismo católico

Para falarmos da influência que o sacramento da Unção dos Enfermos sofreu do iluminismo, é preciso que se conheça o fenômeno do iluminismo. Não pretendemos aqui fazer nenhum tratado sobre isto. Apenas ressaltar que se trata de um fenômeno

⁷⁴ Cf. *Ibid.* pg. 557-558

⁷⁵ Cf. ORTEMANN, C. *A força dos que sofrem*, pg. 69.

complexo e com várias tendências, abrangendo o Iluminismo antimetafísico e anticristão dos ingleses, como Locke e Hume; o da filosofia alemã, que se relacionava com o Leibniz da maturidade e que se exprimia, por exemplo, em J. Chr. Wolff e no Kant dos anos juvenis; e aquele, enfim, dos enciclopedistas franceses, que influi no Iluminismo italiano, mas que se distingue pela sua oposição ao racionalismo cartesiano, ao anti-historicismo e antiespiritualismo, declarando-se a favor de uma concepção religiosa e teísta, com recuperação de valores do passado.

Ao lado de todas estas tendências e visões, que na verdade buscavam ressaltar a capacidade humana de iluminar seu próprio destino, também se coloca o iluminismo católico, que em si próprio não pode ser considerado destrutivo e nem hostil à Igreja e à religião, e muito menos superficial e insípido. Um exemplo é o iluminismo italiano. Não sem razão, apenas na Itália se realizará uma tentativa, como aquela do Sínodo de Pistóia,⁷⁶ o qual propôs uma reforma litúrgica em muitos pontos semelhantes à do Vaticano II.

Parte do Iluminismo luta pela purificação da Liturgia, mostrando o caminho para o essencial e sua coerência lógica intrínseca. Quis voltar às origens do cristianismo. A moral ideal para ela seria, ao menos na intenção, da liturgia da Igreja primitiva, assim como a arte da época voltada ao clássico. Mas o classicismo litúrgico caiu no mesmo erro do classicismo comum: buscou as formas e simplesmente as imitou, sem que entendesse a lei intrínseca, essencial, íntima do culto antigo. Caiu, por isso, num lamentável anacronismo⁷⁷.

A perspectiva central da reforma litúrgica do Iluminismo católico era, sobretudo, a tendência à simplificação, ao caráter comunitário, à compreensão e edificação. Simplificação queria significar a eliminação de todo o supérfluo, de todo enfeite inútil. Para alguns – poucos na verdade – esta tendência levava a uma simplificação radical, que

⁷⁶ A mais importante tentativa de reforma litúrgica, influenciada pelo iluminismo italiano foi o Sínodo de Pistóia, em 1786. Foi condenado por Pio VI, com a Constituição Apostólica *Auctorem Fidei*, em 1794.

⁷⁷ Cf. BECKHÄUSER, *A Os fundamentos da Sagrada Liturgia*, pg. 263

era, aliás, uma falsificação da liturgia eucarística, a qual se tornava uma simples lembrança. A grande maioria, porém, levada por um desejo perfeitamente legítimo do essencial, pedia apenas uma simplificação exterior.

No que se refere ao que de positivo existia na sua ação, o Iluminismo intuiu e compreendeu o sentido íntimo da Liturgia; abriu e nivelou o caminho para o seu santuário, através de espinhos e escuridão; chegou mesmo até o limiar do próprio santuário e se animou na contemplação da sua beleza; mas não teve nem encontrou a chave para penetrar até a parte interna dele⁷⁸.

Então, podemos dizer com segurança que, diante da complexidade que o rito da Unção adquiriu através dos séculos que estudamos até aqui, o iluminismo católico preconizou uma simplificação mais objetiva, teológica e antropológica.

3.4. O movimento litúrgico⁷⁹

O “movimento litúrgico” é um fato bastante moderno, não apenas no termo, mas também no conteúdo. Com efeito, entendido como corrente que associa ambientes mais amplos na busca de uma renovação, quer, antes de tudo, da própria vida espiritual pela força da Liturgia, quer, num segundo momento, da própria Liturgia, partindo de uma compreensão mais profunda do seu espírito e das íntimas leis que governam, e um fenômeno histórico-cultural de nosso tempo⁸⁰.

⁷⁸ Cf. NEUNHEUSER, B. O movimento Litúrgico: panorama histórico e linhas teológicas: In: NEUNHEUSER, B. A. et al. *Liturgia: momento histórico da salvação*, pg. 14-16.

⁷⁹ Este período foi marcado por alguns fatos importantes: o Pontificado de Pio X, de 1903 a 1914, o surgimento do Centro de Pastoral Litúrgica em Paris, em 1944, com a revista *La Maison-Dieu*, de Pio XII, datada de 1947, e as primeiras reformas litúrgicas promovidas por Pio XII, como Noite da Páscoa, em 1952, e a reforma de toda a Semana Santa. Cf. BECKHÄUSER, A Os fundamentos da Sagrada Liturgia. pg. 268.

⁸⁰ Cf. *Ibid.* pg. 12 .

O movimento litúrgico de nosso tempo encontra a sua preparação, sua força básica e as suas primeiras tentativas de realização nos ambientes monásticos e, sobretudo, em Solesmes (França), com o abade Guéranger, e em Beuron (Alemanha), com os dois irmãos monges Mauro e Plácido Wolter.

Numa extensão de tempo, que abrange perto de cinquenta anos, um grande trabalho foi realizado, tanto no plano prático das realizações e das possibilidades, como no plano da reflexão teológica, a respeito da natureza e do significado da Liturgia. Todos aqueles que se interessavam pela Liturgia, em todas as direções, mantinham estreitos laços entre si, num suceder-se de semanas, de encontros e de congressos.

O movimento litúrgico dos inícios do século XX é expressão de uma reviravolta cultural de uma época, cujas raízes, no início, estão nas aspirações do Iluminismo, na Reforma de Lutero. Ela busca atingir toda a realidade da vida eclesial. O movimento retoma o período e as aspirações do Iluminismo, mas desta vez superadas as barreiras do materialismo, do positivismo e da confiança ilimitada na razão humana⁸¹.

Este estado de coisas sem dúvida fez com que o trabalho da comissão litúrgica preparatória, reunida com vistas ao Concílio Vaticano II, fosse a tal ponto avançando, que o esquema relativo à reforma da Liturgia não só foi o primeiro a ser discutido no Concílio, mas também pôde logo encontrar, depois das discussões conciliares, a forma de uma Constituição litúrgica, a *Sacrosanctum Concilium* (SC)⁸².

Todavia, percebeu-se, com evidência e certeza cada vez maiores, que os primeiros impulsos e as primeiras realizações deste programa de renovação litúrgica já existiam de maneira surpreendente, pela clareza de visão e pela tenacidade de propósitos, na época do Iluminismo.

⁸¹ Cf. BECKHÄUSER, A Os fundamentos da Sagrada Liturgia, pg. 269

⁸² Cf. *Ibid.* pg. 33-34.

3.5. O Concílio Vaticano II

O Concílio Vaticano II não pretendeu oferecer uma doutrina sobre a Unção dos Enfermos. Porém, fez uma reforma tão profunda do rito que chega a propor um novo nome para o Sacramento, de extrema-unção pra Unção dos Enfermos (SC 73). De igual modo, no que se refere ao sujeito do sacramento, os padres conciliares procuraram interpretar o perigo de morte no sentido mais amplo possível, a fim de evitar a casuística e os inconvenientes pastorais vivenciados na práxis *ad mortem*:⁸³. “O tempo oportuno para recebê-lo [o sacramento da Unção] começa quando o cristão já mostra indícios de estar em perigo de morte por enfermidade ou velhice” (SC 73).

Ao preferir o título “Unção dos Enfermos” (SC 73) a “extrema-unção”, o Concílio Ecumênico Vaticano II definitivamente deu uma guinada em busca das nossas fontes litúrgicas e prática pastoral, pois esta mudança de nome indica uma mudança de mentalidade e de teologia. A Unção voltou a ser o sacramento “dos doentes” em função da vida. A fórmula da Unção foi alterada para melhor exprimir a natureza e os efeitos do sacramento. Também, o número de unções foi reduzido a duas: na frente e nas mãos, podendo ser reduzido a uma só unção na frente ou em outra parte do corpo mais adequada. A Unção pode ser repetida, caso haja necessidade (agravamento da doença)⁸⁴.

Podemos verificar o acima exposto no texto a seguir:

A “extrema-unção”, que podemos chamar também, e melhor, de a “Unção dos Enfermos”, não é um sacramento só daqueles que estão para morrer. Portanto, tempo oportuno para receber a Unção dos Enfermos é certamente o momento em que o fiel começa a correr perigo de morte, por motivo de doença ou de idade avançada (SC 73).

⁸³ Cf. POWER, D. O sacramento da Unção: questões abertas. *Concilium*, n. 234, 1991/2, pg. 105[241]: essa posição conciliar foi preparada por estudos históricos sobre os vários usos do óleo bento nos primeiros séculos do cristianismo e por um exame do eucológico para a benção dos óleos ao longo da Idade Média; COLOMBO, G. Unção dos enfermos, in *Dicionário de liturgia*. pg. 1209.

⁸⁴ Cf. SCICOLONE, H. *Unção dos enfermos*, In: NOCENT, A. et al. *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. Anámnese 4 pg. 257-258.

A Unção, portanto, destina-se aos doentes cuja vida periga, devido ao mal que os afeta. Não se trata mais da iminência da morte como critério para a realização do sacramento. A Unção também é destinada às pessoas idosas, visto que sua fraqueza física encerra certo perigo de vida⁸⁵.

O sentido do sacramento (LG 11) é justamente o que se propõe, sublinhando a dimensão eclesiológica, a dimensão cristológica e a pessoal⁸⁶ ou antropológica, conforme se vê a seguir:

Pela Sagrada Unção dos Enfermos e pela oração dos presbíteros, a Igreja toda entrega os doentes aos cuidados do Senhor sofredor e glorificado, para que os alivie e salve (Tg 5,14-16). Exorta-os a que livremente se associem à paixão e morte de Cristo (cf. Rm 8,17; Cl 1,24; 2Tm 2,11-12; 1Pd 4,13) e contribuam para o bem do povo de Deus (LG 11)⁸⁷.

No concílio Vaticano II, temos uma recuperação do efeito curativo do sacramento dentro de uma visão totalizante da pessoa humana⁸⁸.

Entre outros pontos, a preocupação do novo ritual foi direcionada à:

- A aplicação dos princípios da reforma litúrgica (simplicidade e clareza, diversidade e adaptação, participação e prioridade celebrativa comunitária, entre outros);
- A situação do sacramento e ação com os enfermos no contexto sócio-cultural novo (medicina, progresso e ciência, instituições sanitárias, psicologia do doente);
- A compreensão do sacramento no conjunto da ação pastoral com os enfermos;
- A valorização da Unção a partir de uma visão antropológica mais integral (o homem realidade corpóreo-espiritual);

⁸⁵ Cf. ORTEMANN, C. *A força dos que sofrem*, pg. 75-76.

⁸⁶ Cf. BOROBIO, D. A unção dos enfermos. in BOROBIO, D. (org). *A celebração na Igreja*, Vol. II. pg. 559

⁸⁷ BRESSARI, E. Unção dos enfermos, in *Dicionário interdisciplinar da pastoral da saúde*. pg. 1338.

⁸⁸ Cf. VENDRAME, C. *A cura dos doentes na Bíblia*, pg. 207.

- O enriquecimento da dimensão cristológica, enquanto supõe a continuação do ministério de Cristo com os enfermos e a atualização salvífica de sua paixão (completar o que falta à paixão de Cristo: Cl 1,24);
- O reconhecimento das diversas formas e possibilidades de celebração segundo a situação do enfermo (com ou sem eucaristia, em casa ou na Igreja, um ou vários doentes); e
- A re-centralização dos efeitos do sacramento no fortalecimento integral corpóreo-espiritual em ordem e assumir a própria enfermidade e o próprio destino segundo a vontade de Deus⁸⁹.

Tudo isso caminhou para que a Unção fosse relacionada ao cuidado que Jesus tem para com toda espécie de enfermo e com o seu preceito dado aos Apóstolos de curar os enfermos, apreendendo-se, aqui, a essência do sacramento: ele representa o mistério da vitória de Cristo sobre a doença e a morte⁹⁰.

Resumindo

Uma das provas de que a Unção dos Enfermos era primordialmente um sacramento da vida já se manifestava na ênfase que a liturgia, até o século VIII, dava à bênção do óleo e não à sua aplicação. Justamente a bênção do óleo, como veremos no próximo capítulo, tem prevalentemente muitos mais elementos de vida e de esperança.

A partir do século VIII, a ótica deste sacramento foi se deslocando da bênção, com sua forte dimensão eclesial, para a sua aplicação, que no início tinha aspecto mais

⁸⁹ Cf. BOROBIO, D. A unção dos enfermos. in BOROBIO, D. (org). *A celebração na Igreja*, Vol. II. pg. 560

⁹⁰ Cf. SCICOLONE, H. *Unção dos enfermos*, In: NOCENT, A. et al. *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. Anámnese 4 pg. 258.

laical e, agora, sacerdotal. Esse direcionamento provocou também uma proliferação de rituais que se espalharam profusamente.

Em termos bem resumidos, podemos afirmar que nos primórdios da Igreja, além da primazia litúrgica da bênção do óleo, a prática pastoral parece, com efeito, simples e voltada para a cura do enfermo. Além disso, e, talvez, conseqüentemente, com o passar dos tempos, o sacramento dos enfermos foi se caracterizando a partir da expectativa da “salvação eterna” e, por conta disto, foi sendo projetado para o extremo da vida, tornando-se “a extrema-unção”, uma espécie de passaporte para a eternidade, cuja posse parecia garantia de salvação.

Porém, é bom ressaltar que, no início, ao lado da cura, este sacramento tinha também o cunho de sinal da aceitação cristã da morte, o que aprofundou o sentido da própria cura. Desta forma, esta não se restringia ao aspecto físico apenas, mas também às dimensões humanas mais interiores e profundas, como é o caso da aceitação dos limites e da elevação da auto-estima a partir da solidariedade dos amigos e da comunidade. Isso também representa a cura.

Estas definições são fundadas nas palavras e nos gestos de Jesus assumidos na era apostólica e, conseqüentemente, pela Igreja primitiva, portanto na Tradição antiga, uma vez que a Unção dos Enfermos só foi citada explicitamente nos textos a partir do século III, quando a “Tradição Apostólica de Hipólito” fez alusão à bênção do óleo dos enfermos.

Acreditamos, conforme nossa pesquisa que até o século VIII, um momento importante da Idade Média, não houve nenhuma alteração substancial. A redação gregoriana dos fins do século VI e a redação gelasiana do século VIII se constituíram numa continuidade da *Traditio Apostólica*, inserindo a fórmula de bênção na prece eucarística: a oração era dirigida ao Espírito Santo, cuja vinda se invocava sobre o óleo, para que este se tornasse remédio para o corpo e para o espírito.

A partir do século VIII, houve uma guinada em relação à compreensão e a prática da Unção dos Enfermos. Reservava-se a Unção para aqueles que estavam em perigo de morte, sendo considerada como o último perdão concedido pela Igreja aos moribundos. Enquanto nos séculos anteriores a preocupação se centralizava mais nas bênçãos, agora a preocupação se voltou para os ritos de aplicações. A partir daí, começa uma proliferação de rituais em toda parte.

No século IX, ocorreram mudanças que levaram à ritualização celebrativa, à acentuação aplicativa, à clericalização sacramental, à espiritualização dos efeitos, à penitencialização do sacramento e à extremização dos sujeitos.

A partir do século X, os rituais latinos da Unção foram divididos em três tipos, segundo a maneira como organizavam a aplicação do óleo: fórmulas (rituais do primeiro tipo), números (rituais do segundo tipo) e lugar das unções (rituais do terceiro tipo).

Só no século XII surgiu a denominação da Unção como “extrema-unção”, administrada somente em extrema necessidade.

Do século XII ao século XV, a Escolástica desenvolveu uma verdadeira teologia da Unção, insistindo no sujeito em perigo de morte. Entre os autores escolásticos que se destacaram, citamos Pedro Lombardo (1095-1160), Alberto Magno (1206-1280), Tomás de Aquino (1225-1274), São Boaventura (1217-1274), João Duns Escoto (1265-1308).

Depois dos grandes teólogos medievais, a maior colaboração veio da doutrina proclamada no Concílio de Trento, em 1551, que, por influência da Escolástica, considerou a extrema-unção quase como um apêndice da penitência, considerando que a mesma deveria ser ministrada no último momento da vida.

O advento do iluminismo, em sua vertente católica, fez surgir o desejo de simplificação e de aprofundamento teológico a respeito do Sacramento da Unção dos Enfermos. Na estria destas indicações surge o Movimento litúrgico.

Finalmente, com o concílio Vaticano II, a Unção voltou a ser o sacramento “dos doentes”, em vista da recuperação da pessoa humana como um todo.

Com sua doutrina e sua liturgia e com suas insistentes recomendações de renovação da pastoral, a Igreja procura resgatar o sentido profundo da Unção dos Enfermos.

CAPÍTULO II

ELEMENTOS ANTROPOLÓGICO-TEOLÓGICOS

Vimos no capítulo anterior que o Sacramento da Unção dos Enfermos nasceu a partir da prática e da doutrina de Jesus, firmada na era apostólica, como um sacramento da vida, ministrado naqueles momentos em que o enfermo precisava de ajuda para colocar-se de pé no sentido mais amplo do termo. Abrangia o homem na sua totalidade e intuía uma noção de corporeidade que estava fundamentada na mentalidade bíblica.

Neste capítulo, vamos nos deter mais em alguns aspectos antropológico-teológicos que nos ajudam a aprofundar o que no primeiro capítulo mostramos: as origens e a prática deste sacramento até o VIII século constituíram a intuição de fonte da reforma do Concílio Vaticano II. E que, portanto, a transformação sofrida na Idade Média, a qual fez da Unção dos Enfermos um sacramento da morte (extrema unção), significou uma evolução questionável do ponto de vista teológico-bíblico.

Para desenvolver o nosso raciocínio, faremos apenas dois enfoques maiores. No primeiro, abordaremos a enfermidade e a ação do Sacramento dos Enfermos. Como se pode ver, é um enfoque antropológico, onde já se delineia uma teologia sacramental.

Mas, é no segundo momento deste capítulo que enfocaremos mais diretamente a teologia da Unção, a partir, sobretudo, dos elementos rituais que nos são oferecidos pela liturgia.

Acreditamos poder, tanto num como noutro enfoque, ressaltar a grandeza e a beleza de um sacramento que vem em socorro do cristão, quando se encontra na debilidade da enfermidade, sacramento que, até mesmo diante da morte, funciona como uma proclamação pascal da vida. Portanto, sacramento pascal, por excelência.

1. A enfermidade e a ação do Sacramento dos Enfermos

Ao contrapor a enfermidade e a ação do Sacramento da Unção dos Enfermos, deparamos-nos com um dos mais graves problemas antropológicos e a resposta divina mais condizente e sublime. Esta sublimidade se dá bem longe de qualquer ação mágica, pois na perspectiva sacramental, a enfermidade se torna uma rica aprendizagem e amadurecimento pascal, tanto na possibilidade da cura quanto da morte iminente. Então, primeiramente falaremos de forma geral como e porque se dá esta aprendizagem que amadurece o cristão do ponto de vista pascal e, depois, analisaremos como isso se reflete tanto nas situações onde a cura se manifesta como naquelas em que a morte torna-se uma realidade inadiável.

1.1. A enfermidade como aprendizagem e amadurecimento pascal

As dores e enfermidades sempre foram consideradas como os maiores problemas que afligem a vida dos homens. O sofrimento e a enfermidade, em sua dinâmica própria, levariam à destruição do homem, se a fé em Cristo não abrisse à possibilidade de amadurecimento e realização integral como meio de salvação. O enfermo que assim crê vive a enfermidade como uma verdadeira “passagem pascal” que liberta e salva.

Por isso, para o cristão, a enfermidade é tempo de autenticar as relações consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Consigo mesmo, porque a enfermidade é também escola de aprendizagem do limite do ser humano, abrindo a consciência à verdade do mistério pessoal. Com os outros, porque se aprende de forma especial o que significam a dependência, o valor da ajuda e a atenção do outro, o amor e o acolhimento na hora ruim.

Também é momento onde se aprende a valorizar a vida, o desfrute das coisas, a respiração da natureza e o aconchego do espaço⁹¹.

A enfermidade afeta o corpo como um todo, compreendendo uma experiência humana que pode se tornar uma experiência de graça. Afeta a vida na sua totalidade (corpóreo-espiritual, individual-social), levando a pessoa a experienciar uma sensação de limitação e finitude, fragilidade e contingência, dependência e necessidade dos outros, impedindo que ele aja livremente, como estava acostumado⁹².

Com efeito, antes de advir a doença, o homem tinha certo conhecimento confuso de si mesmo enquanto ser finito. O estado patológico lhe revela a finitude no próprio cerne de uma experiência dramática que o envolve por completo⁹³.

Este estado altera a relação do indivíduo consigo mesmo, com os outros e com Deus. A situação o leva a questionar sobre qual será o seu destino, qual o sentido de sua doença e qual a verdade de Deus. O doente se vê como que numa encruzilhada:

[...] E daí também que o doente se veja levado a *tomar uma decisão*, a adotar uma postura, ou de aceitação de sua doença e seu destino (= em seu caso vontade de Deus), ou de desespero, resignação passiva ou rebelião contra o futuro inaceitável⁹⁴.

A enfermidade pode ser também um meio e um momento interpelante, redentor dos outros que participam vivendo junto com o doente da sua dor. E nela podem se sentir chamados, convertidos, cheios de esperança, abalados, remidos. O testemunho do doente pode colocar em crise os outros e conduzi-los à conversão e à fé. A partir da união a Cristo percebemos que existe uma “geografia espiritual” na qual os homens se comunicam para além do visível, numa solidariedade redentora que completa o que falta à paixão de Cristo, contribuindo de forma misteriosa para a salvação de todos.

Contudo, é preciso levar em conta ainda o modo como o doente se vê na sua doença. Por isso é necessário maior aprofundamento teológico, para penetrar a fundo nos

⁹¹ Cf. BOROBIO, D. A unção dos enfermos. in BOROBIO, D. (org). *A celebração na Igreja*, Vol. II. pg. 581

⁹² Cf. *Ibid*, pg. 575-576.

⁹³ ORTEMANN, C. *A força dos que sofrem*, pg. 111.

⁹⁴ BOROBIO, D. A unção dos enfermos. in BOROBIO, D. (org). *A celebração na Igreja*, Vol. II. pg. 576.

significados propostos à fé, “a fim de que o crente possa perceber a coerência das afirmações da fé com a condição vivida e possa experimentá-las no próprio âmago do que ele vive”⁹⁵.

Os que professam a fé cristã, padecendo e experimentando o sofrimento, são ajudados, pela luz da mesma fé a compreender de modo mais profundo o mistério da dor, e suportá-la com maior coragem. Conhecem pela Palavra do Cristo o sentido da doença, tanto para a sua salvação como para a do mundo.

Desde sempre, o homem teve dificuldade em assimilar e assumir o que a enfermidade pressupõe, e buscou explicações. A Sagrada Escritura fala-nos da doença, mas da perspectiva mais geral do mistério do sofrimento. A partir do Antigo Testamento, começa-se a elaborar respostas para essa questão humana, nunca de um ponto de vista científico, mas sempre da ótica da relação com a Aliança, isto é, de uma ótica religiosa⁹⁶.

Quase nunca, a doença é considerada um castigo pelos próprios pecados⁹⁷:

Não só o próprio Cristo, que é sem pecado, cumprindo o que estava escrito no profeta Isaías, suportou as chagas da sua paixão e participou das dores de todos os homens (cf. Is 53,4-5) como continua ainda a padecer e sofrer em seus membros mais configurados a ele quando atingidos pelas provações, que no entanto nos parecem efêmeras e até mesmo leves, comparadas ao quinhão de glória eterna que para nós preparam (Cf. 2Cor 4,17)⁹⁸.

Aquele que aceita serenamente o seu destino, oferecendo-se corajosamente ao que Deus lhe reserva, “já está se abrindo ao amor e à proximidade salvadora de Deus”⁹⁹. A doença é uma situação significativa da vida humana. Enfermidade, morte e pecado aparecem na Bíblia como realidades que se aliam e se conjuram contra o homem – realidades das quais Deus liberta por meio da atualização da história da salvação.

⁹⁵ Cf. *Ibid.* pg 106

⁹⁶ Cf. RUSSO, R. *Unção dos enfermos*, pg. 240.

⁹⁷ Cf. *RUE*. n. 2.

⁹⁸ *Ibid.* n. 2

⁹⁹ Cf. *Ibid.* pg. 577.

É o próprio Jesus quem nos dá uma resposta definitiva sobre o sentido da enfermidade, da dor e da morte no desígnio da salvação, a partir de sua paixão, morte na cruz e ressurreição, assumindo em plenitude o sofrimento. Do ponto de vista da cruz, a dor humana tem um valor positivo na obra da redenção. A enfermidade é lugar de realização da salvação de Deus, momento de manifestação do amor e da acolhida de Deus. E o que Deus nos manifesta e oferece neste momento é a salvação que provém da Páscoa, o amor supremo que por nós expressou de uma vez por todas na morte e ressurreição de seu próprio Filho, e que hoje continua manifestando àqueles que passam por essa situação.

1.2. A Unção na Perspectiva da Cura do Enfermo

Mesmo, considerando o valor antropológico-teológico da doença, os cristãos têm consciência do poder terapêutico e curativo que a presença de Deus realiza na vida das pessoas afetadas pela enfermidade. Também não ignoram o amor do Cristo pelos doentes, que tantas vezes visitou e curou ao longo de seu ministério público¹⁰⁰. Por isso, a liturgia da Igreja acha-se presente nessa situação de sofrimento por intermédio da celebração do Sacramento da Unção dos Enfermos, como sinal eficaz da misericórdia e da cura de Deus e para mostrar a solidariedade da própria Igreja com o enfermo.

Não é por acaso que a Unção se vale do óleo para expressar a cura divina. A Bíblia nos ensina que, desde os tempos mais antigos, o óleo tinha um poder curativo. Servia de remédio. Fazia parte da farmácia dos judeus¹⁰¹.

¹⁰⁰ Cf. *RUE*, n. 1

¹⁰¹ Cf. BORTOLINI, J. *Os sacramentos em sua vida: uma visão completa em linguagem popular*, pg. 110.

Na Antiguidade, o óleo foi usado como medicamento. Ungir com óleo era o gesto médico que curava o enfermo. Assim, a Igreja primitiva escolheu o óleo como “sinal” da Unção dos Enfermos. O óleo significa força¹⁰². Por isso

com a sagrada Unção dos Enfermos e com a oração dos presbíteros, toda a Igreja encomenda os enfermos ao Senhor sofredor e glorificado para que os alivie e os salve. (LG 11).

Os Evangelhos atestam quanto o próprio Senhor se empenhou em cuidar corporal e espiritualmente dos enfermos, ordenando aos fiéis que fizessem o mesmo. Também mostram, com clareza, que o sacramento da Unção, por ele instituído e promulgado na Epístola de São Tiago, começou a ser celebrado pela Igreja, por meio da unção dos seus membros e da oração dos presbíteros, que recomendavam os doentes ao Senhor, padecente e glorificado, para que os aliviasse e salvasse (Tg 5, 14-16), exortando-os a se unirem de coração à paixão e morte de Cristo para o bem do povo de Deus¹⁰³.

A cura fica muito explícita no Ritual atual, sobretudo na oração após a unção:

Curai, Redentor nosso, pela graça do Espírito Santo, os sofrimentos deste enfermo. Sarai suas feridas, perdoai seus pecados, e expulsai para longe dele todos os sofrimentos espirituais e corporais. Concedei-lhe plena saúde de alma e corpo a fim de que, restabelecido pela vossa misericórdia, possa retomar as suas atividades. Que convosco vive e reina para sempre. Amém¹⁰⁴.

Porém, não devemos nos esquecer de que em nossa pesquisa estamos trabalhando a cura no seu sentido mais amplo, a ponto de se transformar na força dos que sofrem e testemunho em favor da Igreja e do mundo:

O sacramento dá à cura o sentido de uma situação nova, oferecendo à liberdade divinizada uma tarefa cristã a realizar, segundo o significado conferido à vida, durante a enfermidade. Indica a cura como uma possibilidade de testemunho em favor da Igreja e do mundo

¹⁰² Cf. GÓIS, J.D. *Breve curso sobre sacramentos*, pg. 78.

¹⁰³ Cf. *Ibid.* n. 3. Cf. Rm 8, 17; Cl 1, 24; 2Tm 2, 11-12 1Pd 4, 13.

¹⁰⁴ RUE, n. 77

Então, a cura como dom de Deus, no sentido mais pleno do termo, é a grande perspectiva do Sacramento da Unção dos Enfermos. E essa dimensão é o argumento primeiro que, em nosso estudo, nos leva a afirmar que a Unção é um sacramento da vida e não da morte.

1.3. A Unção e a Possibilidade de Morte do Enfermo

Como pode ver o leitor, a afirmação de que a Unção dos Enfermos é um sacramento da vida e não da morte, conduz a tese da nossa pesquisa. Porém, ninguém desconhece que o Sacramento da Unção dos Enfermos também deve estar presente nos momentos em que o doente em fase terminal se depara com a morte iminente. Nem por isso, deixa de ser o sacramento da vida, como veremos a seguir.

Na sociedade atual, infelizmente, perdeu-se o protagonismo da morte. Durante séculos, o homem desejou ser protagonista de sua própria morte: a morte era anunciada e aceita, sabia-se que ia morrer e esperava-se a morte. “Morrer bem era a ‘arte’ mais admirada, livrar-se da morte súbita a maior graça...”¹⁰⁵.

Hoje, ao contrário, de tudo isto não resta nem a atitude pessoal diante da morte, nem seu caráter de solenidade pública: o dever não é anunciar a morte, mas ocultá-la, e o ideal não é ser protagonista consciente, mas sujeito inconsciente; privado de seus direitos, o enfermo às vezes é obrigado a suportar a morte clandestina, onde a sociedade procura ocultar o seu próprio destino¹⁰⁶.

¹⁰⁵ BOROBIO, D. A unção dos enfermos. in BOROBIO, D. (org). *A celebração na Igreja*, Vol. II. pg. 613.

¹⁰⁶ Cf. ÁRIES, F. *El hombre ante la muerte*, pg. 57.

Com os avanços da medicina, o prolongamento da vida com a pessoa em situação enferma por muito tempo criou também uma distância entre o enfermo, a família e a própria comunidade.

Contudo, o verdadeiro cristão, embora não participe dessa sensibilidade, não pode aprovar impunemente as deformações dela. Para um cristão, morrer é um acontecimento em que se condensa a vida inteira e que encarna em grau máximo o morrer com Cristo.

A enfermidade introduz a criatura humana numa compreensão de si só como finitude, que é ainda ampliada pela idéia de morte¹⁰⁷. Realmente, a doença, mesmo que benigna, envolve a idéia do fim, uma eventualidade que se extingue¹⁰⁸. Ela é a evocação da morte, assim atesta a maioria dos testemunhos dos doentes. A doença que encaminha para a morte física é um processo com o qual não se pode lutar, principalmente diante da doença incurável¹⁰⁹. Nem mesmo assim, o sacramento se torna sinal de morte:

Se temos motivos para restituir o sacramento aos doentes em geral e considerar aqueles cuja morte é certa ou próxima, como destinatários especiais, tal fato não determina a rejeição de qualquer referência à morte, pois é o elo doença-morte, tal como aparece na análise reflexiva, que nós eliminamos. A morte pertence à própria significação do patológico. Nem por isso a unção é o ‘sacramento da situação de morte’ ou ‘a consagração sacramental da morte’, excluindo todos os outros significados que destacamos¹¹⁰.

Neste caso, a Unção não é para ajudar o enfermo a “bem morrer”, mas para ajudá-lo a viver a enfermidade. E, longe de ser uma consagração no momento da morte, comparável à unção batismal no momento da iniciação, é um fortalecimento na enfermidade, comparável à força para a luta que também se dá na confirmação¹¹¹.

¹⁰⁷ Cf. ORTEMANN, C. *A força dos que sofrem*, pg. 112.

¹⁰⁸ Cf. VALABREGA, J.PG. *La relation thérapeutique*. Paris: Flammarion, 1962, pg. 86.

¹⁰⁹ Cf. ORTEMANN, C. *A força dos que sofrem*, pg. 113.

¹¹⁰ RAHNER, K. Pour une théologie de la morte. In: *Écrits théologiques*, III, pg. 164-165.

¹¹¹ Cf. BOROBIO, D. A unção dos enfermos. in BOROBIO, D. (org). *A celebração na Igreja*, Vol. II. pg. 596.

Se a enfermidade culmina em morte, a ação da Unção se estende até este momento, mas, se este não for o caso, não há por que esperar até este momento. A Unção deixa um espaço para a integração da morte, mas não a coloca no centro, mas sim na perspectiva ou horizonte¹¹².

No caso de doença grave em que a eventualidade da morte desvenda a finitude da forma mais radical, o enfermo é chamado a não se recusar a encarar a morte, mas aceitá-la enquanto necessária ao ser vivo, tornando-se, para ele, uma parte indissociável da realidade humana¹¹³.

O sacramento exprime a integração da finitude, enquanto expressão de uma criação divina e que pode ser superada graças à capacidade dada à liberdade cristã de transpor todas as ordens de determinismo em que se situa¹¹⁴.

Portanto, a intuição do fim constitui um elemento essencial do patológico que a teologia da Unção deve levar em conta¹¹⁵. Se a morte não pode ser afastada, a Unção se torna condição de acesso ao mundo escatológico¹¹⁶.

Por isso, já desde o princípio, solenizou-se este momento com o viático, que como última comunhão eucarística nesta vida, se tornou a provisão (*viaticum*) para a derradeira viagem do cristão, sua páscoa definitiva.

A conservação da Eucaristia no tabernáculo, também com este fim, indica a importância que se dava ao viático como participação última no sacrifício de Cristo e uma garantia para a vida eterna¹¹⁷.

O novo ritual dos enfermos pretende recuperar o viático no seu sentido profético. Para isto, pede que se celebre em verdadeiro perigo de morte; não antes, mas

¹¹² Cf. *Ibid.* pg. 597.

¹¹³ Cf. GUSDORF, G. *L'expérience humaine du sacrifice*. Paris: PG.U.F., 1948, pg. 86-87.

¹¹⁴ Cf. ORTEMANN, C. *A força dos que sofrem*, pg. 127.

¹¹⁵ Cf. *Ibid.* pg. 128.

¹¹⁶ Cf. ORTEMANN, C. *A força dos que sofrem*, pg. 130.

¹¹⁷ Cf. BOROBIÓ, D. A unção dos enfermos. in BOROBIÓ, D. (org). *A celebração na Igreja*, Vol. II. pg. 613.

depois da unção¹¹⁸. Em caso da Unção ministrada em iminência de morte, a Igreja continua dizendo que o viático é um direito e um dever dos fiéis em perigo de morte. Se ao chegar a morte, neste mundo em que vivemos, houvesse lugar para o viático, seria prova de que nós, cristãos, começamos a contar com a maior realidade da vida¹¹⁹.

O viático é uma participação na Eucaristia e em seu mistério pascal de salvação pela morte e ressurreição de Cristo. Se cada eucaristia é memorial de passagem ou páscoa de Cristo, da qual participamos pela comunhão, o viático atualiza e participa de forma especial desta passagem ao Pai, realizada de forma mais integral no moribundo. E se a eucaristia é “penhor de vida eterna” (Jo 6,54) e garantia de ressurreição, o viático significa isto em seu grau máximo para o homem, não só pela proximidade da morte, mas também pelo caráter imediato da esperança cumprida¹²⁰.

O Viático é a última Santa Comunhão como força para o último caminho para a casa do Pai. Toda a caminhada do cuidado dos enfermos deveria ser tal que o sacerdote não deveria ser chamado na última hora. É desejável que, no fim da vida, o enfermo já tenha sido ungido anteriormente durante a enfermidade, junto com a Confissão e a Comunhão. Tanto isso é verdade que o Ritual recomenda que ao chegar o sacerdote junto de um agonizante primeiramente procure dar a ele a Santa Comunhão como Viático e depois proceda, se necessário, à Unção¹²¹.

Todos os batizados têm a obrigação e direito de receber o viático. Convém que o fiel renove, na celebração do viático, as promessas do Batismo¹²².

Os ministros ordinários do viático são o pároco e os vigários paroquiais, os capelães e ainda o superior da comunidade nos institutos religiosos clericais ou sociedade de vida apostólica em relação a todos os que residem na casa. Em caso de necessidade,

¹¹⁸ Cf. “*In transitu ex hac vita*”, “*in periculo próximo mortis*”: *Ordo unctionis infirmorum eorumque pastoralis curae (OUI)*, n. 26,27,93.

¹¹⁹ Cf. BOROBIO, D. A unção dos enfermos. in BOROBIO, D. (org). *A celebração na Igreja*, Vol. II. pg. 614.

¹²⁰ Cf. *RUE*, n. 26

¹²¹ BECKHAUSER, A. *Os sacramentos na vida diária*, pg. 144-145.

¹²² Cf. *RUE*, n 27-28

qualquer sacerdote ou diácono autorizado; na falta de ministro ordenado, qualquer fiel devidamente delegado¹²³.

2. Teologia da Unção dos Enfermos a partir do rito

Feita esta relação entre a enfermidade e a ação do Sacramento da Unção dos Enfermos, agora, na segunda parte deste capítulo, vamos trabalhar a teologia da Unção a partir do seu rito litúrgico, sobretudo do seu núcleo, que é a unção com óleo. Antes, porém, teceremos algumas considerações a respeito da sacramentalidade deste rito litúrgico, considerado um dos sete sacramentos da Nova Aliança. Depois, nos deteremos mais no núcleo mencionado, mas não encerraremos a análise da temática sem antes termos abordado a dimensão eclesial, pascal e a nova maneira de compreensão do Sacramento da Unção que o Concílio Ecumênico Vaticano II proporcionou.

2.1. A sacramentalidade da Unção dos Enfermos

Olhando os elementos histórico-teológicos analisados no primeiro capítulo, podemos afirmar que os dados da Tradição apresentam a Unção dos Enfermos como o sacramento que comunica uma graça do Espírito Santo, tendo como efeito sacramental garantir, além da comunhão com Deus e o próximo, o sustento e o fortalecimento daquele que se encontra fragilizado pela doença ou velhice¹²⁴.

O sacramento, ainda:

¹²³ Cf. *Ibid.* n 29

¹²⁴ Cf. ORTEMANN, C. *A força dos que sofrem*, pg. 106.

- Justifica a cura quando ela advém como uma situação nova onde o indivíduo deverá, enriquecido pela experiência da fé que o patológico provoca, viver a comunhão com Deus e com a comunidade humana.
- [...] realiza também, eventualmente, o perdão dos pecados, na medida em que esses rompem a comunhão com Deus e com os outros, comunhão que a unção tem como finalidade consolidar; na medida também em que é impossível ao doente receber o sacramento da reconciliação antes da unção¹²⁵.

A Unção só é sacramento porque tem sua origem em Cristo e se torna um sinal sacramental pelas seguintes razões:

1. Primeira missão: “expulsavam muitos demônios, e curavam muitos enfermos, unguindo-os com óleo” (Mc 6,13) e mandato pós-pascal de Cristo (Mc 16,17-18); 2. continuação desta missão na comunidade apostólica (Tg 5,13-16) numa concretização explicitativa em nome de Cristo; 3. configuração histórica deste ministério numa necessária e permanente explicitação eclesial sacramental, em coerência com as fontes de referência (Tradição, Magistério, Celebração); 4. necessidade antropológica de uma proclamação sacramental de graça eficaz-simbólica, a partir da experiência de graça na situação de enfermidade¹²⁶.

São várias as figuras no Antigo Testamento que anunciam a vinda do Servo de Javé, através de muito sofrimento, lutando contra o reino de Satanás e entregando sua própria vida¹²⁷.

Cristo é o Messias que vem cumprir as profecias, salvar e libertar os homens. A maior cura de Jesus não são as curas, mas o amor que inverte o sentido da doença¹²⁸.

Assim, o papel da Igreja é levar avante a missão que lhe foi dada por Cristo, ajudando-o a mitigar o sofrimento dos homens.

O enfermo que crê na força de Cristo vivencia a sua enfermidade como uma “passagem pascal” que o salva. Caso recupere a sua saúde, a cura assume o papel de uma nova vida, olhará o mundo com outros olhos. É como se fosse uma ressurreição¹²⁹.

Além da salvação e do fortalecimento, a Unção tem outro efeito: o perdão dos pecados. Este efeito é apontado como eventual ou condicionado, não permanente e

¹²⁵ *Ibid.* pg 106

¹²⁶ *Ibid.* pg. 578.

¹²⁷ Cf. Is 11, 1-10; 35, 1-6; 61, 1-2; 41, 1-4; 53, 10-11

¹²⁸ Cf. *Ibid.* pg. 579.

¹²⁹ Cf. ORTEMANN, C. *A força dos que sofrem*, pg. 119.

fundamental, o que demonstra que não são apenas os pecadores que podem receber este sacramento¹³⁰.

A menção da fé enfatiza que este também é um sacramento da fé da Igreja na relação aqui e agora com o desígnio salvífico de Deus, e da fé do sujeito, embora amiúde manifestada de forma apenas virtual¹³¹.

“Os efeitos do sacramento, pelo menos no que se refere à cooperação necessária do homem, estão ligados à fé do doente e à oração feita pelo ministro da comunidade”¹³².

A Unção também apaga as seqüelas do pecado, designadas pela debilidade espiritual provocada pelo pecado atual e original. E, ainda, quando ficar curado, suas palavras servirão de apoio ao trabalho da Igreja:

O sacramento da Unção dos Enfermos contém a ação de Deus e de sua misericórdia por meio da criatura sensível, o óleo, transformando em sinal eficaz por sua bênção, aplicado pelo ministro ao cristão enfermo, que é o sujeito e protagonista do sacramento. O atuar de Deus consiste no dom do Espírito Santo, que concede a libertação do pecado, a salvação e o consolo (alívio) natural e espiritual¹³³.

Na introdução, o ritual se afirma: “Este sacramento confere ao enfermo a graça do Espírito Santo”, que é sacramentalmente sinalizada de forma especial com a unção com óleo. Eis por que o núcleo da liturgia da Unção dos Enfermos é a unção com o óleo bento. Este dado é tão importante para a teologia litúrgica, que faremos uma análise, embora que sucinta, deste núcleo.

¹³⁰ Cf. BOROBIÓ, D. A unção dos enfermos. in BOROBIÓ, D. (org). *A celebração na Igreja*, Vol. II. pg. 775.

¹³¹ Cf. BRESSARI, E. Unção dos enfermos, in *Dicionário interdisciplinar da pastoral da saúde*. pg. 1337.

¹³² CEI, *Evangelizzazione e sacramenti della penitenza e dell'unzione degli infermi*, n. 148; cf. ONATIBIA, J. L'unzione degli infermi condizione per un rinnovamento sacramentale. In: *Concilium*, 12/9, 1976, pg. 170-182.

¹³³ Cf. RUSSO, R. *Unção dos enfermos*, pg. 258.

2.2. O núcleo da liturgia da Unção dos Enfermos

Como o núcleo da liturgia da Unção dos Enfermos é constituído pela unção com o óleo bento, abordaremos o óleo enquanto elemento sacramental essencial, sua bênção, os locais da unção e, por fim, a fórmula da unção, com a intenção de construir, a partir dos elementos surgidos da análise, a teologia litúrgica da Unção dos Enfermos¹³⁴.

2.2.1. O óleo enquanto elemento sacramental essencial

Como já foi mencionado em relação ao aspecto da cura, o óleo vegetal ou azeite está muito presente na vida das pessoas, muitas vezes sem que elas percebam: é usado pelos atletas, é aplicado em feridas, dá brilho e beleza, encontra-se nos alimentos, produz agilidade, realça a beleza, é medicinal¹³⁵.

O óleo, ou azeite, é fruto da oliveira. Era também usado para louvar a Deus, pois o derramavam sobre as oferendas a ele apresentadas (Lv 2,1.6). Era utilizado (ainda hoje o é) como alimento. Os antigos o usavam nas recepções e nos banquetes (Ex 30, 22-23; Lc 7, 46); misturavam-no com perfumes e assim ungiam o corpo.

O óleo devia ser oferecido principalmente a Deus como primícias (isto é, os primeiros frutos da terra), em sinal de gratidão pelos favores recebidos do céu “Todo o melhor do azeite, todo o melhor do vinho novo e do trigo, estas primícias que oferecem a Iahweh, dou-as a ti” (Cf. Num 18, 12). Quando alguém, em Israel, fosse escolhido para ser rei, sacerdote ou profeta, recebia a unção, isto é, derramava-se óleo em sua cabeça como

¹³⁴ Cf. RUSSO, R. *Unção dos enfermos*, pg. 254.

¹³⁵ Cf. BECKHAUSER, A. *Os sacramentos na vida diária*, pg. 151.

sinal de escolha. É o que podemos ver na escolha do rei Saul (1Sam 10,1), ou Davi (1Sam 16).

O profeta Isaías diz: “O espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu” (Is 61,1). Jesus retoma esse texto de Isaías para dizer que foi ungido e escolhido pelo Espírito Santo para uma missão (Lc 4,18-19)

Não se trata de pensar que o óleo seja algo mágico, que “fecha o corpo” contra o mal. O óleo não é feitiço. É um símbolo e quer transmitir a força divina. Sem esforço, ninguém, por mais ungido que seja, não consegue vencer o mal e o pecado¹³⁶.

Na Unção, o óleo significa, sobretudo, o dom do Espírito Santo para que o doente, em situação especial, receba a força do alto e para que, também na condição de doente, quando as forças físicas estão debilitadas, possa dar testemunho de Cristo nessa situação e consiga unir-se ao mistério da Paixão de Cristo¹³⁷.

Assim, tudo o que se diz do óleo na sua bênção, diz-se de fato do Sacramento da Unção. A oração de bênção na Quinta-feira Santa, usada também quando é feita a bênção do óleo durante a celebração, fala que o Pai, pelo seu Filho, quer curar os males dos enfermos; pede que o Pai envie o Espírito Santo sobre o óleo, para alívio do corpo, e seja para todos, que com eles forem ungidos, proteção do corpo, da alma e do espírito, libertando-os de toda dor, toda fraqueza e enfermidade¹³⁸.

A unção lembra abundância e prosperidade¹³⁹. É o alimento essencial com que Deus, no Antigo Testamento, sacia seu povo fiel “Darei chuva e para a vossa terra no tempo certo: chuvas de outono e de primavera. Poderás assim recolher teu trigo, teu vinho novo e teu óleo” (Cf. Dt 11,14) cuja privação é sinal de castigo (Mq 6, 15; Hab 3, 17). Também indica o alívio e a cura através das propriedades balsâmicas, que justificam seu emprego como remédio¹⁴⁰.

¹³⁶ Cf. *Ibid.* pg. 30.

¹³⁷ Cf. BECKHAUSER, A. *Os sacramentos na vida diária*, pg. 152.

¹³⁸ *Ibid.* pg. 152

¹³⁹ Cf. ORTEMANN, C. *A força dos que sofrem*, pg. 101.

¹⁴⁰ Cf. Is 1, 6; Jr 8, 22; Mc 6,13; Lc 1p,34; Tg 5, 14-15.

Sugere a luz, pois é carburante que se consome iluminando (Ez 27, 20; Mr 25, 3-5). Concedido ao hóspede que acolhemos, é sinal de respeitosa homenagem (Sl 23, 5; Mt 26, 6-13; Lc 7, 38). Pelo seu uso nos ritos consecratórios, o óleo simboliza a profundidade e a plenitude da consagração, que faz passar do mundo profano ao mundo consagrado¹⁴¹.

Na realidade, é o simbolismo terapêutico que privilegia o Sacramento dos enfermos¹⁴².

O sacramento dá à cura o sentido de uma situação nova, oferecendo à liberdade divinizada uma tarefa cristã a realizar, segundo o significado conferido à vida durante a enfermidade. Indica a cura como uma possibilidade de testemunho em favor da Igreja e do mundo¹⁴³.

2.2.2. A bênção do óleo

O óleo é abençoado pelo Bispo na missa da Quinta-Feira Santa, devendo-se guardá-lo em local e recipiente especiais, além do que deve receber outros cuidados, conforme depreendemos pelo texto a seguir:

O Pároco deverá fornecer-se cada ano Óleo novo, a tempo, sendo possível de o utilizar na Bênção da pia batismal no Sábado Santo. Só em caso de necessidade urgente pode empregar o Óleo velho. O óleo velho embebê-lo-á em algodão, para ser queimado. As cinzas serão deitadas na piscina. Se o óleo benzido vier a diminuir, ajuntar-lhe-á, mesmo repetidas vezes, óleo de oliveira não benzido, contanto que de cada vez o óleo ajuntado seja em menos quantidade do que o Óleo existente.

Guardará o Óleo numa âmbula de prata ou de estanho, na igreja, num lugar limpo e descentemente ornado, e fechado à chave; por exemplo, num armário cavado na parede lateral da igreja, junto ao altar-mor, do lado do Evangelho ou da Epístola (D. 1260). Só o poderá conservar em casa por necessidade ou outra causa razoável, com licença do Ordinário¹⁴⁴.

¹⁴¹ Cf. *Ibid.* pg. 101-102.

¹⁴² Cf. *Ibid.* pg. 102.

¹⁴³ Cf. *Ibid.* pg. 131.

¹⁴⁴ COELHO, A. *Curso de liturgia romana*. Tomo I – Liturgia Fundamental – Liturgia Laudativa – Liturgia Sacramental, pg. 579.

A bênção do óleo foi o primeiro elemento liturgicamente organizado deste sacramento. Nela se pôs toda a ênfase da eficácia, sendo exigido que sempre fosse feita pelo ministro ordenado e, a partir do século VIII, somente pelo Bispo¹⁴⁵. Isto explica o valor da bênção, visto que ela deve fazer parte da estrutura do rito. Antigamente, a bênção do óleo constituía a própria fórmula do sacramento, sendo o óleo bento aplicado depois aos enfermos mediante a unção, sem se pronunciar palavra alguma¹⁴⁶.

A oração da bênção do óleo focaliza como eixo a ação do Espírito Santo para conceder a graça da cura sacramental:

Ó Deus, Pai de toda consolação, que pelo vosso Filho quisestes curar os males dos enfermos, atendei à oração de nossa fé: enviai do céu o vosso Espírito Santo Paráclito sobre este óleo generoso, que por vossa bondade a oliveira nos fornece para alívio do corpo, a fim de que pela vossa santa bênção seja para todos os que com ele forem ungidos proteção do corpo, da alma e do espírito, libertando-os de toda dor, toda fraqueza e enfermidade. Dignai-vos abençoar para nós, ó Pai, o vosso óleo santo, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo. Que convosco vive e reina para sempre. (RUE n 75)

A oração tem uma estrutura trinitária cujo centro é a epiclese: a invocação do Espírito Santo. A estrutura aparece do seguinte modo: “Deus Pai, derrama teu Espírito Santo, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo”. São nomeados os três autores da salvação: Deus Pai, a quem é dirigida a oração para enviar o Espírito Santo; o Paráclito que é invocado sobre o óleo; e o Filho de Deus, nosso Senhor Jesus Cristo, por cuja mediação a oração é dirigida ao Pai e o Espírito é enviado¹⁴⁷.

Deus é o consolador, diante da aflição do povo desterrado, do Apóstolo incompreendido, do enfermo acometido por doença grave, do ancião cujas forças se debilitam¹⁴⁸.

¹⁴⁵ Cf. RUE n 21-22

¹⁴⁶ Cf. CELAM. *Manual de Liturgia*, Volume III A celebração do mistério Pascal: os sacramentos: signos do mistério, pg. 254-255

¹⁴⁷ Cf. RUSSO, R. *Unção dos enfermos* pg. 255

¹⁴⁸ Cf. *Ibid.* pg. 255

Na seqüência, recorda-se que Deus desejou curar as doenças dos enfermos por meio de seu Filho Jesus Cristo. Ao fundo, está a temática do Servo Sofredor, que aparece de forma explícita neste texto evangélico:

Ao entardecer, trouxeram-lhe muitos endemoninhados e ele, com uma palavra, expulsou os espíritos e curou todos os que estavam enfermos, a fim de cumprir o que foi dito pelo profeta Isaías: Levou as nossas enfermidades e carregou as nossas doenças (cf Mt 8,16-17).

A oração enfatiza na missão de Jesus, o aspecto do “médico” que dá alívio aos sofrimentos dos enfermos. A recordação de Jesus Cristo é seguida do pedido a Deus para que, a partir do céu, envie seu Espírito Santo Paráclito sobre esse óleo¹⁴⁹.

Entre a recordação de Cristo que cura e o chamado do Espírito Santo, vem o pedido: “Atendei à oração de nossa fé”. No sacramento da Unção, é a oração feita com fé (Tg 5,15), que será saudável para o enfermo. Aqui é a oração de “nossa fé”, que pede o dom do Espírito sobre o óleo com o qual serão ungidos os enfermos¹⁵⁰.

O centro da oração é uma epiclese: o Espírito Santo desce sobre o óleo e penetra-o com seu poder curador, comunicando a graça santificante e a eficácia sacramental¹⁵¹.

A finalidade da bênção do óleo é a proteção divina sobre o enfermo na sua totalidade humana (alma e corpo) “Alma e corpo” indicam a totalidade do ser pessoal do cristão colocado sob a influência do Espírito Santo. Toda a realidade pessoal do enfermo é posta sob a proteção de Deus, mediante o sacramento da Unção. Essa totalidade de alívio e libertação é indicada pelas palavras: “... e experimentem alívio em suas doenças e dores”¹⁵².

¹⁴⁹ Cf. *Ibid.* pg. 256

¹⁵⁰ Cf. *Ibid.* pg. 256

¹⁵¹ Cf. *Ibid.* pg. 256

¹⁵² Cf. *Ibid.* pg 256

A oração se encerra pedindo que tratemos o óleo como santo, em nome de Jesus Cristo. Tratar com respeito sagrado o óleo é expressão de delicadeza espiritual e de reverência pela fé em Cristo¹⁵³.

2.2.3. Os locais da unção

Com a reforma litúrgica e com o Concílio Vaticano II, as unções foram reduzidas a dois locais: nas mãos e na testa ou, em alguns casos, apenas na testa. Ainda, o óleo, juntamente com a imposição das mãos, que se assemelha a um gesto de bênção, significa um sinal de proteção e fortalecimento, recordando-nos o comportamento de Cristo e dos Apóstolos e atualizando o gesto do bom samaritano¹⁵⁴.

A mão, na Bíblia, tem o significado de “poder”. No idioma egípcio, a palavra que se relacionou à mão é o pilar, isto é, a força que sustenta a casa.¹⁵⁵ Então, a unção nas mãos significa o fortalecimento do poder que sustenta e transforma a vida.

Na Sagrada Escritura, fronte ou testa, era o local apropriado para uma marca sagrada.¹⁵⁶ Os sacerdotes israelitas tinham uma marca sagrada na fronte (Ex 28,38), assim como os cento e quarenta e quatro mil eleitos (Ap 14,1) e os habitantes da Nova Jerusalém (Ap 22,4).

Em conexão com cerviz, que é a parte posterior do pescoço, a testa se torna símbolo da docilidade ou da obstinação diante da vontade de Deus. É o lugar de identificação sagrada. A unção na testa com o óleo dos enfermos significa e efetiva uma graça, onde o

¹⁵³ Cf. *Ibid.* pg. 257

¹⁵⁴ Cf. BOROBIO, D. A unção dos enfermos. in BOROBIO, D. (org). *A celebração na Igreja*, Vol. II. pg. 593; Cf. Mc. 6,13; 16,18; Tg 5,14; Lc 10,29-37.

¹⁵⁵ BRUNON, Jean-Baptiste. Imposição das mãos. in LEON-DUFOUR, X. *Dicionário de teologia bíblica*. Col.437

¹⁵⁶ Cf. YOUNGBLOOD, R.F. Testa , fronte. in *Dicionário ilustrado da Bíblia*. pg. 1400

Espírito Santo é doado para que o enfermo, de acordo com a vontade de Deus, leve sua luta até o fim.

2.2.4. Fórmula da Unção

A nova fórmula sacramental substitui a do Ritual Romano de 1614, que aparece pela primeira vez no Pontifical da Cúria Romana do séc. XIII. A mudança foi motivada porque a antiga não exprimia suficientemente a graça do sacramento e acentuava apenas um de seus efeitos: o perdão dos pecados¹⁵⁷.

Eis a fórmula em sua íntegra:

Por esta santa Unção
e pela sua infinita misericórdia,
o Senhor venha em teu auxílio
com a graça do Espírito Santo,
para que, liberto dos teus pecados,
Ele te salve
e, na sua bondade,
alivie os teus sofrimentos¹⁵⁸.

A fórmula exprime com clareza o efeito principal do sacramento por intermédio de três verbos: ajudar, salvar e aliviar¹⁵⁹. Todos estes três verbos têm caráter vital e expressam a ação de Deus em favor da vida.

O específico deste sacramento não é somente o encontro com o Senhor “que salva”¹⁶⁰, mas também com o “Senhor sofredor e glorificado, a quem toda a Igreja entrega os doentes... para que os alivie e os salve, assim como o convite a que livremente se

¹⁵⁷ Cf. RUSSO, R. *Unção dos enfermos*, pg. 258

¹⁵⁸ RUE, n. 76. Cf. também SCICOLONE, H. Unção dos enfermos, In: NOCENT, A. et al. *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. Anámnese 4 pg. 258: “*Per istam sanctam unctionem et suam piissimam misericordiam adiuvet te Dominus gratia Spiritus Sancti, ut a peccatis liberatum te salvet atque propitius allevet*”.

¹⁵⁹ Cf. RUSSO, R. *Unção dos enfermos*, pg. 258

¹⁶⁰ Cf. GRESHAKE, G. G. Unção dos enfermos: o vai-e-vem entre cura física e espiritual. *Cons(Br)*, n. 278, 1998, pg. 108 [692].

associem à paixão e morte de Cristo... e assim contribuam para o bem do Povo de Deus” (LG 11).

Por meio da oração inspirada pela fé, salvar-se-á o doente. Também é impossível que São Tiago tivesse em vista exclusivamente a saúde do corpo, pois equivaleria a prometer aos cristãos a vida sem termo; bastaria, a cada enfermidade, chamar os presbíteros¹⁶¹.

Na sagrada Unção, unida à oração da fé (Tg 5,15), esta fé se exprime e, por isso, deve ser despertada tanto no ministro do sacramento como naquele que o recebe; o doente, com efeito, será salvo pela sua fé e pela fé da Igreja, que contemplam a morte e a ressurreição de Cristo, de onde provém a eficácia do sacramento (Tg 5,15), ao mesmo tempo em que se voltam para o Reino que há de vir, cujo penhor é dado pelos sacramentos¹⁶².

Em resumo, o rito proclamado por São Tiago consiste num sinal sensível (unção e oração) instituído de modo permanente para alívio do enfermo, e que produz a graça por ele significada.

Com isto, não basta que só o enfermo deseje: o importante é que haja um envolvimento de quem preside e de quem recebe. O problema maior relacionado à questão da fé é que na maioria das vezes o padre só é chamado pela família quando não tem mais jeito, isto é, quando o doente já está nos momentos finais de sua vida; conseqüentemente, o enfermo acaba manifestando medo e impedindo a realização sacramental como deveria.

¹⁶¹ Cf. PENIDO, M.T.L. *Iniciação teológica o mistério dos sacramentos*, pg. 395.

¹⁶² Cf. RUE, n. 7.

2.3. Dimensão eclesial do Sacramento da Unção

A morte redentora de Cristo continua sacramentalmente presente no mundo por meio da Igreja. Daí brota o significado eclesial da Unção, especialmente expressa no caráter comunitário da celebração. A celebração do sacramento da Unção dos Enfermos exprime a solicitude material da Igreja para com seus filhos enfermos¹⁶³.

A Igreja deve assumir a missão dada por Cristo a fim de perpetuar a obra de Cristo no tempo, também em sua luta contra a enfermidade e o sofrimento dos homens. Assim se começa a realizar esta continuação das curas e dos carismas da primeira comunidade (At 3,1-26; 1Cor 12,7-9) e assim a Igreja procurou realizar esta tarefa ao longo da história, com pessoas e instituições, com caridade e ciência¹⁶⁴.

A Unção dos Enfermos se acha inserida no quadro de toda a pastoral dos enfermos, cuja característica eclesial é confirmada: é a Igreja inteira, na obediência a Cristo, que deve ser movida pela solicitude para com os enfermos, que não podem ser alvo do cuidado e do zelo exclusivamente dos presbíteros, mas de toda a comunidade cristã¹⁶⁵.

Convém, portanto, que todos os batizados participem desse ministério de mútua caridade no Corpo de Cristo, tanto na luta contra a doença e no amor aos enfermos como na celebração do sacramento dos doentes. Estes sacramentos como todos os outros, têm na realidade um caráter comunitário, que deve manifestar-se o mais possível quando são celebrados. Terão parte especial neste ministério de consolação as pessoas da família e todos aqueles que de qualquer modo se ocupem dos doentes...¹⁶⁶.

Por conseguinte, é tarefa e missão de todo o povo de Deus tornar visível hoje a solicitude de Cristo para com os enfermos; fazendo isto, equivale a viver em obediência ao mandamento de Cristo, “... imporão as mãos sobre os enfermos, e estes ficarão curados.” (Mc 16,18). Transformando-se em autêntica profecia, à medida que se reage, também

¹⁶³ Cf. RUSSO, R. *Unção dos enfermos* Cf, pg. 260

¹⁶⁴ Cf BOROBIO D. A unção dos enfermos. in BOROBIO, D. (org). *A celebração na Igreja*, Vol. II. pg. 597.

¹⁶⁵ Cf. COLOMBO, G. Unção dos enfermos, in *Dicionário de liturgia*. pg. 1209

¹⁶⁶ RUE, n. 33-34

nesse caso, ao processo de privatização que hoje ameaça todo o zelo pastoral junto aos doentes e aos idosos¹⁶⁷.

É fácil, pois, captar o significado da celebração comunitária do sacramento e o conseqüente empobrecimento do mesmo, quando se reduz a gesto furtivo e rápido. Se a comunidade eclesial não se converter na sua mentalidade e nas suas atitudes, não poderá ser o sinal eficaz que revela e atualiza a presença operante de Cristo Salvador e do Espírito. Ela, ao contrário, será contra-testemunho: obscurecerá a face do Cristo e deixará ao esforço de um só (no caso o doente), o que, ao contrário, deve ser tarefa e missão da comunidade eclesial inteira. É evidente que, em tal contexto, pobre da fé e da vida eclesial, a ação litúrgica se reduz a um gesto rápido, apressado, de cunho privado, do sacerdote, sem qualquer consistência comunitária efetiva¹⁶⁸.

Assim como Cristo lutou contra a enfermidade e suas causas (poder do mal, pecado), da mesma forma, a Igreja está obrigada a levar avante esta luta, de modo que desapareçam as causas pecaminosas que em muitos casos produzem a enfermidade (abuso de liberdade, injustiças, alimentação deficiente, escassa assistência médica, desordens morais, patologias ambientais, guerras...) e se implementem os meios necessários para a cura daqueles que por causas naturais estão doentes.

A verdadeira e original ação “curativa” da Igreja consiste precisamente em ajudar o doente a lutar contra a enfermidade, a partir de sua própria situação de homem enfermo. Com isto não se deve cair nem na exaltação do sofrimento, nem na atitude passiva frente à dor, nem na autopunição expiatória. O enfermo não é um resignado passivo, mas um “paciente ativo”, que assume seu sofrimento com a luta que inverte a dinâmica destruidora da enfermidade e da dor¹⁶⁹.

¹⁶⁷ Cf. COLOMBO, G. Unção dos enfermos, in *Dicionário de liturgia*. pg. 1209.

¹⁶⁸ Cf. *Ibid.* pg 1209

¹⁶⁹ Cf. BOROBIO, D. A unção dos enfermos. in BOROBIO, D. (org). *A celebração na Igreja*, Vol. II. pg. 582.

2.4. A celebração pascal da vitória de Cristo

O sacramento da Unção – como todo sacramento – é uma celebração e atualização do Mistério Pascal a partir de uma perspectiva particular. Esta é a paixão de Cristo, seu sofrimento redentor, sua luta contra o mal e a dor. Verificamos isso no ritual, ao dizer que se ungem os enfermos e se ora por eles encomendando-os ao “... Senhor sofredor e glorioso para que os alivie e os salve, exortando-os também a que, associando-se livremente à paixão e à morte de Cristo, colaborem para o bem do povo de Deus”¹⁷⁰.

Neste sentido, o sacramento da Unção é uma autêntica celebração pascal da vitória de Cristo sobre o pecado e a morte, e insere o enfermo no combate pela vida contra a morte, orientando-o assim à ressurreição final. A Unção consagra a luta contra a doença e a dor. Deus manifesta e oferece na enfermidade a salvação pascal, o amor que manifestou de uma vez por todas na morte e ressurreição de seu filho¹⁷¹.

O sacramento começa a realizar-se na vida, e o mistério pascal não encerra no sacramento. Isto quer dizer que desde o momento em que o enfermo aceita e crê no sentido pascal não separado do sacramento, mas orientada para o mesmo. O sacramento não será então, mais do que o momento culminante de uma presença pascal, que ao ser expressa e celebrada publicamente na sacramentalidade da Igreja, mostra toda a sua eficiência transformadora. É o momento em que, o que se vive na carne e se crê na fé, alcança sua plenitude ao celebrar-se também na comunidade cristã e através dela¹⁷².

O cristão participa da morte e ressurreição de Cristo desde o Batismo. Toda a sua vida é um processo pascal, uma passagem da morte à vida. Mas se manifesta de forma especial na enfermidade, por tudo que ela implica. E, embora seja certo que todos os

¹⁷⁰ Cf. *RUE*, n. 34

¹⁷¹ Cf. RUSSO, R. *Unção dos enfermos*, pg. 258

¹⁷² Cf. BOROBIO, D. *Unção dos Enfermos*, in BOROBIO, D. (org.). *A celebração na igreja*. Vol. II pg. 589

sacramentos são celebração e atualização do mistério pascal para o indivíduo e para a comunidade que os celebram, também é verdade que cada sacramento representa, por sua estrutura e situação em que se celebra, e de modo preferencial, mas não exclusivo, um dos aspectos deste mistério. Na Unção, o aspecto mais claramente expresso é a paixão de Cristo, o Redentor, através da sua luta contra o mal e a dor, e da entrega de seu próprio corpo como sacrifício¹⁷³. Como Senhor sofredor e glorioso, o Cristo alivia e salve o enfermo, exortando-o também para que, associando-se livremente à sua paixão e morte, colabore para o bem do povo de Deus” (cf. RUE n 5).

Por isso, a Igreja não cessa de referir-se a Cristo com Aquele que, através dela, continuar a realizar a obra da salvação: “Tu que não cessas de atualizar entre nós as maravilhas da tua paixão... Tu que pela comunhão do teu corpo nos fazes participar do sacrifício pascal” (RUE n 134).

2.5. A Nova Maneira de Compreensão do Sacramento

O Concílio de Trento já assinalava a vontade de se distanciar da doutrina da teologia medieval e a recusa de ver na extrema-unção apenas o sacramentos dos que vão morrer. O Vaticano deu um passo adiante: sem descartar o termo medieval “extrema-unção”, afirmou que deveria ser chamado de preferência “Unção dos Enfermos” (SC 73). Por duas vezes sugeriu que não se tratava somente de uma questão de vocabulário: “Tempo oportuno para receber a Unção dos Enfermos é certamente o momento em que o fiel começa a correr perigo de morte, por doença ou idade avançada”¹⁷⁴.

¹⁷³ Cf. *Ibid*, pg. 589

¹⁷⁴ Cf. MARTIMORT, A. *A Igreja em oração: introdução à liturgia*, pg. 122; LG 11.

O novo ritual da Unção dos Enfermos foi aprovado em 30 de novembro de 1972 e promulgado a 7 de dezembro de 1974¹⁷⁵.

Em sua fórmula sacramental totalmente reformada, bem como nas outras orações, realça a importância da graça do Espírito Santo como efeito principal que atinge o homem¹⁷⁶. Assim, pode-se dizer que a ação do Espírito Santo está razoavelmente explícita na nova liturgia da Unção dos Enfermos¹⁷⁷.

Porém, deve-se ressaltar que a cura dos enfermos como um dom ordinário do Espírito Santo, como resulta dos textos do Novo Testamento, ao menos para a Igreja apostólica, está ainda longe de ser uma convicção comum nas teologias católicas. Entretanto, o povo simples, apesar da falta de uma visão teológica que o ilumine e de uma prática pastoral que lhe ofereça o que ele crê que Jesus e os Apóstolos ofereceram aos doentes de seu tempo, nunca deixou de procurar a cura de suas doenças na área religiosa, com promessas, peregrinações a santuários e recurso a santos, buscando bênçãos e proteção¹⁷⁸.

Pode-se perceber a intervenção do Espírito Santo na nova liturgia pela imposição das mãos, que é situada antes da unção, no momento central do sacramento, e não é acompanhada mais da fórmula de exorcismo que existia no antigo ritual. Agora, ela é feita totalmente em silêncio¹⁷⁹, o que significa que ela tem valor em si mesma¹⁸⁰.

Esse silêncio comporta muitos significados¹⁸¹. Na Bíblia, muitas vezes ele está associado aos mistérios prodígios do amor de Deus em favor dos homens (Cl. 75,9; Ex.

¹⁷⁵ Cf. COLOMBO, G. *Unção dos enfermos*, in *Dicionário de liturgia*. pg. 1209.

¹⁷⁶ Cf. *RUE* n. 6.

¹⁷⁷ Cf. FRANCISCO, M.J. *O Espírito Santo e a Unção dos Enfermos segundo o novo ritual*. *Liturgia e Vida*, ano XXVI, n. 153, jul./ago. 1979, pg. 6.

¹⁷⁸ Cf. VENDRAME, C. *A cura dos doentes na Bíblia*, pg. 207.

¹⁷⁹ Cf. MARTIMORT, A. *A Igreja em oração: introdução à liturgia*, pg. 123; FRANCISCO, M.J. *O Espírito Santo e a Unção dos Enfermos segundo o novo ritual*, pg. 8.

¹⁸⁰ Cf. FRANCISCO, M.J. *O Espírito Santo e a Unção dos Enfermos segundo o novo ritual*, pg. 8.

¹⁸¹ Cf. *Ibid.* pg. 8

14,14 da Vulgata) e tem uma eficácia muito íntima e pessoal no relacionamento do homem com Deus (Ap. 8,1ss.).

Pelo silêncio o homem se coloca na presença do Senhor, exprime a sua dor e a sua angústia, suplicando-lhe que o salve (Jer. Lam. 3,26). O silêncio da imposição das mãos na Unção dos enfermos é, portanto, pleno de significado. Manifesta a nossa adoração ao Deus-conosco, ao seu Espírito que dá vida. Significa uma parada, plena de sentido escatológico, que implica uma atenção toda especial, pois há momentos na nossa vida em que se impõe de fato uma pausa meditativa, ou até mesmo uma verdadeira ação feita no mais rigoroso silêncio, a exemplo dos hebreus que durante a passagem do Mar Vermelho tinham uma ordem expressa do Senhor: 'Conservai o silencio' (Ex. 14,14)¹⁸².

A ação do Espírito Santo, através da Unção, dispõe o ânimo do cristão doente a unir os seus sofrimentos aos de Cristo¹⁸³, para que possa participar, como filho, da herança do Filho (Rom. 8, 16-17).

A Unção é relacionada com a atenção e o desvelo do Senhor Jesus para com toda espécie de enfermos e com seu preceito dado aos Apóstolos de curar os enfermos. O Sacramento dos enfermos é sinal e instrumento dessa atenção¹⁸⁴.

Por isso, apreende-se a essência do sacramento: ele representa o mistério da vitória de Cristo sobre a doença e a morte¹⁸⁵.

O Ordo de 1972 aconselha a inserção do sacramento numa celebração litúrgica mais completa, sempre que possível: saudação do sacerdote, aspersão, celebração catequética ou a oração tradicional, mas abreviada, *Domine Deus qui per apostolum*¹⁸⁶, ato penitencial (ou, se for o caso, confissão sacramental do doente), leitura da Sagrada Escritura, com abundante escolha de textos, oração em forma de ladainha; após a imposição das mãos e as unções, vem uma oração conclusiva, o *Pater* e a bênção¹⁸⁷.

¹⁸² PEDRINI, A. Il dato pneumatologico e la dimensione epicletica nel nuovo rito nell'Unzione degli Infermi. In: *Ephemerides Liturgicae*, v. 89, 1975, pg. 359.

¹⁸³ Cf. FRANCISCO, M.J. *O Espírito Santo e a Unção dos Enfermos segundo o novo ritual*, pg. 9.

¹⁸⁴ Cf. SCICOLONE, H. *Unção dos enfermos*, In: NOCENT, A. et al. *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. Anámnese 4pg. 258.

¹⁸⁵ Cf. *Ibid.* pg. 258

¹⁸⁶ Cf. *RUE* n. 239

¹⁸⁷ Cf. MARTIMORT, A. *A Igreja em oração: introdução à liturgia*, pg. 124.

Cabe aqui fazer uma comparação entre a Unção dos Enfermos antes e depois do Concílio Vaticano II, isto é, entre o ritual anterior (antes) e o atual (depois):

Antes: Em relação aos efeitos: conferir graça, perdoar os pecados, tirar as relíquias do pecado, aliviar e conformar o enfermo e, nas devidas circunstâncias, restaurar a saúde do corpo.

Depois: em relação aos efeitos: conferir a graça, perdoar os pecados, dar força nas tentações, aliviar a dor e dar a salvação.

Antes: a celebração era em segredo: só entre o doente e o sacerdote.

Depois: a celebração deve ser feita na presença da comunidade: o médico, os doentes e a família.

Antes: não aparecia qualquer exortação no sentido da união à paixão e morte de Cristo de uma maneira voluntária.

Depois: a Igreja pede e reclama dos enfermos a sua participação na paixão e morte de Cristo.

Antes: sacramento de moribundos, preparação para a morte.

Depois: sacramento para viver.

Antes: extrema-unção.

Depois: Unção dos Enfermos (mais apropriado).

Antes: as unções eram cinco, em cada um dos órgãos dos sentidos: olhos, orelhas, nariz, boca e mãos.

Depois: apenas duas: na testa e nas mãos. E, em caso de necessidade, faz-se uma unção na testa ou em outra parte do corpo.

Antes: a fórmula sacramental: “Por esta santa unção e por sua bondosa misericórdia que o Senhor te perdoe todos os pecados que cometestes” (adaptando-se a cada um dos sentidos).

Depois: “Por esta santa Unção e por sua bondosa misericórdia, que o Senhor te ajude com a graça do Espírito Santo. R. Amém. Para que, livre dos teus pecados, te conceda a salvação e te conforte em tua enfermidade. R. Amém”.

Antes: só se usava azeite de oliva.

Depois: pode-se usar azeite de outras plantas.

Antes: era administrada uma única vez.

Depois: pode ser repetida se o doente se cura e volta à vida normal e existe a possibilidade de se repetir o sacramento durante a mesma enfermidade se o perigo de vida se tornar mais sério.

Antes: o sacramento era pedido pela família.

Depois: o próprio enfermo o solicita.

Antes: administrava-se apenas em casos de perigo de morte.

Depois: pode ser administrado a pessoas que entram em perigo de vida por doença ou velhice (Novo Código de Direito 1004, n. 1).

Antes: o óleo era bento apenas na Quinta-feira Santa.

Depois: pode ser bento em outro dia, de acordo com as circunstâncias pastorais da diocese.

Antes: só o Bispo podia benzer o óleo.

Depois: em caso de necessidade, qualquer presbítero o faz, mas dentro da celebração do sacramento (C.D.C. 999, n. 2)¹⁸⁸.

O que mais importa hoje é recuperar a Unção dos Enfermos como sacramento da Igreja na perspectiva da vida e encontrar nele a melhor resposta às necessidades dos doentes e ao seu robustecimento na fé¹⁸⁹.

Resumindo

Assim como os aspectos histórico-teológicos, também os antropológico-teológicos nos conduzem à afirmação de a Unção dos Enfermos é um sacramento da vida, mesmo quando administrado em perigo de morte. Representa a presença da graça no sofrimento, na doença, na morte, sempre como dom em favor da vida.

A unção na fronte e nas mãos do enfermo não tem mais aquela conotação prevalentemente de purificação de pecados, como no caso da unção nos cinco sentidos, mas de ação decisiva em favor da vida.

O uso do óleo como medicamento de cura, remonta à antiguidade. Ungir com óleo era o gesto médico que curava o enfermo. Por isso a Igreja primitiva escolheu o óleo como sinal da Unção dos Enfermos, pois ele significa força de cura, tendo como efeito o fortalecimento da alma e do corpo. Isso é bem evidenciado nas três orações após a unção, todas pedindo a restauração da saúde e a volta da pessoa enferma à comunidade para retomar as suas atividades normais. Nisto, o Concílio Vaticano II foi magnífico na sua intuição e reformar a liturgia sacramental da Igreja, onde a Unção dos Enfermos tem um papel relevante.

¹⁸⁸ Cf. BETANCOURT, D. *A cura pelos sacramentos*, pg. 83-84.

¹⁸⁹ Cf. POWER, D. *O sacramento da Unção: questões abertas*, pg. 117[253].

E neste papel, destacamos como fulcro deste trabalho, a intervenção divina a favor da vida, o que deve aparecer na liturgia e na pastoral deste sacramento.

CAPÍTULO III

LITURGIA E PASTORAL

DA UNÇÃO DOS ENFERMOS COMO SACRAMENTO DA VIDA

Nos dois capítulos precedentes, analisando os elementos histórico-teológicos e antropológico-teológicos, pudemos compreender porque ainda hoje se associa o Sacramento da Unção dos Enfermos mais à realidade da morte que da vida, devido à transformação sofrida na Idade Média. Esta transformação cristalizada no período carolíngio, levou à ritualização celebrativa, à acentuação aplicativa, à clericalização sacramental, à espiritualização dos efeitos, à penitencialização do sacramento e à extremização dos sujeitos.

Além disto, se acrescenta a questão antropológica tanto do enfermo como dos familiares de não aceitarem a doença e a morte como um dado natural e tomarem posturas que visam esconder a realidade da morte como algo abjeto e suspeito.

Com esta mudança, a Unção perdeu sua característica como graça divina que socorre o cristão fragilizado em qualquer ponto da sua rota, mas passou a ser o socorro do último instante no ponto final do seu caminho. Desta forma, o sacramento da vida, que vem justamente no momento em que a vida mais precisa, acabou sendo considerado a última unção em relação àquela primeira recebida no Batismo, substituindo, assim, a sua função tradicional, que sempre foi considerada própria do viático.

Porém, o Concílio Ecumênico Vaticano II, em sua busca inexorável das fontes cristãs, reformou este Sacramento da cura, de acordo com suas origens. Sendo assim, agora deve ser administrado quando o doente puder ser preparado em qualquer estado de doença grave. Nunca se deve adiar até que a morte pareça iminente e nunca se deve esperar que o

doente perca a consciência para se chamar o padre¹⁹⁰. Só assim, ele pode viver a doença como profunda experiência de vida, na sua dimensão pascal mais bela e esperançosa.

Redimensionou-se também a função do ministro, não apenas como aquele que preside as celebrações sacramentais, mas também como evangelizador e catequista, preocupado não somente com o mínimo para garantir a validade, mas principalmente com o máximo em vista da plena realização sacramental. O ministro é mais do que um mero administrador: é celebrante! Não basta, pois, que execute ritos, mas que se integre plenamente, visando a plenitude das celebrações.

Então, para chegarmos ao ponto em nossa pesquisa, isto é, ao comportamento litúrgico e pastoral adequado ao nosso tempo, vamos desenvolver quatro itens. No primeiro, teceremos algumas idéias sobre o atendimento religioso atual, sempre legítimo, embora a religião hoje parece como uma espécie produto para satisfazer um tipo de necessidade humana. Depois, veremos um pouquinho da história da ação litúrgico pastoral em relação aos enfermos. No terceiro, a título de propostas, a dimensão pastoral do cuidado dos enfermos, A seguir, a dimensão litúrgica.

1. O atendimento religioso atual

Frente a uma doença, se buscarmos a ciência, ela nos ajudará a compreender seus mecanismos fisiológicos. Somente a religião nos oferecerá o alívio e a força que necessitamos para enfrentá-la¹⁹¹.

Especificamente no tratamento do doente, a religião pode oferecer muitas contribuições, tais como:

¹⁹⁰ Cf. *Ibid.*, pg. 77.

¹⁹¹ Cf. BALDESSIN, A. *Como fazer pastoral da saúde?*, pg. 38.

- a) reduzir a ansiedade existencial ao oferecer uma estrutura que ordena e explica um mundo que parece caótico;
- b) oferecer esperança, sentido, significado e sensação de bem-estar emocional;
- c) ajudar as pessoas a enfrentar melhor a dor e o sofrimento, encontrando nessas realidades um sentido re-assegurador;
- d) fornecer soluções para uma grande variedade de conflitos emocionais e situacionais;
- e) solucionar o problema perturbador da morte por meio da crença na continuidade da vida;
- f) dar às pessoas uma sensação de poder e controle por meio da associação com uma força Onipotente;
- g) estabelecer orientação moral que suprime práticas e estilos de vida auto-destrutivos;
- h) promover coesão social;
- i) fornecer identidade, satisfazendo a necessidade de pertença ao unir as pessoas em torno de uma compreensão comum;
- j) fornecer as bases para um ritual estático coletivo¹⁹².

No contexto da doença, a religião pode promover um bem-estar às pessoas mais diretamente do que um sistema médico voltado ao tratamento de indivíduos depois que a própria sociedade lhes causou a doença¹⁹³.

A Igreja, enquanto instituição religiosa, tem a missão profética de anunciar o Reino aos doentes e a todos os que sofrem, proporcionando-lhes conforto:

E, indo, pregai, dizendo: É chegado o reino dos céus. Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos e expulsai os demônios: de graça recebestes, de graça daí (Mt, 10, 6-7).

Assim, na luta contra a enfermidade, a Igreja

“[...] deve assumir, sobretudo, a luta contra a injustiça e o pecado humano que produz a enfermidade, a luta contra o sem-sentido da enfermidade que é preciso viver, a luta para descobrir na inevitável dor e fragilidade sua possibilidade salvadora, a outra face encoberta do chamado do amor”¹⁹⁴.

No mundo da globalização, há predomínio da ciência e da técnica, da política e do poder econômico. A Igreja e seus integrantes precisam conhecer o contexto sócio-cultural atual, com sua influencia diretamente no mundo da saúde,¹⁹⁵ afim de que possa ter a postura pastoral e litúrgica adequada.

¹⁹² NETO, F.L. A influência da religião sobre a saúde. *Ultimato*, jul./ago., 1998, pg. 34.

¹⁹³ Cf. BALDESSIN, A. *Como fazer pastoral da saúde?* pg. 40.

¹⁹⁴ *Ibid.* pg. 581.

¹⁹⁵ Cf. *Ibid.* pg. 41.

A atuação da Igreja no processo de evangelização, especialmente na saúde, acontece junto aos enfermos, profissionais e familiares, bem como junto aos conselhos federais, estaduais e municipais de saúde¹⁹⁶.

A palavra evangelizar resume todas as ações e atividades de Jesus enquanto esteve no mundo¹⁹⁷. “Ele me ungiu para evangelizar os pobres” (Lc 4, 18); “Ide e pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15); “Ai de mim, se não anunciar o Evangelho” (1Cor 9, 16).

2. Um pouco da história da ação litúrgico-pastoral em relação aos enfermos

Desde a primeira comunidade de Jerusalém, a Igreja se preocupa com os enfermos. É vontade de Deus que a doença seja abolida na aparição dos tempos escatológicos,¹⁹⁸ quando a cura se tornar sinal da salvação perfeita e completa.

Em toda atividade de Jesus, pode-se afirmar que está presente a Pastoral da Saúde. Primeiramente, tenta transformar o significado da doença, da dor e do sofrimento, vistos até então como pecado, em caminho e anúncio de esperança, fonte de vida¹⁹⁹.

Para Jesus, os pobres, os esquecidos e os doentes não são simplesmente objeto de compaixão ou de cura, mas protagonistas do Reino e testemunhas do Evangelho. É sob essa perspectiva que aparece Jesus crucificado como chave de leitura pascal e geradora de esperança, que nos ajuda a descobrir o sentido da dor e do sofrimento e a encontrar na alegria de viver²⁰⁰.

¹⁹⁶ Cf. *Ibid.* pg. 42.

¹⁹⁷ Cf. *Ibid.* pg. 49.

¹⁹⁸ Cf. Is 35,5-6; 57,18-19; 61,1-2; 65,19; Jr 30,17; 33,6

¹⁹⁹ Cf. BALDESSIN, A. *Como fazer pastoral da saúde?* pg. 34.

²⁰⁰ Cf. *Ibid.* cf. Jo 4,46-54; 9,1-41; Mc 5,24-34; Lc 7,1-10

Até o século III, marcados por uma situação de perseguição contínua e de ilegalidade, os cristãos não podiam ter instituições públicas para dar assistência aos doentes e nem tinham muita facilidade, pelo menos em alguns momentos mais radicais de perseguição imperial, de realizar suas reuniões litúrgicas. O Império Romano não organizou estabelecimentos hospitalares, a não ser para soldados feridos ou doentes. Contudo, apesar das perseguições os cristãos organizaram um modo eficiente de assistir individualmente os pobres e doentes em domicílio²⁰¹.

São Cipriano (258) considerava as ações cristãs como obras de justiça e misericórdia. Evangelização e diaconia eram inseparáveis. E nas primeiras comunidades não faltaram médicos cristãos, conforme percebemos pelo trecho a seguir:

O evangelista São Lucas era médico (cf. CL 4,14). Alexandre da Frigia e Zenóbio foram médicos que morreram mártires. Os santos Cosme e Damião também foram médicos e mártires, chamados “anárgiros”, isto é, sem dinheiro, porque nada cobravam pelos serviços prestados. Teodoro de Laodicéia foi bispo e médico, segundo afirma Eusébio de Cesaréia. Por volta do ano 350, São Basílio, o Grande, bispo de Cesaréia, dirige palavras de elogio ao seu médico Eustácio (cf. Epist. 189,1)²⁰².

Após o Édito de Milão (313), a Igreja pôde criar instituições especializadas: os nosocômios para os doentes; gerontocômios para os idosos; xenodóquios, para os peregrinos; orfanatos, para os órfãos²⁰³.

Os médicos se orientavam pela medicina grega e valorizavam muito os escritos de Hipócrates (460-437 a.C.), que preconizava uma assistência ética e humana.

Na Idade Média, São Cesário de Arles, um bispo monge, fundou um hospital perto de sua cúria, em 512. Os hospitais eram lugares sagrados. A assistência aos doentes, um culto a Deus.

Durante a Idade Média não faltaram médicos leigos, mas logo a assistência médica passou para as mãos dos sacerdotes, tanto do clero regular (monges) como do clero

²⁰¹ Cf. BAUTISTA, M. *O que é pastoral da saúde?* pg. 15.

²⁰² *Ibid.* pg. 16.

²⁰³ Cf. *Ibid.* pg. 17.

secular (séculos VI-VII). Cassiodoro foi o primeiro monge médico dessa época. Na baixa Idade Média desapareceu lentamente a figura do sacerdote médico, em razão da fundação das faculdades de medicina criadas recentemente (Bolonha, Paris, Oxford, Salamanca,...)²⁰⁴.

A partir da Renascença, no século XVI, o Estado começou a se preocupar com a assistência à saúde, mas o motivo chama a atenção:

A assistência pública, ao secularizar a virtude da caridade cristã, reduzindo-a à categoria de assistência civil, leva a pensar que os ricos e os pobres constituem duas classes opostas e irreconciliáveis entre si, gerando, dessa forma, uma séria desconfiança diante dos pobres que, ao invés de serem considerados expressão privilegiada do rosto de Cristo, passam a ser vistos como um autêntico perigo social²⁰⁵.

O campo da saúde estava muito ligado à ação da Igreja, que o considerava um de seus atributos, de modo que, quando o Estado começou a instituir hospitais, a Igreja considerou uma intromissão em suas funções e dirigiu sua atenção para os setores que não eram assistidos pelo poder público, como os doentes mentais, os incuráveis, os acometidos de peste²⁰⁶.

Dentre as figuras que se destacaram, citamos São João de Deus (1495-1550), que promoveu a assistência aos abandonados; São Camilo de Lellis (1550-1614), que humanizou, com sua ordem religiosa, a assistência hospitalar pública, gravemente decaída, agindo de modo exemplar para melhor servir aos doentes, incrementou a assistência em domicílio e promoveu a assistência corporal e espiritual completa, em especial atenção aos moribundos, numa época em que se prestava para uma teologia maniqueísta e do sofrimento²⁰⁷.

²⁰⁴ Cf. *Ibid.* pg. 19.

²⁰⁵ ÁLVAREZ, J. “... y él los curó” – *Historia e identidad evangélica de la acción sanitaria de la Iglesia.* [s/l], Clarentinas, 1995, pg. 77

²⁰⁶ Cf. BAUTISTA, M. *O que é pastoral da saúde?* pg. 21-22.

²⁰⁷ Cf. *Ibid.* pg. 22.

São Camilo motivou e engajou muitas pessoas na assistência aos doentes: eclesiásticos e leigos, homens e mulheres de todas as classes²⁰⁸.

No século XVII surgiu São Vicente de Paulo (1581-1660), que introduziu o conceito de justiça social, destacando as causas estruturais da pobreza e da doença, despertando a consciência social adormecida.

Na Idade Moderna e à luz do Iluminismo, a Assembléia Constituinte francesa redigiu e aprovou a Declaração dos Direitos dos Homens (1789), reconhecendo que todo homem tem direito a ser assistido em caso de doença. Assim, a Igreja e as ordens religiosas foram privadas dos bens com que atendiam os pobres e os doentes. Contudo, o Estado não conseguiu resolver nem o problema da pobreza, nem o da doença²⁰⁹.

No século XIX, em Lucca, surgiram as Ministras dos Enfermos, fundadas por Maria Domingas Brun Barbantini. A congregação se espalhou pela Itália e outros países²¹⁰.

O século XIX também ficou caracterizado como o século da questão social, onde Leão XIII (1891) iniciou um deslocamento teórico e prático da Igreja para o campo da justiça e do desenvolvimento social, a promoção da igualdade de justiça, a libertação dos pobres, envolvendo centenas de congregações religiosas e leigos comprometidos com os mais carentes. Os católicos demoraram a compreender a justiça social, mas praticaram a caridade em todas as suas formas. O zelo por essa generosa ajuda levou a perdoar os métodos praticados²¹¹.

²⁰⁸ Cf. BALDESSIN, A. *Como fazer pastoral da saúde?* pg. 202. * Hoje os camilianos tem um vasto campo de ação onde tem prestado uma grande ajuda as dioceses na formação dos seus agentes de saúdes por todo o Brasil se disponibilizando para a assistência e oferecendo cursos de formação para o atendimento com os doentes.

²⁰⁹ Cf. BAUTISTA, M. *O que é pastoral da saúde?* pg. 25.

²¹⁰ Cf. BALDESSIN, A. *Como fazer pastoral da saúde?* pg. 202.

²¹¹ Cf. AUBERT, R. *Il pontificato di Pio IX*. Turim, 1964, pg. 704-705.

Em nosso século, surgiram os institutos seculares. Entre os primeiros, figuram as Missionárias dos Enfermos Cristo Esperança, fundado por Germana Somarruga, em 1930²¹².

A nova presença da Igreja no campo da saúde acontece de forma institucional, ministerial, eclesial e no campo profissional. Surge um verdadeiro ministério assistencial e pastoral cristão e leigo. A vida religiosa consagrada hospitalar deixa de ser a *manus lunga* da Igreja na assistência e na pastoral da saúde²¹³.

Seguindo fielmente Jesus Cristo, a Igreja existe para anunciar a Boa Nova libertadora do Evangelho, comprometendo-se a ter pelo homem doente uma preocupação especial, expressa doutrinariamente em textos fundamentais e na prática, com congregações religiosas voltadas para a área da saúde e também com instituições hospitalares e serviços nas comunidades cristãs²¹⁴.

A pastoral da saúde se fundamenta na mensagem e testemunho do próprio Cristo, que veio “para que todos tenham vida e vida em abundância” (Jo 10,10)²¹⁵.

3. A dimensão pastoral do cuidado do enfermo

É no contexto do mundo religioso, diante da imperiosa missão da Igreja de cuidar dos enfermos, que surge a pastoral da saúde.

²¹² Cf. BALDESSIN, A. *Como fazer pastoral da saúde?* pg. 202.

²¹³ Cf. BAUTISTA, M. *O que é pastoral da saúde?* pg. 26.

²¹⁴ Cf. BALDESSIN, A. *Como fazer pastoral da saúde?* pg. 34.

²¹⁵ Cf. BARCHIFONTAINE, C.PG. *O agente de pastoral e a saúde do povo*, pg. 69.

3.1 A pastoral da saúde e sua ampla atuação

A pastoral da saúde é a ação evangelizadora de todo o povo de Deus comprometido em promover, preservar, defender, cuidar e celebrar a vida, tornando presente no mundo da saúde a ação libertadora de Jesus²¹⁶.

Tem as seguintes dimensões fundamentais²¹⁷:

- Dimensão comunitária, que visa à promoção e à educação para a saúde, relacionando-se com a saúde pública e o saneamento básico e atuando na prevenção das doenças.
- Dimensão solidária, que consiste na vivência e presença samaritana junto aos doentes e sofredores no hospital, domicílio e comunidade (portadores de HIV, Aids, deficientes, drogados, alcoólatras...), visando atender a pessoa como um todo.
- Dimensão político-institucional, atuando junto aos órgãos e instituições, públicas ou privadas, que prestam serviço e formam profissionais na área da saúde.

Tem por objetivo geral evangelizar o mundo da saúde, à luz da opção preferencial pelos pobres e enfermos, participando da construção de uma sociedade justa e solidária a serviço da vida²¹⁷.

A visita pastoral ao doente é um momento privilegiado para fazê-lo sentir o apoio da comunidade e a presença da Igreja. Essa visita pode ser breve, confortante, ou longa e cansar o doente com perguntas que, em vez de ajudá-lo, perturbam. Apesar disso, a visita provoca um bem-estar no paciente e é uma oportunidade de aprendizado que o agente tem para crescer e corrigir sua maneira de visitar os doentes²¹⁸.

A missão da pastoral da saúde é a promoção do encontro do doente, de sua família, dos profissionais da saúde, das instituições de saúde e das pessoas sadias com um ministério de relação de ajuda, elevado a partir da fé em Jesus Cristo Salvador, que

²¹⁶ Cf. BALDESSIN, A. *Como fazer pastoral da saúde?* pg. 50.

²¹⁷ Cf. *Ibid.* pg. 206.

²¹⁸ BALDESSIN, A. *Como visitar um doente: orientações práticas para padres, pastores e agentes da pastoral da saúde*, pg. 29.

proporciona cura, assistência, libertação, reconciliação, sentido de vida, crescimento humano e salvação²¹⁹.

Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também. Na verdade, na verdade vos digo que não é o servo maior do que o seu senhor, nem o enviado maior do que aquele que o enviou. Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as fizerdes (Jo, 13, 15-17).

A realidade atual do atendimento religioso aos doentes em domicílio e no hospital revela a necessidade da pastoral da saúde nas paróquias, pelos seguintes fatores²²⁰:

- Na maioria das paróquias não existe um trabalho espiritual organizado e sistematizado junto aos enfermos em domicílio, assim como não há entrosamento com o trabalho feito nos hospitais, porque na maior parte desses hospitais não existe uma pastoral empírica e assistemática. Limita-se o atendimento aos casos urgentes, favorecendo ainda mais a idéia de que o serviço religioso é só para os doentes terminais;

- Percebe-se o desconhecimento completo da dimensão espiritual do ser humano;

- Muitos fiéis acreditam que a doença é “mandada” por Deus, o que pode ser observado pelas afirmações muitas vezes expressas por eles: “Seja como Deus quer”, “Se Deus quiser eu vou melhorar”;

- A falta de equipes preparadas e a indiferença de muitos cristãos dificultam a localização dos enfermos;

- Acontecimentos verdadeiros e outros “forjados” contra autoridades da Igreja criam um clima adverso ao serviço religioso da Paróquia;

- Há falta de acolhimento em algumas paróquias, especialmente por ocasião de batizados de filhos de mães solteiras, pais desquitados ou divorciados, o que cria uma imagem negativa da Igreja Católica.

²¹⁹ Cf. BAUTISTA, M. *O que é pastoral da saúde?*, pg. 37.

²²⁰ Cf. BALDESSIN, A. *Como fazer pastoral da saúde?* pg. 163.

Essa pastoral é, de certa forma, uma complementação da pastoral hospitalar, pois, nas paróquias, encontramos pessoas que gostam e têm o costume de visitar os doentes. Encontramos também alguns padres dedicados e atenciosos para com os doentes de sua paróquia²²¹. O pároco acaba sendo a pastoral da saúde na paróquia, o qual conta com algumas pessoas que se encarregam de avisá-lo para levar a comunhão a algum doente isolado²²².

Como se pode ver, é um trabalho que não conta com uma linha organizada de ação, o que ressalta a urgência, não só nas paróquias, mas também nos hospitais, de um serviço da pastoral da saúde planejado, estruturado e bem-organizado, pois ela é uma das pastorais mais evangélicas e mais necessárias ao povo sofrido de Deus²²³.

Cabe esclarecer que nesta pastoral não basta só a boa vontade e a boa intenção de fazê-la. É preciso formação. Por isso, é de fundamental importância o cuidado com as pessoas que ingressam nela, não só fornecendo subsídios materiais, mas também garantindo a formação em todos os níveis das pessoas envolvidas, inclusive ao nível psicológico, para ajudá-las no cuidado dos enfermos. Em muitos lugares e momentos, o doente só tem o contato com este agente e o mesmo acaba sendo o elo entre o doente e a Igreja. São pessoas que a paróquia deveria olhar com um cuidado muito especial.

A pastoral também impõe um contato direto com o pároco, para a avaliação constante e continuada da caminhada. O pároco deve sempre se preocupar com a formação espiritual destes membros, pois eles se tornam as mãos longas da Igreja, indo muitas vezes onde o padre não pode ir. Assim, é sempre bom buscar a ajuda de quem entende do assunto, ou seja, algumas congregações religiosas e os responsáveis pela pastoral da saúde a nível diocesano.

²²¹ Cf. *Ibid.* pg. 163

²²² Cf. *Ibid.* pg. 163

²²³ Cf. *Ibid.* pg 163

O que deve acontecer com a pastoral da saúde é o mesmo que aconteceu com a pastoral da criança, que se tornou uma prioridade para os Bispos. Alguns diziam até que seria um pecado grave a paróquia que não adotasse esta pastoral.

No nosso entender, o mesmo também deve ocorrer com a pastoral da saúde, pois também é um pecado grave abandonar os enfermos residentes no perímetro da paróquia e deixá-los sem assistência espiritual em um momento tão delicado de suas vidas.

Pois a visita consiste em um julgamento de abandono, e não parte do juízo final: “Estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me” (Mt, 25, 36).

3.2. O agente da pastoral

O agente da pastoral deve ser uma pessoa de profunda experiência com Deus, que vivencie intimamente sua graça e presença e também a sua ausência, testemunhando a vida cristã. Em outras palavras, é um portador da vida, em nome de Deus. Deve conhecer claramente a obra de Cristo redentor e a missão da Igreja diante do pluralismo religioso observado atualmente, bem como a liturgia e a praxe sacramental²²⁴.

A chave de sua espiritualidade é Cristo misericordioso para quem sofre. Isto o leva a contemplar e servir no doente a pessoa do próprio Cristo, fazendo do encontro com o doente uma experiência mística²²⁵.

²²⁴ Cf. *Ibid.* pg. 61.

²²⁵ Cf. *Ibid.* pg. 37.

3.3. A atuação na comunidade paroquial

A pastoral dos enfermos é diferente na comunidade paroquial e no centro hospitalar. Na paróquia supõe as seguintes condições: que seus membros estejam mentalizados e evangelizados sobre a importância da pastoral dos enfermos; que a preocupação e atenção aos enfermos esteja presentes nos diversos momentos da vida da comunidade: pregação, oração, catequese, informações, celebrações, jornadas diversas, planos pastorais, testemunho e ajudas...; que este serviço e ajuda se tornem realidade concreta na comunidade: pela acolhida e espaços para os enfermos, pelos meios destinados a eles, pelas ofertas, atividades e celebrações...; que tal serviço seja confiado a membros responsáveis da comunidade, que assumem em grupo e tarefa pastoral de enfermos, e são verdadeiros animadores da mesma. A existência de uma equipe ou de um grupo de pessoas leigas responsabilizadas por esta pastoral, em colaboração com os presbíteros, é de capital importância. A eles cabe: conhecer os enfermos que existem, ver suas necessidades e situação, informar o presbítero e a comunidade, programar a ação durante um período determinado, buscar a solução de diversos problemas, estar em contato permanente com os enfermos, preparar a visita do sacerdote, dispor o enfermo para os sacramentos²²⁶.

Não há dúvida de que a Igreja deve conduzir uma pastoral profética, que denuncie injustiça, anuncie salvação e mantenha esperança, a partir da proclamação da Boa Notícia e da fé profunda no Evangelho. Isto implica a palavra e os sinais ou testemunho. Quanto à palavra, sabemos que é preciso anunciar, mas nos é difícil anunciá-lo crívelmente nesta situação. Nossa linguagem com frequência é estranha, distante e incomum ao enfermo²²⁷.

²²⁶ Cf. BOROBIO, D. União dos Enfermos. in BOROBIO, D (org.). Vol. II pg. 599

²²⁷ Cf. *Ibid.* pg. 599

3.4 A atuação nos hospitais

Atualmente, a pastoral da saúde nos hospitais, por ser uma exigência da Igreja, tornou-se integrante das diversas pastorais componentes da paróquia. O hospital moderno é uma instituição complexa, que tem por funções assistir aos enfermos, promover a saúde, prevenir e investigar as doenças. Os que se prestam a fazer esse trabalho devem comungar com a filosofia de trabalho já existente e contribuir com algo que possa ser válido para o grupo dos agentes, familiares, profissionais e principalmente para os doentes que estão passando pelo hospital²²⁸.

O doente que se interna fica entregue inteiramente ao hospital, que se encarrega de lhe dispensar todos os cuidados necessários, não só os de ordem médica, mas também os que são exigidos pelas necessidades básicas do paciente, entre as quais estão as de ordem espiritual e religiosa²²⁹.

Os agentes da pastoral da saúde podem encontrar algumas dificuldades, pois nem todos os hospitais reconhecem a necessidade de assistência religiosa, apesar ser garantida na própria Constituição Federal, em seu artigo 5º, VII, que reza: “[...] é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva”²³⁰.

Na prática, não fica clara a possibilidade, pois comumente as Igrejas acabam fazendo apenas o atendimento a quem o solicita²³¹.

Esta pastoral deve necessariamente ser desenvolvida sob a direção do capelão e colaboração dos cristãos. Tarefa fundamental do capelão ou equipe responsável será formar e coordenar a equipe de ação pastoral no hospital, que tem como objetivo promover

²²⁸ Cf. BALDESSIN, A. *Como fazer pastoral da saúde?* pg. 87.

²²⁹ Cf. VENDRAME, C. *O serviço religioso no hospital*, pg. 13.

²³⁰ Cf. BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em 5 de outubro de 1988. 35.ed. atual. e ampl., pg. 6; Cf. BALDESSIN, A. *Como fazer pastoral da saúde?* pg. 89.

²³¹ Cf. BALDESSIN, A. *Como fazer pastoral da saúde?* pg. 89.

a justiça no relacionamento, personalizar a ajuda ao enfermo, humanizar as relações com o pessoal, cristalizar as atividades e as ações pelo anúncio explícito do evangelho, celebrar e exprimir simbolicamente sua fé e sua esperança. Os meios para esta pastoral contam com a presença profética nos diversos níveis nos centros hospitalares, a acolhida ao enfermo, sempre adaptando a evangelização às possibilidades²³².

Portanto, diante de tudo o que foi exposto, acreditamos que o trabalho na área da saúde não deve se limitar apenas ao conforto ou atendimentos aos moribundos. Há necessidade urgente de voltar às fontes do Evangelho de Jesus Cristo:

Jesus veio para combater os males que estragam a vida humana, para lembrar o projeto de Deus Pai. Ele veio para que todos tenham vida e a tenham em abundância (Jo10,10). Deus criou a vida para ser bendita (Gn 1,28), mas ela ficou maldita por causa da nossa culpa (Gn 3,14-19). Jesus retoma o projeto do Criador e procura libertar a vida de todos os males que a oprimem: a fome, a doença, a tristeza, a ignorância, o abandono, a solidão, a letra que mata, as leis opressoras, a injustiça, o medo, o sofrimento, o pecado, a morte. Ele combate e expulsa o demônio, o príncipe dos males, pois “no começo não era assim” (Mt 19,8)²³³.

Com a preocupação em conferir os benefícios do sacramento aos doentes o máximo possível e com uma maior frequência, ocorre a promoção de uma ampla compreensão do estado de doença, acompanhado pelo apelo a permitir que a Unção seja ministrada por pessoas que não sejam o sacerdote (bispo ou presbítero)²³⁴.

Tudo isso significa que o uso da unção tem seu centro numa assembleia da comunidade, onde se respeita a forma plena da celebração sacramental. Nos primeiros tempos da Igreja, isso provavelmente era assegurado pela benção dos óleos pelo bispo numa reunião da comunidade, especialmente quando estreitamente relacionada com a celebração anual da morte e ressurreição de Cristo. Mas na Igreja de hoje raramente a benção dos óleos pelo bispo tem essa função e importância, por maiores que tenham sido os esforços para devolver-lhe o status de celebração diocesana pelo final da quaresma. Hoje a natureza comunitária da benção estaria melhor assegurada numa celebração paroquial ou numa capela de hospital com assistência e participação de familiares e amigos, em certas épocas apropriadas como advento, quaresma ou tempo pascal, quando a relação com o mistério de Cristo se destaca no contexto do calendário litúrgico. Ao redor deste serviço religioso central poderiam desenvolver-se vários costumes rituais, com graus diversos de solenidade, inclusive a unção pelo presbítero, pelo diácono ou por leigos²³⁵.

²³² Cf. BOROBIO, D. Unção dos Enfermos. in BOROBIO, D. (org.). Vol. II. pg. 599.

²³³ BARCHIFONTAINE, C. *O agente de pastoral e a saúde do povo*, pg. 75.

²³⁴ Cf. POWER, D. O sacramento da Unção: questões abertas, pg. 117[251].

²³⁵ *Ibid.* pg. 116[252].

3.5. A atuação nos domicílios

No domicílio, a pastoral da saúde não deixa de ser semelhante àquela do hospital, pois presta serviços incalculáveis aos doentes e familiares quando pode contar com uma boa equipe de leigos que têm vocação e dedicação a esse ministério²³⁶.

A visita aos doentes constitui um integrante essencial da pastoral como os doentes e uma forma, mais clássica e tradicional, de realizar a missão e continuar o mistério de Cristo, no testemunho de caridade. Desde o princípio, a Igreja sentiu-se obrigada em virtude das palavras de Jesus: “estive doente e me visitastes” (Mt 25,36). Esta visita deve ser entendida não como um encontro esporádico, protocolar ou de último momento, mas como uma ação permanente da comunidade na solicitude do enfermo. Portanto a visita aos doentes tem por finalidade o conforto, o ânimo que se leva ao enfermo, e também a atenção às suas verdadeiras necessidades, físicas, materiais, psicológicas espirituais. E sendo uma ação que cabe a todos os membros da Igreja, deve enquadrar-se no serviço e na solicitude de Cristo e da Igreja pelos enfermos²³⁷. Assim, a visita aos doentes se torna um meio de portar vida e não morte ao enfermo.

As diretrizes da CNBB afirmam o dever de atender os doentes nas casas, acompanhando-os no cotidiano e fortalecendo seu relacionamento com os familiares e a comunidade. É importante também acompanhar os familiares dos doentes, ajudando-os nos momentos difíceis.

Não há como prever a reação da família diante do trabalho da Pastoral da Saúde, pois, geralmente, as reações são muito variadas. Muitas famílias, às vezes por não quererem ser um peso para os outros, por vergonha ou por outras razões, acabam

²³⁶ Cf. BALDESSIN, A. *Como fazer pastoral da saúde?* pg. 89.

²³⁷ Cf. BOROBIO, D. *Unção dos Enfermos*, in BOROBIO, D. (org.) *A celebração na Igreja*. pg. 601.

escondendo o doente, sendo importante procurar conhecer as famílias e sondar se há doentes em casa²³⁸.

Também, ao visitar os doentes, deve-se considerar vários fatores: dificuldade da família em admitir que tenha doente em casa; as muitas famílias que não participam da vida da comunidade; os que só vão à igreja por necessidade de batizar os filhos, fazer a primeira comunhão ou para o casamento dos filhos de amigos.

Para alguns, a religião se resume em participar na celebração de missas pelos mortos, enquanto uma grande maioria participa nas festas mais importantes como Semana Santa e Páscoa, Natal, dia das mães, dos pais, etc. Além de tudo isso, devemos levar em consideração ainda o pluralismo religioso que vivemos com uma série de crenças e credências. Portanto, a exemplo do que acontece no hospital, a primeira atitude do agente ao visitar uma família é respeitar as pessoas e também seu espaço físico²³⁹.

Embora haja maior número de doentes domiciliares que hospitalizados, é mais difícil para o sacerdote encontrar os doentes nas moradias do que nos hospitais. Também, o serviço da pastoral é dificultado pela necessidade de visitar cada enfermo em sua residência. No entanto, o atendimento em domicílio é mais vantajoso, por oferecer um atendimento mais pessoal, maior contato com a família e os vizinhos do doente, maior entrosamento com a comunidade paroquial, entre outros²⁴⁰.

4. A dimensão litúrgica do cuidado dos enfermos

A dimensão do cuidado eclesial dos enfermos tem na celebração litúrgica o fulcro da sua sacramentalidade. Porém, há também a prática da comunhão dos enfermos, que deve ministrada como verdadeiras celebrações litúrgicas.

²³⁸ Cf. *Ibid.* pg. 174.

²³⁹ *Ibid.* pg. 174

²⁴⁰ Cf. *Ibid.* pg. 174

4.1. As celebrações do sacramento da cura

O sacramento da Unção dos Enfermos é um pouco marginalizado e esquecido. Muitas vezes, nem os sacerdotes “gostam” de dá-lo, nem os fiéis de recebê-lo. É preciso realizar uma tarefa de verdadeira revalorização do sacramento que, sem ceder a interpretações externas de ontem e de hoje, o situe em seu lugar dentro do conjunto da pastoral da Igreja e mais concretamente na pastoral sacramental. cremos que para isso é necessário dar os seguintes passos: conscientizar e catequizar a comunidade cristã sobre o sentido e a importância da pastoral e do sacramento dos enfermos; situar esta pastoral sacramental no mundo cultural de enfermidade-saúde de nossos dias; ajudar a assumir o elemento trágico da vida, a dor, a enfermidade e a morte, como aspectos integrantes da condição integral humana; destacar os centros de sentido desta tarefa, com relação ao ministério libertador de Cristo e a solidariedade da Igreja-comunidade; suscitar e manter carismas, serviços e ministérios leigos que se responsabilizem de forma evangélica pelas pessoas enfermas; apoiar na pastoral diocesana e paroquial esta dedicação aos mais pobres e necessitados, que muitas vezes são os enfermos de todo tipo; optar por uma pastoral verdadeiramente evangelizadora, capaz de proclamar a Boa Nova com a palavra e o exemplo nesta situação; coordenar as diversas tarefas e serviços-ministérios e pedem à maior eficácia pastoral e testemunho.

Em todo caso, uma coisa é certa: ou o sacramento começa a ser revalorizado na vida, com um serviço de caridade e justiça “sacramental”, que crie o contexto adequado de celebração e compreensão, ou então será um sacramento desvinculado da vida²⁴¹.

Por outro lado, a visita aos enfermos tem como base a ação litúrgico-sacramental, já que existe um sacramento da Nova Aliança próprio para socorrer o homem

²⁴¹ Cf. BOROBIO, D. Unção dos Enfermos. in BOROBIO, D. (org.). *A celebração na igreja*. pg. 603-604

nos momentos mais frágeis da sua vida. E ali se exerce o sacerdócio de Cristo, tanto no seu aspecto ministerial como universal, como também se vive densamente a dimensão eclesial da fé cristã. O novo ritual, ao indicar a dimensão eclesial do sacramento, destaca a presença ativa da comunidade no serviço ao irmão enfermo.

Para isto, é preciso buscar na pastoral litúrgica uma formação adequada para tratar o enfermo e a enfermidade, em vista deste aspecto positivo do Sacramento.

Os debates sobre a ampliação do ministério da Unção e das pessoas a serem ungidas mostram que a principal questão litúrgica e pastoral é o efeito do sacramento. Tendo em vista a evolução medieval na administração do sacramento, que levou a considerá-lo como extrema-unção, a recepção da unção foi estreitamente ligada ao perdão dos pecados. Ao mesmo tempo, a Igreja insistia que o pecado grave deve ser perdoado pelo sacramento da penitência. Por isso discutiram os teólogos sobre o sentido exato do perdão proporcionado mediante a extrema-unção²⁴².

É importantíssimo refletir sobre a relação do sofrimento e doença humanos com o mistério pascal de Cristo e perguntar que promessa a morte e a ressurreição de Cristo oferecem ao doente. Ao limitar o uso do sacramento da Unção dos Enfermos às pessoas em risco de morte, esses teólogos não fizeram justiça aos efeitos corporais do sacramento. Com a mudança na formulação operada pelo Concílio Vaticano II, os efeitos corporais receberam mais atenção, de forma a relacionar o sacramento principalmente com a fé e participação na páscoa de Cristo, e não a ver nele uma ocasião de cura carismática²⁴³.

Assim, uma das preocupações centrais da reforma litúrgica da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, oferecida à Igreja e ao mundo pelo Concílio Vaticano II, foi voltar às fontes cristalinas das origens²⁴⁴.

²⁴² Cf. POWER, D. *O sacramento da Unção: questões abertas*, pg. 112[248]-113[249].

²⁴³ Cf. *Ibid.* pg. 113[249].

²⁴⁴ Cf. COSTA, V.S. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação: participação litúrgica segundo a Sacrosanctum Concilium*, pg. 15

O mistério é Deus em si, manifesto desde o início do mundo e revelado plenamente na hora de Jesus e da Igreja. No mistério da Santíssima Trindade está a fonte da liturgia, que se reproduz eternamente no céu e se celebra sem cessar na terra, até que soe a trombeta final para em Cristo tudo ser transformado²⁴⁵. “Num instante, num abrir e fechar de olhos, ao som da trombeta final, pois a trombeta tocará, e os mortos ressurgirão incorruptíveis, e nós seremos transformados.” (cf. 1Cor 15,52).

Assim, começaremos por citar a análise da natureza da liturgia e sua importância na vida da Igreja realizada pela Constituição *Sacrosanctum Concilium*, na qual trata da necessidade da participação ativa e consciente do fiel no ato litúrgico. Contudo, esse horizonte não foi atingido até agora. As celebrações litúrgicas atuais deveriam ser o principal chamariz da Igreja e o momento cume e fonte da vida de fé. Se elas são frias, vazias, ideológicas ou abusivas, temáticas, tumultuadas, confusas, é porque há muito a ser feito.

É desejo ardente da mãe Igreja que todos os fiéis chequem àquela plena, consciente e ativa participação na celebração litúrgica que a própria natureza da liturgia exige e à qual o povo cristão, “raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo escolhido” (1Pd 2,9; cf. 2,4-5) tem direito e obrigação por força do batismo²⁴⁶.

Essa participação ativa implica na interação entre os fiéis e o sacerdote na celebração litúrgica. Portanto, a participação litúrgica tem por natureza o envolvimento da pessoa inteira num processo de comunicação que ultrapassa os limites do sensível, pois quando o homem se integra a Deus, também ajuda na integração do mundo, vítima da desintegração do pecado²⁴⁷.

A partir do Vaticano II, redimensiona-se a função do ministro, não apenas como aquele que preside às celebrações sacramentais, mas também como evangelizador e catequista, não preocupando somente com o mínimo necessário para garantir a validade,

²⁴⁵ Cf. *Ibid.* pg. 20.

²⁴⁶ COSTA, V.S. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação*, pg. 39.

²⁴⁷ Cf. *Ibid.* pg. 49.

mas principalmente como aquele que procura o máximo, em vista da plena realização do sacramento. O ministro é mais do que um mero administrador: é celebrante! Não basta, pois, que execute ritos, mas que se integre plenamente, visando à plenitude da celebração²⁴⁸.

A assembléia que celebra é a comunidade dos batizados, os quais, pela regeneração e unção do Espírito Santo, são consagrados para serem casa espiritual e sacerdócio santo e para poderem oferecer como sacrifício espiritual toda a atividade humana do cristão. Este *sacerdócio comum* é o de Cristo, único sacerdote, participando por todos os seus membros (CIC n. 1141).

Além da intenção do ministro, há também necessidade do assentimento de fé de quem solicita o sacramento. O Concílio Vaticano II afirma que os sacramentos destinam-se à santificação dos seres humanos, à edificação do Corpo Místico de Cristo e ao culto a Deus, por isso, não supõem a fé, mas, por palavras e atos, a alimentam, a fortalece e a exprimem.

Embora de modo diferente, cada sacramento constitui encontro entre Deus e o ser humano. Evidentemente, não podemos situar no mesmo nível a ação divina e a colaboração humana. Deus e o homem realizam tudo o que lhes compete; o que compete a Deus, no entanto, supera infinitamente a ação humana. Nem a Igreja nem o sacramento dão origem à graça: é obra divina. Contudo, sem a fé da Igreja e a do sujeito que solicita, a graça divina não atua²⁴⁹.

Frente à situação que se apresenta, é importante que quem presida a celebração do Sacramento da Unção dos Enfermos se envolva de tal maneira, que o fiel se sinta verdadeiramente acolhido dentro da celebração, e que não seja o rito pelo rito. A celebração em si é a troca de fé entre quem preside e quem participa. Assim, é fundamental que quem celebra o faça com unção, para que o enfermo sinta verdadeiramente a presença

²⁴⁸ Cf. GOEDERT, Valter Maurício. *Sacramentos: maravilhas da Salvação*, pg. 18

²⁴⁹ Cf. *Ibid*,

de Cristo neste momento, pois o cristão vive da alegria pascal e o mesmo tem que perceber esta integração da páscoa de Cristo com a páscoa da gente.

Nenhum sacramento visa apenas conferir graça a um indivíduo. É sempre uma celebração da páscoa de Cristo pela comunidade de fé, em relação com algum aspecto da oferta de salvação e com as necessidades de indivíduos particulares na comunidade. É para toda a Igreja e é um convite à Igreja no sentido de aprofundar sua fé e seu louvor a Deus. A oferta de salvação em nome de Cristo, na comunidade de fé, é concretizada nas pessoas daqueles por quem se pede a Deus uma determinada graça, tendo fé no que se proclama²⁵⁰.

A eficácia do rito vem de sua essência simbólica, tendo relação com a transcendência, que é fundamental para a existência humana: “Onde perde as pegadas da transcendência, a existência nega a si mesma, cai sobre si mesma, coisa entre as coisas, sem reenvio, nem ulterioridade”²⁵¹.

Por isso, no Sacramento da Unção dos Enfermos, o aspecto de transcendência não deve ficar apagado pela sua característica de cura física. Neste sacramento, o fiel, também realiza um encontro com Cristo e se nutre deste encontro para levar seu projeto de vida avante ou para finalizá-lo com alegria.

Como conseguiremos mudar a atitude que a maioria dos cristãos tem diante do Sacramento dos Enfermos? Como fazer com que as pessoas esqueçam a frase: “Fizemos tudo o que a medicina poderia fazer; podem agora chamar o padre” – tão arraigada ainda na mente de todos? Isso só será possível se nos convenceremos de que este mandamento foi constituído primeiramente para os enfermos em vista da saúde. No ritual não ocorre uma única vez a idéia da morte, pois só se fala em saúde, felicidade, consolo, volta ao trabalho...²⁵².

Seguindo o ensinamento do Concílio Vaticano II, procuraremos chamar esse sacramento de Unção dos Enfermos. Depois, será conveniente chamar o sacerdote quando alguém realmente está doente. Não é preciso que esteja em perigo de morte. Precisamos considerar o Sacramento da Unção dos Enfermos não como um bilhete

²⁵⁰ POWER, D.N. O sacramento da Unção: questões abertas, pg. 116[252].

²⁵¹ Cf. GALIMBERTI, U. *Rastros do sagrado: o cristianismo e a dessacralização do sagrado*, pg. 123.

²⁵² Cf. BECKHAUSER, A. *Celebrar a vida cristã: formação litúrgica para agentes de pastoral, equipes de liturgia e grupos de reflexão*, pg. 167-168.

para o céu, mas como uma celebração da Igreja em solidariedade com o irmão enfermo. De grande eficácia será certamente o próprio doente tomar a iniciativa de mandar vir o padre²⁵³.

Isso só será viável se forem seguidas as instruções fornecidas na catequese familiar, preconizadas na Introdução ao Novo Ritual:

Na Catequese comum ou familiar os fiéis sejam instruídos a pedirem eles próprios a Unção, de modo que possam, sendo-lhes dada sem demora e em tempo oportuno, recebê-la com toda fé e devoção, sem descambar no péssimo costume de protelar o sacramento. Todos aqueles que prestam assistência a doentes devem também ser instruídos sobre a natureza da Unção dos enfermos²⁵⁴.

Por ser uma arte, o rito absorve a pessoa e a coloca em contato com as realidades que estão além dos símbolos. Para tanto, tem que contar com o conhecimento prévio, por parte dos ministros, do conteúdo da celebração, para que ela seja transmitida de forma espontânea, com espiritualidade e emoção, e não simplesmente proclamada, para que aqueles a quem ela é destinada a recebam com coração²⁵⁵.

O rito se desenvolve na beleza da arte, para atingir a mística do coração, a fim de fazer de cada componente de uma assembléia litúrgica um participante ativo na celebração dos mistérios de Cristo.

Portanto, participar de modo ativo na liturgia celebrada é ser uma parte do todo e viver o todo integralmente, apesar de ser parte. [...] é *OUVIR com o coração*²⁵⁶.

E ainda: “É preciso conhecer o mistério de Cristo (com a mente) para poder se identificar com ele (com o coração)”²⁵⁷.

Também, o rito deve ter uma linguagem simples e ser de fácil compreensão, levando o ouvinte a transcender o lugar onde se encontra. A participação litúrgica consciente mobiliza a mente e o coração, orientando a disposição para o mistério celebrado²⁵⁸.

²⁵³ BECKHAÜSER, A. *Celebrar a vida cristã*, pg. 168.

²⁵⁴ *Ibid.* pg. 168

²⁵⁵ Cf. COSTA, V.S. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação*, pg. 66.

²⁵⁶ *Ibid.* pg. 72.

²⁵⁷ Cf. *Ibid.* pg. 80.

²⁵⁸ Cf. *Ibid.* pg. 107.

Atualmente, o mais importante é resgatar o sacramento da Unção dos Enfermos, retirando-lhe o estigma de “sacramento da hora da morte” e conferindo-lhe um significado que o associe à vida, ao conforto no momento da doença e ao resgate e/ou fortalecimento da fé do doente e de seus familiares.

Na celebração da Unção dos Enfermos, a vida nova, ameaçada pelo sofrimento, encontra motivos e forças para recompor a unidade subjetiva e contornar a crise de relacionamento provocada pela enfermidade²⁵⁹.

4.2. A Comunhão dos enfermos

Para finalizar não poderíamos deixar de dizer uma palavra sobre a importância da comunhão dos enfermos como um prolongamento daquelas graças recebidas na Unção. A eucaristia não é um sacramento específico da enfermidade, mas é necessária para alimentar a disposição que a Unção cria no enfermo que a celebra com o coração. Por ser o sacramento por excelência da vida cristã, também o é para os momentos em que a enfermidade chega. Não se trata de uma ação esporádica, mas de um serviço permanente, que a comunidade tem obrigação de prestar, e os enfermos têm o direito de receber. A comunhão eucarística entra em cheio na tarefa litúrgica da Igreja com os enfermos. Assim o entendeu a Igreja primitiva, que introduziu o costume de reservar as espécies eucarísticas, precisamente para poder tornar os enfermos participantes da eucaristia. Infelizmente, hoje este ministério está sendo muito marginalizado, algumas vezes por descuido, falta de tempo ou preocupações sacramentalistas dos sacerdotes; outras por medo, complexo, despreocupação e esquecimento dos enfermos. Não faltam, tanto em uns como em outros, atitudes depreciativas do ato, ou concepções mágicas do rito. Contudo, a

²⁵⁹ Cf. GOEDERT, Valter Maurício. *Sacramentos: maravilhas da Salvação*. pg. 34

comunhão dos enfermos tem pleno sentido e valor, e deveria ocupar um lugar importante nesta pastoral²⁶⁰.

O enfermo é um membro da comunidade cristã. Por isso, o fato de visitá-lo e levar-lhe a comunhão sacramental não é um ato isolado, mas a presença litúrgica que a comunidade lhe oferece para viver “em comunhão” com Cristo, celebrando na fé, saúde e doença. É na reunião litúrgica dominical da comunidade que a visibilidade maior da Igreja aparece enquanto sacramento de Cristo. Mas é também nesta reunião litúrgica que a comunidade promove em torno de um membro enfermo, que aquela reunião dominical se prolonga, não deixando simplesmente um vazio de ausência dos dois lados. É também reconhecimento de que o enfermo continua a realizar um trabalho pastoral e de que é valorizado como membro “ativo” da comunidade²⁶¹.

A comunhão do enfermo é um ato pelo qual se manifesta a mútua vinculação. Isto se tornará mais evidente se a mesma comunidade reza, tem presente os seus enfermos, leva seu consolo e seus dons eucarísticos a eles; se o mesmo enfermo lê a Palavra que seus irmãos proclamam na Igreja, se participa da comunhão que vem da eucaristia, se leva alguma coisa para a eucaristia seja por si mesmo (no caso em que possa ir), seja por outros (oferenda, símbolos...). Esta participação e vinculação exprime o sentido que tem a comunhão do enfermo²⁶².

E assim, se levamos em conta a identidade do enfermo, a comunhão se transformará num encontro festivo com a comunidade por meio dos agentes da pastoral da saúde “enviados” pela comunidade para “visitar” o enfermo. A visita não será um rito mais ou menos frio ou rotineiro, mas um encontro fraternal, repleto do calor de uma comunidade que vive de perto a situação do irmão sofredor²⁶³.

²⁶⁰ Cf. BOROBIO, D. *Unção dos Enfermos* in BOROBIO, D. (org). *A celebração na igreja*. pg. 602

²⁶¹ Cf. RUSSO, R. *Unção dos enfermos*, pg. 260

²⁶² Cf. *Ibid.* pg. 602

²⁶³ Cf. *Ibid.* pg. 260

É muito conveniente que os enfermos e as pessoas impedidas possam receber a comunhão aos domingos, o dia do Senhor, como sinal de que a comunidade não os esqueceu e rezou por eles. Para exprimir a vinculação entre a comunidade que aos domingos celebra a eucaristia e o enfermo, poder-se-ia dar o pão consagrado aos que vão levar-lhe a comunhão antes da despedida da missa; pode ser um bom momento para fazer na prática litúrgica uma catequese dessa missão. Também seria conveniente que se lesse na casa do enfermo ao menos uma das leituras que foram proclamadas na missa do dia e se pudesse transmitir-lhe a mensagem dessa leitura²⁶⁴.

Para que a Unção seja sinal verdadeiro e merecedor de credibilidade, ela deveria constituir o momento emergente de autêntica pastoral dos doentes e dos idosos, de que se encarregam toda a comunidade cristã e, no seu setor de trabalho, sobretudo, os que mesmo profissionalmente se dedicam aos doentes, como os médicos e os enfermeiros. Recordemos a possibilidade oferecida, por meio dos ministros extraordinários da eucaristia, de propiciar aos irmãos doentes e sofredores, pelo menos aos domingos, a oportunidade de comungar o Corpo do Senhor²⁶⁵.

É evidente que a primeira coisa a ser feita é avisar ao sacerdote da paróquia, indicando a situação da pessoa enferma, de modo que possa ser visitada e esse possa levar-lhe a comunhão, se este for seu desejo. É a comunhão levada privadamente pelo sacerdote. Mas se na comunidade paroquial existe uma equipe de pessoas especialmente responsabilizadas pelo serviço de assistência aos enfermos, poderiam elas ou algumas delas ser enviadas para distribuir a comunhão aos enfermos no final da eucaristia dominical. Tratar-se-ia de um verdadeiro ato comunitário e inserido dentro da celebração eucarística²⁶⁶.

²⁶⁴ Cf. *Ibid.* pg. 260

²⁶⁵ Cf. COLOMBO, G. *Unção dos enfermos*. in *dicionário de liturgia*. pg. 1212

²⁶⁶ Cf. *Ibid.* pg. 602

Resumindo

A Unção dos Enfermos é um sacramento da vida e não um prenúncio de morte. A pastoral da saúde é a ação evangelizadora que torna presente no mundo da saúde a ação libertadora de Jesus, através deste sacramento, bem como da comunhão eucarística e do viático. Sua missão é promover o encontro do doente, de sua família, dos profissionais da saúde, das instituições de saúde e das pessoas sadias com um ministério de relação de ajuda, elevado a partir da fé em Jesus Cristo Salvador, que proporciona cura, assistência, libertação, reconciliação, sentido de vida, crescimento humano e salvação.

São agentes da pastoral da saúde todos aqueles que, em nome da Igreja, atendem às necessidades da comunidade, ajudando seus membros a encontrarem meios acessíveis para a promoção de sua saúde.

A pastoral da saúde pode ser realizada no hospital, onde aqueles que se prontificam a fazer esse trabalho devem comungar com a filosofia de trabalho já existente naquele cenário e contribuir com algo que possa ser válido para os familiares e também para os profissionais de saúde que ali se encontram. O hospital se constitui num lugar em que o agente da pastoral entra em contato com os mais diferentes tipos de pessoas, de diferentes credos, em momentos difíceis de suas vidas, devendo ele conversar, confortar e, principalmente, escutar o que o doente tem a dizer.

Na paróquia, a pastoral da saúde tem como objetivo promover, prevenir e recuperar a saúde de todas as pessoas da comunidade paroquial, através de um serviço planejado, estruturado e bem-organizado.

No domicílio, a pastoral da saúde assemelha-se àquela que ocorre no hospital. Para o sacerdote, é mais difícil encontrar os doentes nas moradias que nos hospitais. Porém, o atendimento em domicílio oferece vantagens: atendimento mais pessoal, maiores

contatos com a família e vizinhos do doente, maior entrosamento com a comunidade paroquial, maiores possibilidades de pastoral geral.

A pastoral da saúde, a nosso ver, nada mais é do que uma continuação do trabalho de Jesus, no que se refere ao cuidado que ele sempre teve para com os doentes. Afinal, *“o filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate de muitos”* (Mt 20, 28; Mc 10, 45).

Jesus desenvolveu grande parte de seu ministério aproximando-se das pessoas e cuidando de seus problemas. Os Evangelhos relatam inúmeras visitas de Jesus às casas das pessoas para curar suas aflições, fossem elas físicas ou espirituais, como verificamos no trecho a seguir:

E Jesus entrando em casa de Pedro, viu a sogra deste jazendo com febre. E tocou-lhe na mão, e a febre a deixou; e levantou-se, e serviu-os;
E, chegada a tarde, trouxeram-lhe muitos endemoninhados, e ele com a sua palavra expulsou deles os espíritos, e curou todos os que estavam enfermos.
Para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta Isaías, que diz: Ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e levou as nossas doenças (Mt, 9, 14-17).

Como a presença de Jesus na Igreja se dá de forma sacramental, é sobretudo, em torno do sacramento da Unção dos Enfermos que a obra Jesus em relação aos enfermos continua na missão da Igreja. Portanto, a celebração bem preparada e bem feita da Unção dos Enfermos e da comunhão eucarística, sobretudo aos domingos, é o eixo de toda pastoral da saúde e do cuidado com os enfermos.

CONCLUSÃO FINAL

Nosso objetivo era mostrar que, como o Concílio Ecumênico Vaticano II intuiu, o Sacramento da Unção dos Enfermos é um sacramento destinado a promover a vida dos sujeitos que os recebem, e não para celebrar sua morte. Isto fica mais por conta do viático. O sujeito do sacramento da Unção é o doente grave ou idoso, por causa das debilidades da idade.

Por isso, fizemos uma caminhada sintética através da história do Sacramento da Unção dos Enfermos, começando pelas palavras e gestos de Jesus, firmados na era apostólica e assumidos na Igreja primitiva.

Lá percebemos claramente que a fonte da sacramentalidade da Unção está profundamente ligada com a busca da vida e o socorro divino.

Até o século VIII, a primazia da benção do óleo garantia esse aspecto tanto voltado para a vida pessoal como eclesial, dando ao enfermo bastante liberdade de uso do óleo bento pela Igreja.

A partir do VIII século começa um movimento de clericalização e de deslocamento da primazia da benção para a aplicação. Esta tendência chega ao seu auge com o fenômeno dito carolíngio, que retrata toda uma modificação que afeta a sacramentalidade da Igreja, o que coincide com a reformulação do Sacro Império Romano Germânico, por Carlos Magno. Durante esta época dão-se mudanças importantes no sentido, na aplicação, na celebração, nos sujeitos, nos ritos e na praxis. Entre estas mudanças estão: a proliferação dos rituais, a ritualização celebrativa, a acentuação aplicativa, a clericalização sacramental, a espiritualização dos efeitos, a penitencialização do sacramento e a extremização dos sujeitos.

O Concílio de Trento aprovou a doutrina da escolástica, que tinha consagrado o termo extrema-unção. Contudo, tentou tirar-lhe o caráter de extremização.

Mas foi o Concílio Vaticano II, na estria do movimento litúrgico, que por sua vez, ressaltava o desejo iluminista de uma verdadeira busca das fontes, que trouxe à luz a pascalidade e o sentido de busca de vida que o Sacramento da Unção dos Enfermos encerra.

Na análise antropológico-teológica deste Sacramento, vimos também como isso tudo se reafirma a partir da essência do rito e da sua linguagem teológica. Não há nenhum elemento ritual neste sacramento que tenha características fúnebres. Muito pelo contrário, é um sacramento que fala da vida e a promove nos momentos em que o cristão se encontra mais fragilizado.

Por último, no delineamos uma pastoral e uma ritualidade sacramental que possam corresponder ao que a Igreja fazia desde as origens deste sacramento, e que acabou sendo afetado negativamente pelo movimento carolíngio.

Neste sentido, ressaltamos fundamentalmente duas coisas.

A primeira é que a pastoral deve ser organizada e os ministros bem preparados, do ponto de vista técnico e místico. A assistência religiosa aos hospitais não encontra muita facilidade por causa de uma mentalidade hospitalar que não vai ao encontro à teologia que ressaltamos neste trabalho. Persiste a idéia de que a assistência religiosa fica para o momento extremo.

A segunda, e que diz mais respeito ao campo específico desta tese, as celebrações da Unção e as comunhões dos enfermos devem ser momentos litúrgicos de qualidade tanto no nível da arte celebrativa, quanto da fé. Aí também não pode haver improvisações ou ritualismo frio. Esses são momentos chaves para que o Sacramento da Unção dos

Enfermos represente um sacramento da vida e possa ser aplicado maestria nos tempos atuais.

Assim sendo, este sacramento é um momento muito especial para ajudar o doente a se sentir membro vivo da comunidade eclesial. Esta poderá, através de visitas, ir ao encontro e reanimá-lo dando força para enfrentar a sua situação com um olhar de fé, uma celebração comunitária da Unção dos Enfermos poderá ser um sinal da fraternidade e atenção para com os doentes.

Assim, a Unção dos Enfermos é uma oportunidade para a pessoa fazer uma experiência da Graça de Deus que se dá através deste sacramento que restituirá alguns membros da comunidade à qual poderão testemunhar a presença de Deus em suas vidas, uma oportunidade de aproximação e integração da família e do enfermo, abrindo assim uma perspectiva de esperança para o enfermo.

Aqui neste trabalho procuramos chamar a atenção para a situação dos enfermos e a responsabilidade que todos nós temos com relação a eles e o quanto a Igreja deve contribuir nesta missão com o seu profético e evangelizador.

BIBLIOGRAFIA

SAGRADA ESCRITURA

BIBLIA Sagrada de Jerusalém. São Paulo: Paulinas. 1985.

MAGISTÉRIO

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II: *Constituição Dogmática Lúmen Gentium sobre a Igreja* in COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Vozes, 1991. pg. 37-117

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia*. in COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Vozes, 1991. pg. 257-306

CÓDIGO do Direito Canônico. São Paulo: Loyola, 1995.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

CELAM. *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio*. São Paulo: Paulinas, 1987 (Documento de Medellín).

CELAM. *A evangelização no presente e no futuro da América Latina*. São Paulo: Loyola, 1979 (documento de Puebla).

CNBB. *Pastoral da Saúde*. São Paulo: Paulinas, 1980. . (Doc. 9)

CNBB. *Manual dos Doentes*. 13.ed., São Paulo: Paulinas, 2003. (Doc. 2)

CNBB. *Pastoral da unção dos enfermos*. 17^a Assembléia Geral – Itaiçi, 18-27 de abril de 1979. São Paulo: Paulinas, 1979.

CNBB. *Ritual da unção dos enfermos e sua assistência pastoral*. São Paulo: Paulus, 2000.

COLLANTES, J. *A fé católica: documentos do Magistério da Igreja: das origens aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Lúmen Christi; Anápolis, Diocese de Anápolis, 2003.

TRADIÇÃO Apostólica de Hipólito de Roma: liturgia e catequese em Roma no século III.

Petrópolis: Vozes, 2004

DICIONÁRIOS

BRESSARI, E. Unção dos enfermos. *Dicionário interdisciplinar da pastoral da saúde*.

São Paulo: Paulus/Centro Universitário São Camilo, 1999.

BRUNON, J.B. Imposição das mãos. In: LEON-DUFOUR, X. *Dicionário de teologia*

bíblica. Petrópolis: Vozes, 2002, col. 437-438.

COLOMBO, G. Unção dos enfermos. *Dicionário de liturgia*. 2.ed., São Paulo/Lisboa:

Paulinas, 1992.

PISTOIA, A. História da salvação. *Dicionário de liturgia*. 2.ed., São Paulo/Lisboa:

Paulinas, 1992

YONGBLOOD, R.F. et al. Testa, fronte. *Dicionário ilustrado da Bíblia*. São Paulo:

Paulinas, 1982.

LIVROS

ALMEIDA, C. *Como tratar com um doente*. São Paulo: Paulinas, 1982.

ÁLVAREZ, J. “... y él los curó” – *Historia e identidad evangélica de la acción sanitaria*

de la Iglesia. [s/l], Clarentinas, 1995.

ÁRIES, F. *El hombre ante la muerte* (tradução do francês). Madri, 1983.

AUBERT, R. *Il pontificato di Pio IX*. Turim, 1964.

AUGE, M. *Liturgia: história, celebração, teologia espiritualidade*. São Paulo: Ave-Maria,

1998.

BALDESSIN, A. *Como fazer pastoral da saúde?* São Paulo: Loyola, 2000.

- BALDESSIN, A. *Como visitar um doente: orientações práticas para padres, pastores e agentes da pastoral da saúde*. 3.ed., São Paulo: Loyola, 2004.
- BARAÚNA, G. *A Sagrada liturgia renovada pelo Concílio: estudos e comentários em torno da Constituição Litúrgica do Concílio Vaticano Segundo*. Petrópolis: Vozes, 1964.
- BARCHIFONTAINE, C.P. *O agente de pastoral e a saúde do povo*. 2.ed., São Paulo: Loyola, 1996.
- BAUTISTA, M. *O que é pastoral da saúde?* São Paulo: Paulinas, 2000.
- BECKHAÜSER, A. *Celebrar a vida cristã: formação litúrgica para agentes de pastoral, equipes de liturgia e grupos de reflexão*. 5.ed., Petrópolis: Vozes, 1991.
- BETANCOURT, D. *A cura pelos sacramentos*. 2.ed., São Paulo: Loyola, 2002.
- BOER, S. *Por uma liturgia libertadora: a unção coletiva dos doentes*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- BOROBIO, D. *A celebração na Igreja*. Vol. I – Liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 1990.
- BOROBIO, D. *A celebração na Igreja*. Vol. II – Sacramentos. São Paulo: Loyola, 1993.
- BOROBIO, D. *A celebração na Igreja*. Vol. III – Ritmos e tempos da celebração. São Paulo: Loyola, 2000.
- BOTTE, B. *O movimento litúrgico testemunho e recordações*. São Paulo: Paulinas 1978.
- BSURKO, X. E OENAGA, J. A Vida Litúrgico-sacramental da história em sua evolução histórica. 37-147 (7 O movimento Litúrgico) In: BOROBIO, D. (org) *A celebração na Igreja I – Liturgia e sacramentologia fundamental*. São Paulo: Loyola 1990.
- CASTELLANO CERVERA, J. Il sacramento dell'unzione degli infermi. In: *La Chiesa salvezza dell'uomo*. II, Roma: Città Nuova, 1986

- CELAM. *Manual de liturgia*. Vol. I – A celebração do mistério pascal: introdução à celebração litúrgica. São Paulo: Paulus 2004.
- CELAM. *Manual de liturgia*. Vol. II – A celebração do mistério pascal: fundamentos teológicos elementos constitutivos. São Paulo: Paulus 2005.
- CELAM. *Manual de liturgia*. Vol. III – A celebração do mistério pascal: os sacramentos: sinais do mistério pascal. São Paulo: Paulus 2005
- CHAVASSE, A. *Étude sur l'onction des infirmes dans l'Église latine du III^e siècle au XI^e siècle*. Tese datilografada, Facultés Catholiques de Lyon, 1938.
- CHUPUNGCO, A.J. (ed.). *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. Anámnese 4. São Paulo: Paulinas, 1989.
- COELHO, A. *Curso de liturgia romana*. 3.ed., tomo I, Negrelos-Portugal: Ora & Lalora, 1950.
- COMBLIN, J. *A Igreja e sua missão no mundo: breve curso de teologia: a unção dos enfermos*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- COSTA, V. S. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação: participação litúrgica segundo a Sacrosanctum Concilium*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- DAL PINO, F. et al. *Liturgia e terapia. A sacramentalidade a serviço do homem na sua totalidade*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- DE BOER, S. *Por uma liturgia libertadora. A unção coletiva dos doentes*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- FAVRETTO, A. *O doente: razão de ser no hospital*. Santos: Danúbio, 1975.
- FAVRETTO, A. *Pastoral da saúde na paróquia*. 3.ed., São Paulo: Loyola, 1997
- FERREIRA, I. *Unção dos Enfermos: sacramento da esperança cristã*. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1982.

- GALIMBERTI, U. *Rastros do sagrado: o cristianismo e a dessacralização do sagrado*. São Paulo: Paulus, 2003.
- GEMELLI, L. *Para os que sofrem*. São Paulo: Ave-Maria, 1982.
- GÓIS, J.D. *Breve curso sobre sacramentos*. São Paulo: Loyola, 1986.
- GUIMARÃES, A. *Encontros com Cristo os sete sacramentos da Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- GUSDORF, G. *L'expérience humaine du sacrifice*. Paris: P.U.F., 1948.
- HORTAL, J. *Os sacramentos da Igreja na sua dimensão canônico-pastoral*. São Paulo: Loyola, 1987.
- LACERDA, P. *Os sete sinais do amor*. São Paulo: Paulinas, 1979.
- MAYER, P. *Unção dos Enfermos: sacramento ou tabu?* Petrópolis, Vozes, 1968.
- MIRANDA, A.A. *O que é preciso saber sobre a unção dos enfermos*. Aparecida: Santuário, 1989.
- MONFORT, F. *Os sacramentos para que servem?* São Paulo: Paulinas, 1979.
- MORTIMONT, A.G. (org.). *A Igreja em oração. Introdução à liturgia*. Vol. III – Os sacramentos. Petrópolis: Vozes, 1991.
- NEUNHEUSER, B. O movimento litúrgico: panorama histórico e linhas teológicas. In: NEUNHEUSER, B. et al *A liturgia: momento histórico da salvação* (ANÁMNESIS I) São Paulo: Paulinas, 1986.
- ORTEMANN, C. *A força dos que sofrem*. História e significado do sacramento. São Paulo: Paulinas, 1978.
- PENIDO, M.T.L. *Iniciação teológica o mistério dos sacramentos*. Petrópolis: Vozes, 1968.
- RAHNER, K. Pour une théologie de la morte. In: *Écrits théologiques*, III, Paris: Desclée de Brouwer, 1963.

- REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em 5 de outubro de 1988. 35.ed. atual. e ampl., São Paulo: Saraiva, 2005.
- RIGHETTI, M. *Manuale di storia litúrgica*. V. IV, Milano: Àncora, 1959.
- ROCCETTA, C. *Os sacramentos da fé. Ensaio de teologia bíblica sobre os sacramentos com “maravilhas da salvação” no tempo da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- ROCHA, A.P. *Catecismo do enfermo: evangelho da esperança*. Aparecida: Santuário, 1980.
- ROCHA, G.L. *As introduções gerais dos livros litúrgicos*. São Paulo: Paulus, 2003.
- SCICOLONE, H. Unção dos enfermos. In: NOCENT, A. et al. *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. Anámnese 4. São Paulo: Paulinas, 1989
- SHLEMON, B.L. *Curar como Jesus curou: o sacramento da unção dos enfermos*. São Paulo: Loyola, 1981.
- SOBRINHO, J. V. *Sacramentos – Formação permanente – estudos e celebrações catequético-litúrgicas para adultos*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- VV.AA. - Instituto de Teologia e Ciências Religiosas (PUC/25). *Sacramentos – Formação permanente – Estudos e celebrações catequético-litúrgicas para adultos*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- VALABREGA, J.P. *La relation thérapeutique*. Paris: Flammarion, 1962.
- VENDRAME, C. *A unção dos enfermos*. São Paulo: Paulinas, 1974.
- VENDRAME, C. *O serviço religioso no hospital*. São Paulo: CEDAS, s/d.
- VENDRAME, C. *A cura dos doentes na Bíblia*. São Paulo: Loyola/São Camilo, 2001.

REVISTAS

- CASTELLANO CERVERA, J. Los sacramentos de curación: La dimensión sanante de la penitencia y de la unción de los Enfermos e a luz del catecismo de la Iglesia católica. *Phase*, n. 198, 1993, p. 205-221.
- DEPOORTERE, K. Evolução recente em torno da unção dos enfermos. *Conc*, n. 278, 1998, p. 110-123.
- D.J.E.E. Novos documentos sobre a Unção dos Enfermos. *Liturgia e Vida*, n. 153, 1970, p. 49-51.
- FEINER, J. A doença e o sacramento da unção dos enfermos. *MySal*, v. II, p. 261-312.
- FRANCISCO, M. O Espírito Santo e a unção dos enfermos segundo o novo ritual. *Liturgia e vida*. n. 153, p. 6-14, 1979.
- GRESHAKE, G. Unção dos enfermos: o vai-e-vem entre cura física e espiritual. *Cons(Br)*, n. 278, 1998, p. 98-109.
- GUETERAS, J. La unción de los enfermos en el Catecismo de la Iglesia Católica. *Phase*, n. 230, 1999, p. 149-166.
- NETO, F.L. A influência da religião sobre a saúde. *Ultimato*, jul./ago., 1998.
- PEDRINI, A. Il dato pneumatologico e la dimensione epicietica nel nuovo rito nell'Unzione degli Infermi. In: *Ephemerides Liturgicae*, v. 89, 1975.
- POWER, D. O sacramento da unção: questões abertas. *Concilium(Br)*, n. 234, São Paulo: Vozes, 1991/2.
- VALLE, S. Penitência e unção dos enfermos. *Ir ao Povo*, n. 74, 2002.